FON FON
Março Abril 1934
AH! QUE GRACINHA.

O CONTO BRASILEIRO

DESENCANTO DE GENTE RÚSTICA

De NEWTON SAMPAIO

PARA quem viésse lá das bandas do Laranjinha, com destino á ponta da estrada de ferro, a fazendola de "seu" Euzebio das Neves representava um verdadeiro achado naquella zona quasi deshabitada do sertão paranaense.

Depois de cavalgar horas e horas, supportando o inferno da soleira damnada, e vencendo kilometros e mais kilometros sem encontrar siquer um ranchinho de caboclo, o viajeiro por mais acostumado que fôsse, não podia disfarçar nunca uma ruidosa manifestação de alegria ao ver repontar, no fundo azulado do Pico Agudo, o casarão branco onde morava o generoso Euzebio das Neves. E, pondo no "arre! até que emfim!" usual todo o desabafo da cansativa jornada, transpunha a porteira entoando mil "graças a Deus" á santa idéa do sertanejo pacato em estabelecer-se por aquellas alturas.

Muita razão tinham, na verdade, os caminhantes em desejar attingir, com tanto ardor, aquelle ponto da estrada. Pois, a qualquer hora e em qualquer dia, a casa de Euzebio das Neves recebia a todos com a maior bôa vontade, dispensando sempre uma captivante acolhida. Cama fôfa para poiso, si preciso, mesa farta de pitéus simples, mas cheios de sabor e de sustancia, palestra agradavel, tudo isso era ali encontrado e cedido despretenciosamente a quem passasse.

* * *

Euzebio das Neves era mineiro de nascimento. E, vivendo embora, havia muitos annos, longe do Coroaci inesquecivel, jamais perdêra aquelle geito hospitaleiro que distingue, que faz estima ao povo das Alterosas.

Sua fama, por isso, corria de bôcca em bôcca, naquelle pedaço do nordeste paranaense. E era mesmo um gosto a gente aportar á fazendola onde o "seu" Euzebio fazia a vida engordando porcos, revolvendo a terra, e passava os dias rodeado pelo carinho da mulher e dos filhos.

* * *

Num sabbado que fôra cheio de sol e fôra cheio de serviço (o sol já ia mergulhando atraz do Pico Agudo, e o serviço, lá pelas cinco horas fôra posto de banda) — num sabbado como qualquer outro, a porteira da frente gemeu preguiçosa para deixar passar um cavallo resfolegante e um guapo cavalleiro.

O cavalleiro era Lauzinho, filho do compadre Cornelio. E o cavallo era o zaino do mesmo compadre Cornelio.

Esse Lauzinho não tinha mais que 23 annos. E accusava-se, logo á primeira vista, com o typo do rapagão nascido e criado no sertão. O mundo, para elle, não precisava ir além da ponta da linha de ferro em Barra Bonita (embora, já uma vez, tivesse praticado a violencia de chegar até Tomazina, a cabeça da comarca), e podia-se resumir na menina de "seu" Euzebio, — a Maria Rosa, — por causa de quem, todo sabbado, depois do meio dia, punha uma roupa melhor, ensilhava o zaino, e enveredava pelas estradas ásperas, sob o sol barbaro. Seu costume era poisar na fazendola do Euzebio, e só no domingo, de noitezinha, retomar o caminho de casa, disposto ás lidas da semana, e levando no coração o alvorôço de uma grande saudade, e nos olhos a imagem seductora da caboclinha querida.

* * *

Maria Rosa representava tudo para Lauzinho, que nunca se affeiçoára a outra moça, e, mesmo, não queria saber de outros amores. Uma vez que fôra fazer compras em Barra Bonita, uma serigaita qualquer, de vestidinho curto e beiços vermelhos, tentára, muito *simsinhora*, namoricar o coitado do sertanejo. Lauzinho, porém, não quizéra saber de historias. E quando, no sabbado seguinte, foi visitar a Maria Rosa, achou-a mais amoravel que nunca, na pureza sem par de seus 18 annos, e no encanto inegualavel de sua timidez innata.

Tudo para Lauzinho se resumia em Maria Rosa. Por causa della vivia a mourejar, de sol a sol, em um promissor pedaço de chão. Por causa della vinha, toda a semana, nem que chovesse canivete, até o casarão branco do Euzebio das Neves gozar algumas horas de convivio com a deusinha de seus sonhos rusticos. E Maria Rosa bem que merecia tudo isso. Seus olhos eram tão bonitos... E seu amôr parecia tão grande, tão do fundo do coração...

* * *

Naquelle sabbado, Lauzinho chegára mais cêdo que de costume. O sol só mostrava um pedaço de sua rodela vermelha, e as primeiras sombras da noite iam avançando, já, longas e invenciveis, a leste do Pico Agudo, como que abençoando a faina árdua dos sertanejos valorosos.

Estivéra percorrendo trechos do terreno de um compadre do pae, e, em compensação, trazia no peito mais floridas esperanças de logo conseguir o necessario para o casamento.

Maria Rosa recebeu-o com os mesmos olhos de sempre. Lauzinho não fazia nada por mal. Em nada, portanto, havia razão de zanga.

* * *

Um dia, as portas do casarão branco abriram-se para receber um tal de dr. Ernesto, um engenheiro que andavá estudando a região.

O trato de velho Euzebio captivou-o. E como tivesse de permanecer algum tempo naquellas bandas, acceitou a hospitalidade que lhe era offerecida.

— Mas, senhor Euzebio. Creio que lhe vou cansar com tanta amolação. O meu serviço é um pouco demorado...

— Qual nada, seu doutor! A casa de caboclo pobre é rica de bondade. Tudo aqui é seu. Faz de conta que o doutor Arnesto é agora de minha famlilhagem. Depois... o que é mais uma concha de feijão na panela. Graças a Deus e a Nossa Senhora da Apparecida, as coisas vão melhorando... vão melhorando...

— Fico-lhe muito grato, senhor Euzebio. Quando houver opportunidade, retribuirei seus favores.

— Nem é preciso, doutor. Nem é preciso.

* * *

(*Continúa na pag. seguinte*)

O doutor não poude ficar indifferente aos encantos caboclos de Maria Rosa. A sertanejinha, no atravessar de seus 18 annos banaes, estava no auge da floração do sexo.

Belleza espontanea, belleza sem artificios, belleza que surgira e se aprimorára aos raios de todos os sóes, á humidade de todas as chuvas, ao contacto de todo o oxygeneo puro do sertão, ao descanso de todas as noites longas e calmas, ao gozo de uma vida sem maiores sensações do que pular da cama ás cinco, receber no dorso macio as aguas da cachoeirinha, trabalhar numa coisa e noutra, esperar o sabbado e a vinda do Lauzinho; belleza amiga da natureza e cheia de castidade, Maria Rosa não tinha conhecimento das armas irresistiveis que possuia para incendiar o coração dos homens, e prendêl-os nas malhas das paixões perdidas.

Por isso, não levava a mal os olhares do engenheiro quando, de

DESENCANTO DE

(Continuação)

manhãzinha, lhe servia o café. Por isso, não via, nas gentilezas extremadas, mais do que uma gratidão ao bom acolhimento do pae.

Insomne no leito fôfo, o dr. Ernesto revolvia-se, nervoso:

— Diabo de garota dynamite. E vá agora um pobre diabo ficar a vontade perto de um abysmo destes.

No emtanto, era preciso respeitar a casa do velho mineiro. Era preciso.

* * *

Certa vez, — a vida gosta mesmo de jejuar com a gente, — certa vez, o engenheiro se viu a sós com Maria Rosa. O fogo do sol que lhe escaldára o sangue durante o dia, no meio do matto, deixára fagulhas nas veias. E disse da paixão que lhe andava no peito. E disse das seducções daquellas carnes magnificas. E disse da quebradeira que punha n'alma aquelle olhar indefinivel...

Maria Rosa, vermelhinha, vermelhinha, libertou as mãos e sahiu correndo para o quarto, com o coração aos pulos. Viu-se em frente ao espelho de moldura feia que havia perto da cama da mãe. E só então começou a notar as linhas de seu corpo. E só então o sexo lhe bradou barbaramente do fundo das entranhas.

* * *

Quando Lauzinho apeou do cavallo e deu logo de frente com aquelle aquelle rapaz de terno de

O QUE SE

A LEPRA E A CABRA

Em todos os logares onde ha lepra, existem cabras. Antigamente, o Egypto, a Arabia, a Asia Menor e a India eram os centros de creação de cabras e de lepra. A lepra e a cabra entraram juntos na Grecia, na Hespanha e na Italia. A lepra, na França, era abundante no tempo em que o consumo de carne de cabra superava o de carne de vacca. Na Dinamarca, quando a criação de cabras, naquelle paiz, era numerosa, havia para mais de vinte leprosarios. Nos Estados Unidos da America, nas antigas colonias hespanholas e portuguezas, quando lá entrou a cabra, entrou com ella a lepra.

Com taes dados, os medicos modernos acreditam que seja a cabra quem transmitte a lepra ao homem.

A cabra apresenta duas fórmas

GENTE RUSTICA

(Conclusão)

casemira, bonito e passadinho, mal poude disfarçar o enfado. Tinha um rancor invencivel aos moços da cidade. Ainda mais no casarão branco do "seu" Euzebio das Neves. Durante o domingo, causaram-lhe um aborrecimento immenso as maneiras gentis do doutor. E, pela primeira vez, voltou profundamente triste, montado no zaino do compadre Cornelio, e dentro da noite linda que as estrellas tornavam admiravel com seu piscar malicioso.

* * *

No sabbado seguinte, Lauzinho empurrou a porteira preguiçosa lá pelas quatro horas, quando o sol ainda estava impiedoso. Desencilhou o zaino, passou as costas da mão pela testa salpicada de suor, e ficou esperando a Maria Rosa, que ainda estava no corrego.

Quando chegou, ella lhe deu um cumprimento muito diverso do que elle estava acostumado a receber. A moçoila pareceu-lhe differente, sem aquelle olhar que demonstrava um amôr muito sincero, muito do fundo do coração.

— Uai! Maria Rosa. Você parece que não'tava com saudade da gente...

— Saudade? Como não? E' que nem todo o dia tem pão quente. Não é toda a vez que eu posso estar ahi, mostrando os dentes p'r'ocê...

O engenheiro vinha chegando. Maria Rosa correu para dentro. E voltou depois com um vestido bonito, com o cabello muito penteadinho, e até, (pareceu a Lauzinho), e até de pintura no rosto.

* * *

O domingo foi insupportavel. O moço sertanejo tinha impetos de esganar o tal doutor Ernesto. Pois elle é que viéra deixar differente a Maria Rosa, a deusinha de seus sonhos rústicos.

Ferido em seus brios, Lauzinho amarfanhou no coração o desejo de ser feliz um dia. E a sua despedida foi a coisa mais sêcca deste mundo. Tanto que sahiu mais cêdo do que de costume.

* * *

Quando a porteira gemeu preguiçosamente para deixar passar, pela ultima vez, um cavallo e um cavalleiro (o cavallo era o zaino do compadre Cornelio e o cavalleiro era o filho do mesmo compadre Cornelio) — o sol só mostrava um pedaço da rodela vermelha. E as primeiras sombras da noite iam avançando já, longas e invenciveis, a leste do Pico Agudo, como que amortalhando o desencanto que punha luto no coração do Lauzinho.

E o cavallo e o cavalleiro enveredaram pela estrada deserta, que leva p'ras bandas do Laranjinha, emquanto, lá no céu, as estrellas punham malicia no geito de piscar...

DEVE SABER

de tuberculose: uma, identica á tuberculose bovina; e eutra caracterizada por certos grãos amarellados, duros, quebradiços, que são tambem encontrados no organismo interno dos leprosos.

O mal póde ser transmittido ao homem pelo leite, ou pelo contacto, ao ordenhar.

ALIMENTAÇÃO SYNTHETICA

O grande chimico norte-americano J. du Pont disse:

"O estudo das glandulas de secreção interna conduzirá o homem ao descobrimento de algum reactivo que, convenientemente distribuido no systema physico, conservará no individuo o vigor da juventude até os setenta annos.

"Descobrir-se-ão antidotos contra todas as enfermidades e uma alimentação tão synthetica, que eliminará todos os obstaculos da digestão."

FESTAS...

NA manhã de Natal, no anno passado, o correio me trouxe, entre outras cartas, esta, desconcertante e commovente:

"Senhor.

"Da agonia da insomnia, sobre um leito no qual me foi impossivel repousar, sahi para o desabafo indispensavel desta carta, certamente importúna. Antes de lêl-a, perdôe-me o escrever-lha.

"Sou pae. Tenho aqui, a dormir, no quarto ao lado, sobre uma cama pequenina e muito pobre, uma pequenina e pobre filha. Um anjo rosado e lindo, que é o encanto maior, si não o unico, da nossa vida attribulada. Para esse anjo é que vivemos, minha companheira e eu, dedicados a essa existencia incipiente, que nosso amôr gerou e que é a nossa vida mesma.

"Pois bem, senhor. A' hora de deitar-se, hoje, minha filhinha, — que traz constantemente á flôr dos labios um sorriso que é um encanto, que ri sempre, trazendo um pouco de alegria a dois corações de pobres — á hora de deitar-se, hoje, minha filhinha chorou. E foram as suas lagrimas infantis, senhor, — que eu tentei sêccar a beijos — que, cahindo-me sobre a alma, descendo-me ao coração, o queimaram e causticaram-no, privando-me, até agora, do somno necessario ao trabalhador que sou.

"Chorou, a minha pequenina. Ouvira dizer ás companheiras que hoje era vespera de Natal. E quiz, ella tambem, collocar seus sapatinhos aos pés da cama, para esperar Papae Noel... E a coitadinha não tem sapatos... Seu espirito de creança não attinge as desigualdades da vida. Sua intelligencia, ainda a formar-se, não aprecia as desigualdades sociaes. E ella, ingenua, innocente, não comprehendendo que sou pobre, que não lhe posso dar o que outros paes dão ás filhinhas, e, desejando os sapatinhos, para receber os brinquedos, como chorou, senhor! como chorou de cortar o coração!

"A mãe a consolou. Mentiu-lhe, dizendo que o Papae Noel, nas casas dos pobres, não faz questão de encontrar sapatos. E que, quando tem de botar brinquedos, os põe no chão mesmo, em qualquer canto, fóra mesmo dos sapatinhos...

"E logo lhe preveniu o espirito:

" — Mas olha, filhinha: não é sempre que elle dá presentes, aos meninos pobres como tu...

" — Mas pra mim elle traz, não

A SIMPLICIDADE

ENTÃO, sentou-se Satan no alto de uma collina e contemplou a casa dos Irmãos. Elle era negro e bello, semelhante a um joven egypcio. E em seu coração elle pensou:

— Porque sou o Adversario e porque sou o Outro, tentarei esses monges, e direi tudo quanto cala. Aquelle que é o amigo delles. Affligirei esses religiosos dizendo-lhes a verdade e hei de entristecêl-os com os meus razoaveis discursos. Farei penetrar o pensamento qual uma espada em seus rins. E quando souberem a verdade, serão infelizes.

Porque só ha alegria na illusão e só na ignorancia se encontra a paz. E porque sou o mestre daquelles que estudam a natureza das plantas e dos animaes, a virtude das pedras, os segredos do fogo, o curso dos astros e a influencia dos planetas, os homens chamaram-me o Principe das Trévas. E o meu reino é deste mundo. Ora, eu tentarei esses monges, e farei que elles reconheçam que as suas obras são más e que a arvore da caridade dá amargos frutos. E eu os tentarei sem odio e sem amor.

Assim pensou Satan em seu coração. No emtanto, como as sombras da noite se alongavam ao pé das collinas, e como se evolasse a fumaça dos telhados das choupanas, Giovanni, o santo homem, sahiu do bosque onde costumava orar, e tomou o caminho de Santa Maria dos Anjos, dizendo:

— A minha casa é a casa das delicias, porque ella é a casa da pobreza.

E, vendo frei Giovanni, que caminhava, pensou Satan:

— Aquelle é um dos que eu tentarei.

Cobriu a cabeça com o seu manto negro e foi ao encontro do santo monge. Tomára os aspecto de uma viuva; e, ao encontrar-se com frei Giovanni, disse:

— Dae-me uma esmola por amor Daquelle que é vosso amigo e cujo nome eu não sou digno de pronunciar.

E o monge respondeu:

— Tenho commigo uma taça de prata que um senhor do paiz me deu para ser derretida e empregada na ornamentação do altar de Santa Maria dos Anjos. Tomae-a, senhora; amanhã irei pedir ao bom senhor que me dê uma outra para a Virgem Santa. Assim serão cumpridos os seus desejos, e vós tereis tambem recebido a esmola pelo amor de Deus.

Satan tomou a taça e disse:

— Permitti, bom irmão, que uma pobre viuva vos beije a mão. A mão que dá é doce e perfumada.

Frei Giovanhi respondeu:

— Em vez de beijar-me a mão, afastae-vos, senhora. Pareceis formosa de rosto, embora escura como o rei mago que levou a mirrha. E não convém que eu vos olhe mais. Porque ao solitario tudo é motivo de perigo. Assim, pois, eu vos deixo, recommendando-

é, mamãezinha? Eu fui bôa, sempre...

"E a coitadinha dormiu nessa esperança.

E elle não trará, senhor! Não trará, porque... Oh! mas é torturante para um pae que ama a filha como eu a amo, não lhe poder satisfazer a um desejo, assim! E nós não podemos, senhor!

"Que horror, para nós, amanhã cêdo, o accordar do nosso anjinho! Irá percorrer, ansiosa, afflicta, esperançosa, a casa toda, na convicção de que o Papae Noel não lhe deixou de attender. Ella pediu bem pouco: uma boneca, tão só!

"E não a encontrará. Avalio as lagrimas que chorará, desapontada. Avalio as lagrimas que teremos, sua mãe e eu, de retêr nos olhos, consolando-a, mentindo-lhe, sorrindo para ella, a procurar disfarçar para que se caie!

De Galvão de Queiroz

"Não encontrará a boneca, tão desejada. Achará, em logar della, um desapontamento, o amargôr de uma decepção e o espinho de uma magoa, que lhe ferirá, bem fundo, o coração.

"E convencionou-se chamar, senhor, á época que atravessamos, de "época das festas"... Para os ricos, sim! Só para os ricos. Para os pobres, isso não! Para os pobres, como o senhor vê, não ha festas, meu senhor. Para os pobres só ha dôr e soffrimento...

"Escrevo-lhe, senhor, para que o senhor, que é pae — e pae de um anjinho louro e rosado como o é o meu — o senhor, que escreve nos jornaes, tome da sua penna e faça um artigo sobre as creanças pobres que não têm festas, sobre o Natal dos pobrezinhos. Escreva, meu amigo. Escreva lembrando aos ricos, a esses a quem o dinheiro sobra e não faz falta, que ha outras creanças, além dos seus filhos; que essas creanças, amanhã, dia de Natal, não saberão o que seja a alegria de receber um mimo, um simples brinquedo ou um dôce, isso que seus filhos ganham ás dezenas. Faça isso como jornalista e faça isso como pae. Não é para a minha filha que estou pedindo: é para todas as outras creancinhas filhas de paes pobres que, hoje, na noite maior e mais festiva para os filhos de Deus, soffrem, como soffro, a agonia dessa insomnia perturbadora, o coração cortado pelo pranto dos seus filhinhos, que querem festas e não terão, que esperam Papae Noel, mas não o verão chegar, e que, do Natal de Jesus, guardarão, apenas, o travo de uma desillusão e a dôr de seus desejos insatisfeitos..."

De Anatole France

vos a Deus. E perdoae-me se faltei com a polidez. Porque São Francisco dizia: "A cortezia é o ornamento de meus filhos, assim como as flôres ornam as collinas".

Mas Satan disse ainda:

— Meu bom pae, indicae-me ao menos uma hospedaria onde eu possa passar honestamente a noite.

Respondeu o monge:

— Ide, senhora, á casa de São Damiano, dos pobres de Nosso Senhor. Aquella que vos receberá é Clara, e é um claro espelho de pureza; ella é a duqueza da Pobreza.

Disse ainda Satan:

— Meu pae, sou uma mulher adultera e entreguei-me a muitos homens.

E frei Giovanni retorquiu:

— Senhora, mesmo que vos acreditasse carregada dos peccados que dizeis, eu vos pediria como uma grande honra a permissão de vos beijar os pés, porque eu valho bem menos do que vós, e os vossos crimes são pequenos em comparação aos meus. No emtanto, recebi graças bem maiores do que aquellas que vos foram concedidas. Porque, quando São Francisco e seus doze discipulos estavam ainda na terra, eu vivi com aquelles anjos.

E Satan replicou:

— Meu pae, quando vos pedi uma esmola por amor Daquelle a que amaes, eu tinha no coração um máo desejo que vos quero contar. Ando mendigando pelos caminhos sob um véo de viuva, afim de angariar a quantia necessaria que destino a um homem de Perusa que goza do meu corpo, e que prometteu, se recebesse essa somma, matar de surpreza um cavalleiro ao qual eu odeio, porque, havendo-me offerecido a elle, me dsprezou. Ora, a quantia estava incompleta. Mas o peso da vossa taça de prata completou-a. E a esmola que me haveis dado será o preço do sangue. Vendeste o justo. Porque o cavalleiro é casto, sobrio e piedoso, e por isto eu o odeio. E sereis o causador da sua morte. Collocastes um peso de prata na balança do crime.

Ouvindo taes palavras, o bom frei Giovanni chorou. E, afastando-se um pouco, pôz-se a orar num bosque de espinheiros, dizendo ao Senhor:

— Fazei, oh Senhor, que esse crime não recaia nem sobre essa mulher, nm sobre a minha pessôa, nem sobre nenhuma das vossas creaturas, mas que elle seja levado sob os vossos pés trespassados de cravos e que seja elle levado em vosso precioso sangue. Deixae cahir sobre minha irmã da estrada uma gotta de hysopo, e ficaremos purificados, e brancos passaremos sobre a neve.

No emtanto, o Adversario afastou-se, pensando:

— Não pude tentar esse homem, por causa da sua extrema simplicidade.

A MORTE SILENCIOSA

Vervestien trabalhava na officina d'um alfaiate. Veiu procurar-me ha trez annos com um invento seu — "a bomba aerea", que, como sabe você, pagamos a preço de ciro. Asseguro-lhe que Vervestien é um genio.

— Está casado?

— Não. Recorda-se de Bertha Schlon? Uma ruiva que nos prestou serviço no tempo da guerra... Pois bem... Vive com elle e conhece a maior parte de seus segredos. Vervestien está enamorado de Bertha e pensa fazêl-a sua esposa. Creio que ella não se opporá...

Lericher concluiu as explicações com um sorriso significativo, e o general Strauser esperou com impaciencia a chegada de Vervestien. Este, como todas as personalidades scientificas, fazia-se esperar um pouco. Por fim, appareceu. Lericher apresentou-o ao general. O chimico, um homusculo bastante calvo, de olhos vivos e astutos, inclinou-se obsequiosamente.

— Queriam falar-me de negocios, cavalheiros?

— Sim — respondeu Strauser. — Vamos ao assumpto. O senhor Lericher communicou-me que o senhor está fazendo uma série de experincias em busca de um gaz venenoso... e que confia já ter a formula completa dentro de poucos mezes.

— E' facto.

— Viemos para dizer-lhe que esta formula deve estar em poder do nosso governo ao cabo de algumes semanas.

— Pensam assim?

O tom levemente sarcastico de Vervestien irritou o general.

— Já ouviu de certo falar do novo tratado que se vae firmar dentro de trez semanas, a 25 de junho. Uma das clausulas prohibe ás nações signatarias toda pesquiza de gazes venenosos posterior a essa data. Não podemos violar o tratado e... por isso necessitamos do seu gaz, senhor Vervestien, antes de 25 de junho.

— Mas... isso é impossivel, general! — exclamou Vervestien — Não posso fazêl-oó Seria perigoso accelerar o processo!

— Lericher disse-me que o gaz será sem cheiro e immediatamente fatal.

— Calculo que matará um homem dentro de quatro minutos.

— Precisamos têl-o em mão — Pense o que significará isso para o seu paiz!

— Não, não poderei fazêl-o em tão pouco tempo, general... Asseguro-lhe...

— E, si não tiver prompta a formula para 25 de junho... que acontecerá com o gaz?

— Sei que certo numero de nações vão firmar o contracto... — replicou Vervestien — Figura entre ellas certa potencia do Oriente...

— Com que... — exclamou Strauser, cheio de indignação. — Demos-lhe esta magnifica casa, grandes sommas por todos os seus inventos! E, em recompensa, o senhor venderá o gaz a uma potencia do Oriente...

— Perdão, general... — disse — Não é assim que se fazem as cousas, senhor Vervestien: si nos entrega essa formula antes de 25, pagaremos por ella o dobro da quantia que lhe havia promettido.

— Nesse caso, cavalheiros... — sorriu Vervestien —, tratarei de fazêl-o... pela patria.

— Mas, está de pé — affirmou Lericher —.—Fica entendido que o senhor se cobrará ao entregrarnos a formula. Viu o seu gaz em acção?

— Não. Só o experimentei em coelhos — confessou Vervestien, melancolicamente. — Nunca vi agir nenhum dos meus inventos.

— Vamos, Lericher — disse Strauser, com impaciencia. — Tenho pressa. Imagino que quererá ter o contracto escripto, senhor Vervestien?

— Todos nos sentiremos mais seguros — contestou o chimico.

— Muito bem; Lericher occuparse-á do assumpto — declarou o general.

Vervestien acompanhouos ao magnifico "hall", viu-os partir no Sedan de Strauser e voltou ao laboratorio.

No vasto salão cheio de retortas e alambiques, achava-se lendo um rapaz de "overall", que não teria mais de dezeseis annos. Ao vêr entrar Vervestien, levantou-se de um salto, tratando de esconder o jornal.

— Ao trabalho, Schultz! — ordenou o chimico. — Temos que dar prompto esse gaz antes de 25 de junho. E não volte a dizerme, como esta manhã, que não póde chegar pontualmente, porque seu pae está enfermo. A primeira vez que chegar tarde, o despedirei.

— Disse-lhe a pura verdade, senhor — balbuciou Schultz. — Meu pae está enfermo...

— Então terei que procurar um ajudante cujo pae goze de melhor saúde... — exclamou o chimico.

E sahiu jogando com a porta.

Desceu ao primeiro andar. Alli na sala, uma mulher achava-se recostada numa cadeira longa. Ruiva e formosa ,tinha algo de cruel nas curvas dos labios.

— Que ha, Alberto?... perguntou. — Como terminou a entrevista?

— Vendi-lhes o gaz — disse Vervestien, simplismente — Queriam-n'o para 25.

— E's tonto! — exclamou ella — Não me disseste que esse paiz do Oriente te pagava mais?

— Sim, Bertha. Porem... é que me offereceram o dobro.

Bertha Schlon deu um suspiro de allivio.

1º *amigo (atravessando a rua)*. — Então não te esqueças; espero-te ás trez horas.
2º *amigo (que vin o automovel)*. — Está bem; ás trez horas. Mas, em que hospital?...

Conto de Margaret Jefson

— E's muito esperto! — replicou — Não devia suppôr que ias te comprometter facilmente...

— Então... casar-te-ás commigo depois de 25? — supplicou elle.

— Quando receberes o dinheiro... — constitue Bertha.

* * *

Vervestien trabalhava infatigavelmente, durante todo o dia e, a meudo, durante toda a noite. Schultz, seu ajudante, ia para casa ao amanhecer, afim de descançar umas horas antes de reiniciar o trabalho, ás oito da manhã. Porém, o rapaz não protestava, porque o ordenado era muito bom e elle era o unico arrimo do pae.

Lericher visitava com frequencia o chimico, para saber como corriam as coisas. A's vezes, encontrava Vervestien optimamente; outras vezes, desesperado. Seis semanas, segundo dizia, era um prazo de tempo demasiado breve para experiencias que ordinariamente duravam mezes e annos. Por vezes, Vervestien não podia abandonar o laboratorio, e Lericher tomava chá com Bertha Schlon.

A joven fascinava e causava repulsa ao mesmo tempo a Lericher. Seus esforços para agradál-a eram desconcertantes para o chefe do Serviço Secreto. Porém não podia obter della informe algum concernente ás experiencias de Vervestien. Bertha dizia-lhe apenas si o chimico estava alegre ou abatido, e Lericher tinha a impressão de que ella não queria revelar o que sabia.

Bertha dava-lhe essa impressão, porém era Vervestien que tomava suas precauções.

Por mais que adorasse a Bertha, não confiava nella plenamente. Não lhe permittia entrar no laboratorio, não lhe dizia quaes eram os seus methodos. Por curiosidade, Bertha perguntava a Schultz, mas o ajudante andava assustado com certas ameaças de Vervestien, e não houve meio de arrancar-lhe uma palavra.

As duas ultimas semanas haviam corrido velozmente. Ao começo da ultima quinzena, o chimico estava optimista, e disse que acreditava haver encontrado a for mula. Em seguida evidentemente, apresentou-se um contratempo. Quando faltavam poucos dias, Vervestien tornou-se pállido e preoccupado, trabalhando duma maneira febril. Nem siquer sahia do laboratorio. Faziam-lhe subir a comida.

Bertha estava enfastiada. Aquella atmosphera tenra começava a influir-lhe sobre os nervos. Passava as tardes na sala, debaixo do laboratorio, e ouvia os ruidos que partiam dalli, o murmurio das vozes. Em certa occasião, ouviu o gemido dum coelho.

A's nove da manhã seguinte, Vervestien desceu do laboratorio. Estava pállido de fadiga, os olhos inchados pela ausencia do somno.

— Creio que venci, Bertha minha. — disse — Estamos ligando o cylindro de gaz. Meia hora mais e saberemos em que ficamos.

— Deves estar muito fatigado — replicou ella. — Senta-te e descança um pouco. Vervestien deixou-se cahir sobre o divan.

— Não posso ficar aqui mais que uns minutos — murmurou. — Deixei Schultz só e elle entende muito pouco dessas coisas...

Depois de fumar um cigarro calmamente, voltou ao laboratorio. Subia lentamente os degráus da escada. Os pés pesavam-lhe como se fossem de chumbo. Tinha grandes esperanças do triumpho, esta vez; e bôa conta lhe fazia. Bertha era uma noiva custosa e gastava rapidamente o dinheiro. Tudo quanto havia ganho com o ultimo invento se setava derretendo de um modo espantoso.

Ao chegar á porta do laboratorio, algo lhe chamou a attenção. Pela frincha que havia entre o fôrro e o assoalho, escapava preguiçosamente uma fina espiral de fumaça branca.

Por um instante, Vervestien ficou petrificado de espanto e surpreza. Correndo logo á janella do quarto ,abriu-a de par em par. Havia sempre tomado muitas precauções em todas as suas experiencias, e, para um caso de emergencia, pendia da parede um par de máscaras contra gazes.

Collocou uma e abriu a porta. Uma branca nuvem de vapor fluctuava pelo laboratorio, não deixando vêr nada. Vervestien foi até a janella e abriu-a.

Schultz estava estendido no sólo, immovel. Apenas, de vez em quando, seus membros se contrahiam espasmodicamente. O gaz escapava, com ruido sibilante, do cylindro que ia ser ligado. Vervestien fechou-o e arrasatou Schultz até a janella aberta. O moço, começou a respirar baixinho o ar fresco, porém o chimico, que conhecia muito bem as qualidades do gaz que inventára, sabia que tudo era já inutil para salvál-o.

Ajoelhou-se junto della, com a dolorosa sensação de impotencia, e contemplou-lhe os movimentos convulsivos. O espectaculo, porém, era tão impressionates, que elle cobriu os olhos com as mãos. Quando voltou a olhar, todo o resto de vapor havia desapparecido graças á janella aberta. Vervestien tirou a máscara. Um raio de sol illuminava penosamente o rosto pállido de Shultz. Tinha os olhos abertos e immoveis.

O chimico olhou-o com ar sombrio. Até aquelle momento não havia visto morrer ninguem. Uma vaga necessidade de pedir-lhe perdão insinuou-se-lhe no intimo.

— Sinto-o... murmurou — Sinto-o muito...

(Continúa na pag. seguinte)

— Estás vendo isto, filhinho? Pois assim nos hão de vêr, os outros um dia.
— A' senhora, tambem, titia?!

A morte silenciosa

(Continuação)

O moço não deu mostras de haver ouvido. Os olhos muito abertos tornaram-se cada vez mais obscuros, e uma sombra esverdeada começava a extender-se pelo rosto do moço. Vervestien esperou temendo uma ultima convulsão, porém os dedos que se aferravam ao paletó de Vervestien se rebaixaram e as feições de Shultz fecharam-se na tranquilla immobilidade da morte.

Vervestien poz-se de pé, e examinou o cylindro de gaz. Evidentemente, Shultz, estonteado de fadiga e de somno, havia aberto a válvula do cylindro cheio, confundindo-o com a do vazio. O gaz projectára-se-lhe no rosto, desmaiando elle antes de poder agir.

Vervestien reflectiu tristemente que o seu invento era um completo éxito. O gaz não tinha odor e podia matar um homem em menos de quatro minutos.

Sahiu lentamente do aposento. Junto á escada, esperava por Bertha.

Ao vêr-lhe a physionomia desconcertada, ella perguntou; afflicta:

— Que ha?

— Shultz — respondeu o chimico, com angustia — commetteu um engano... abriu o cylindro do gaz... e...

Bertha aproximou-se da porta do laboratrio e viu o corpo rigido do ajudante. Empallideceu.

— Que horror! — disse, em voz baixa. — Precisamos chamar um medico...

— E' inutil...

— De modo que... é um éxito? — perguntou ella, nervosamente.

— Um éxito? Ah! Sim! Um éxito completo...

Bertha desceu apressadamente as escadas. Vervestien ouviu-a chamar pelo telephone Lericher, communicando-lhe o triumpho de seu noivo... O chimico estremeceu. Bertha ria... ria de satisfação!...

Lericher, o general Strauser, seu ajudante e o ministro da Guerra subiram lentamente as escadas do laboratorio. Vervestien abriu a porta. Todos viram algo sobre a mesa coberto com um lençol.

— Desculpem — disse Vervestien, em voz grave. — E' meu ajudante, Shultz. Seu pae mandará buscál-o de um momento a outro.

— Que... que foi que succedeu? — —inquiriu Lericher, em tom vacillante.

— Ligavamos um tubo de gaz — explicou o chimico. — Elle abriu uma valvula, por equivoco, emquanto eu estava lá em baixo. Não houve nada a fazer.

A policia instruirá amanhã o summario.

Os quatro homens entraram silenciosamente no aposento. Não se sentiam muito a gosto.

Vervestien descobriu o rosto do adolescente. Lericher tornou-se um tanto pállido. Os demais deixaram escapar uma tossesinho murmurando palavras convencionaes. Só o rosto do general Strauser permaneceu impassivel.

— Este pobre moço — disse — teve uma morte invejavel. Morreu pela patria. Que mais poderia querer?

Um silencio impressionante acompanhou essas palavras. Vervestien cobriu lentamente o rosto do cadaver, com o lençol, e observou, com certo desdem:

— Diga, antes, que morreu para que outros homens possam morrer do mesmo modo, general...

Strauser olhou-o com enfado. Que maneira de pôr a perder uma phrase artistica e de effeito! Em seguida, perguntou severamente:

— De modo que... seu gaz foi um éxito?

Vervestien meneou a cabeça.

— Pelo contrario... Foi um fracasso.

— Que quer dizer? — exclamou Lericher. A morte deste moço prova o contrario! Poremos á prova seu gaz e nossos especialistas dirão si é um éxito ou não!

— Só duas pessôas conheciam a fórmula — replicou Vervestien: — Shultz e eu. Shultz já não falará, e eu.. eu a esqueci.

— O senhor firmou um contracto — disse Strauser. — Entregue-nos a fórmula ou o mandaremos para a prisão! O que o senhor quer é vedêl-a a outro paiz!

— Juro-lhes, cavalheiros, que o meu gaz é um fracasso, e que não tenciono vendêl-o a ninguem — assegurou Vervetsien, calmamente.

Houve uma pausa. Por fim Strauser declarou, roxo de raiva:

— Então, só me resta dizer-lhe que não necessitamos mais de seus serviços... e que deve abandonar esta casa no fim de trez dias. Ficará vigiada, e se pretende pregar-nos uma peça, pagará caro.

— Muito bem concordou o chimico.

E os visitantes abandonaram o laboratorio num silencio sepulchral.

Vervestien esperou que se extinguisse o rumor dos passos, na escada. Depoi, foi ao encontro de Bertha, que o recebeu ansiosamente.

— Demoraram muito pouco — disse ella. — Vendeste-lhes o gaz?

— Não, — respondeu elle. — Não quiz... não pude...

Bertha olhou-o com incredulidade e estupor.

(Continúa na pag. seguinte)

A ORIGEM DO MATA-BORRÃO. — Ninguem inventou o mata-borrão. Foi descoberto por um descuido. Seu descobrimento data dos meados do seculo passado. Em certa fabrica de papel de Berkshire (Inglaterra), um operario se esqueceu de pôr a cóla na pasta, e, quando o papel ficou prompto, viu-se que não servia para escrever, devido á falta do ingrediente tão necessario.

Os donos da fabrica despediram o operario descuidado, mas, alguns dias depois, quando se rasgava o papel, por ser considerádo inutil, outro operario descobriu, casualmente, suas extraordinarias propriedades de absorpção, e, immediatamente, o operario que havia sido despedido foi chamado e recompensado.

*

A MAÇÃ. — A maçã representa um papel mysterioso e singular na fabula, na historia e na sciencia.

Por uma maçã, se perdeu o genero humano.

Por uma maçã pereceu Troya.

Uma maçã libertou a Suissa.

Uma maçã revelou a Newton sua famosa theoria.

*

A GLORIA. — Pierre Loti foi enterrado em um jardim particular, em Saint-Pierre, cujo proprietario muito se lamentava do transtorno que lhe occasionava receber os innumeros peregrinos que iam visitar o tumulo.

Acabou por fechar as portas de sua casa, abrindo-as, apenas, a certos e determinados viajantes. Ma,s uma vizinha caritativa collocou uma escada contra o muro do seu quintal, e, subindo a essa escada, o turista póde contemplar, tranquillamente, o tumulo do grande escriptor.

*

TESTAMENTOS. — Dois testamentos muito curiosos se fizeram em França, no seculo XVIII.

Um delles foi o de um juiz que deixou cem mil francos para um hospicio, dizendo:

"Ganhei este dinheiro á custa das pessôas que passam a vida brigando. Ao deixál-o para os loucos, não faço mais que uma restituição."

O outro testamento curioso foi o de um certo senhor Colombier, que deixou mil e duzentos francos para uma senhora de Ruão, por lhe haver negado sua mão vinte annos antes "permittindo-me — dizia — viver feliz e independente durante o resto da minha vida."

A morte silenciosa (Conclusão)

— Como?... — balbuciou — Por que?

— Não pude evitál-o! — affirmou elle. — Foi por Shultz... Nunca havia visto morrer um homem... Não sabia o que significava a acção do gaz. Comprehendi minha responsabilidade. Os homens morreriam como moscas por culpa minha... morreriam de um modo horrivel... como Shultz. Não pude vender-lhes o gaz. Não o venderei a ninguem... Já não posso fabricar coisas... dessas.

Olhou-a carinhosamente, esperando uma resposta acalentadora, e sentiu-se condemnado.

Ella empertigou-se toda. Vervestien viua tal qual era estupida, quasi brutal, ambiciosa. E, apesar de tudo, era tão formosa, cegava-o tanto com a sua belleza, que elle se sentia debil e covarde.

— Estás louco! — gritou Bertha Shion. — Imbecil! Si pensas que vou me casar comtigo...

— Não posso acreditar — confessou elle, humildemente. — Se o meu dinheiro acabou.

— Então... que pensas fazer? — inquiriu ella.

— Voltarei... á casa do velho Blich murmurou ella, cheia de assombro.

A' alfaiataria?

— Sim.

— Bom divertimento! — disse a joven, sarcasticamente.

Bateu a porta com movimento febril.

Vervestien olhava-a com intensa dôr. Ia-se. Perdia-a para sempre. Porém lembrou-se do rosto descolorido de Shultz e dominou-o uma emoção tão fórte, que não ouviu siquer o baque da porta com que Bertha se despedia...

Acaso a vida de mil e mil homens não valia muito mais que o sacrificio de seu amor?

E, retirando com gesto de fadiga o receptor do telephone, chamou para a alfaiataria do velho Blich, pedindo que lhe devolvessem seu misero emprego...

saibam todos...

A. D. F. (Capital) — Não entendi bem a sua carta. Entretanto é interessante o que v. ex. me diz: — envia-me uma lagrima no dia do meu natalicio.

Bôa! Uma lagrima?

E' possivel que haja analogia entre uma coisa e outra: é que, estando envelhecendo, seja digno de lastima... Será isso o que traduz a sua lagrima?

Vejamos a sua missiva:

"V. J. M. J. — Rio, 14 de Fevereiro de 1934. Meu rico filho! Saudações. Peço aceitar uma lagrima, como simbolo do grande amor que vos dedica a vossa "avósinha", e em homenagem a grande data de hoje! (Queira desculpar os muitos erros, por estar" "com as mãos mais tremulas, do que nunca.)"

Em todo caso — obrigado.

VALDO DE ABREU (S. Paulo) — Aqui vae a carta que o sr. me enviou e cuja publicação solicita:

"Caro Yves.

Que todos os deuses te cubram de suas graças neste ano de 1934.

Infelizmente — é com tristeza que o confesso — os meus inumeros quefazeres me não permitem escrever-te assiduamente, como era de meu desejar. Ai tem o amigo a razão porque passei 33 enterrado num mutismo injustificavel.

Foi com um ah! de surpreza que ao ler o FON-FON de 27 de janeiro, deparei com o poema "Nazita" assinado por um artista de folego — Rocha Ferreira.

Os mencionados versos pertencem a Alfredo de Assis, o esteta sutil de "Chama Extinta", mensario dirigido por Nuto Sant'Ana em 1925.

Este livro, embora merecesse francos elogios de Alberto de Oliveira em carta a Rosalina Coelho Lisbôa, de Belmiro Braga, Menotti e outros, não se acha largamente conhecido e, lá, ás paginas 24 e 25 encontramos a linda poesia "Carmita", donde, ao que nos parece, o *sccaver* maravilhoso de "morrer na vespera" e "Fundo do espelho" subtraiu "Nazita".

Leiamos primeiramente as duas sextilhas de Rocha Fereira:

"Nazita.

Chamam-na todos Nazita,
Nazita não sei de que.
Ella é morena, bonita;
si uma vez a gente a fita,
sente uma coisa esquesita,
mas não se sabe por que!

Quando ela passa na rua,
tudo segue a luz que encerra
seu olhar — claro arrebol,
como a estrela segue a lua,
como a lua segue a terra,
como a terra segue .osol!"

Confrontemo-las agora com estes versos de "Dona Carmita" e provemos a ineludivel semelhança:

....

"Que importa o nome? Bonita
Assim, outra não se vê:
Chamam-lhe todos Carmita,
Carmita não sei de que...

....

Si a encontro, ás vezes, na rua,
Sigo-a, preso á luz, que encerra,
Seu olhar, claro arrebol,
Como a estrela segue a lua,
Como a lua segue a terra,
como a terra segue o sol!"

....

Forçoso é convir que me aborrece o escrever contra Rocha Ferreira, que sempre considerei um artista originalissimo.

Mas não posso nem devo silenciar, quando sabemos que Alfredo de Assis, alma simples e bôa, nunca teve pretensões e não viria por certo defender a sua obrinha. Êle julga seus versos como "cinzas frias de um passado longinquo".

Anatole France tinha, pois, carradas de razão ao escrever na "Apologie pour le plagiat" que hoje raramente "un écrivain célebre n'est traité, á tout le moins une fois l'an, de voleur d'idées".

O plagio que venho comentando poderia sugerir-me digressão, mais ou menos inutil, nalgum jornal de São Paulo, mas por que? si tais deslises ficam resgatados pela obra de Rocha Ferreira, que se me afigura não de baldo valor.

Reconheço perfeitamente que ao meu amigo não é possivel conhecer todas as obras, celebres ou insignificantes, da literatura brasilea. Demais, são muitos os recursos dos adaptadores de poesias, para não ser dificil repetir-se aquele caso do "Carolina" de Machado de Assis.

Já basta o esforço que dispendes — e com que desenvoltura! — para traduzir, embora esparsa e fragmentadamente, obras estrangeiras.

Termino, fazendo votos pela felicidade de todos os ilustres dirigentes do FON-FON e abraçando-te *ab imo pectore*.

31-1-34.

Valdo de Abreu

N. B. — Estou limando uns poemetos que muito breve irão merecer-te a indulgencia e bondade. E' chgada a hora da colheita, como me prometeste em resposta á minha ultima carta. Já escreveu Cicero: "Tal a sementeira que o homem faz, assim será a colheita".

Valdo

Valdo de Abreu. Congregação da Escola Normal de Mirassol. Est. de São Paulo.

P. S. — Pela publicação da presente, ficarei agradecido.

Do mesmo."

BAUDELAIRE (Capital) — O seu poema *Parallelo* não nos interessa. Mais pelo fundo do que pela fórma. A sua philosophia agnostica, não se enquadra nos principios catholicos do FON-FON.

A nossa revista está incondicionalmente ao lado da Egreja Christã. E não póde dar o seu apoio a nenhuma doutrina, theoria ou conceito contra aos dogmas e canones da theologia catholica.

(*Continúa na pag. seguinte*)

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 27
Telephone: 2-4126

FON-FON — 3-3-934

Data da consulta...........

Nome do consulente..........

....

O profundo materialismo do seu poema — reduzindo Deus a simples formula de um dinamismo biologico, — é tudo quanto ha de mais heretico e negativista, em materia de mysticismo christão.

O sr. deve procurar uma revista liberal, em assumptos de religião, onde possa sustentar as suas theses de livre-pensador, e onde disponha de campo largo para uma possivel polemica, um debate, — no caso de contestação ou revide dos catholicos.

Como idéa, o seu poema não é mau. Como forma — não é lá um primor. O sr. plasma a synthese dos seus pensamentos em versos rijos, trabalhados com esforço.

Saibam todos...

(Continuação)

Dahi resulta que o rythmo dos seus decassilabos é máu.

Exemplo:

Nasceste, assim, Totem eternizado,
de um cerebro sem luz, martyri-
[zado,
por duvidas, por dôres, por terror.
E eu — Deus pequeno e triste, in-
[veja-me a grandeza! —

De sua carta, só interessa a esta pagina, o terceiro periodo — que é o seguinte:

"Terceiro: não tenho presumpção de ser um poéta perfeito. Se tal acontecesse eu não iria pedir opiniões — sob o anonymato. Creio que me dirigindo a você, demonstrei justamente o contrario. Digo-lhe até que chego, ás vezes, a duvidar se mereço realmente a classificação de poéta.

Dito isto que julguei necessario para modificar um pouco sua opinião, não sobre o meu estylo mas sobre minha moral, peço-lhe uma apreciação deste outro trabalho — que junto lhe envio.

Outrosim, eu muito gostaria, se para tanto chegar sua paciencia, que você alvitrasse um verso em substituição áquelle *detestavel*: dizei-me agora, oh puristas beatos."

INVESTIGAÇÕES SCIENTIFICAS

Os sabios realizaram experiencias no sentido de saber si era facil tomar um caramelo de uma criança, sem fazêl-a chorar...

Ora, eu não me recordo bem do sentido do verso a que o sr. se refére. Mas, creio que o que o sr. deseja dizer não é *purismo*, e sim *puritanismo*. *Purismo* é uma coisa, e *puritanismo* é outra differente. De modo que, no verso, o que deve empregar não é *purista* (substantivo que nomeia a pessôa que exaggera a pureza da linguagem); o termo a usar é — *puritano* — isto é, pessôa que affecta grande rigor moralistico, inflexibilidade de principios.

De sorte que o seu verso deveria ser expresso deste modo:

Dizei-me agora, ó puritanos beatos.

(*Beatos* só tem duas syllabas metricas: *bea-tos*).

Mas, meu caro confrade, quanto ganho eu por estas lições literarias?

LINDA (S. Paulo) — O seu poema ? indica que v. ex. possue inspiração e disposições poeticas. Espontaneidade para versejar não lhe falta.

GATINHA ANGORA' (Capital) — Aqui está o seu telegramma gentil: "Sinceros parabens pelo dia quinze e votos que faço pela sua felicidade — *G. Angorá.*"

Obrigado. Mais devo repetir aqui a velha reflexão philosophica de que, quem faz annos, se approxima da sepultura, do aniquilamento, do nada. Essa é que é a verdade.

E a mim, o que agradava e daria felicidade, seria recuar áquelles velhos tempos em que eu só tinha um ideal — crescer; um só inimigo — o *Papão:* uma só preoccupação — brincar; um só desgosto — a "correia" ou a palmatoria, na escola.

Fazer annos, para mim, é uma estupidez tão grande como acreditar nos labios femininos ou a gente se matar por uma saia...

YVES

MAL ENTENDIDO

NUM restaurante. Um rapaz bem vestido tomou logar numa mesa.

Approximou-se um *garçon* e perguntou:

—Que deseja?

— Almoçar — respondeu o freguez.

E examinando o cardápio:

— Para principiar, traga canja de gallinha.

Servida a canja, com alguns pedaços de gallinha, o moço, emquanto a tomava, disse ao *garçon*, perfilado em sua frente:

— De cá pão. De cá pão...

— Não senhor! — protestou o *garçon*: — não é de capão a canja; é de gallinha.

— Quem foi que disse que é de capão?

— O senhor; pois não acaba de repetir:

"De capão. De capão"...?

— Está se fazendo de engraçado commigo. O que eu lhe disse foi: *Dê cá pão;* isto é, dê-me pão para eu comer com a canja!

LEOPOLDO D. AMARAL..

DÔR

Ama tua propria dor, e na tua arte,
fá-la viver em transfigurações,
como um régio, flamivomo estandarte
inundado de rútilos clarões!

Ella é que ha de levar a toda a parte
a grandeza das tuas illusões,
e de iniciar-te e de glorificar-te
na convivencia com as multidões.

O riso passa, porque o riso é festa.
Mas a dôr, que é viuvez, á alma dorida,
depois que o riso passa, é só o que resta.

Tem sempre a tua dor em grande apreço.
Nem é mais a alegria, nesta vida,
que uma grande tortura pelo avesso!...

LIVANS TETAMANTI

POEMA CHOROSO

Menina bonita,
vestido de chita,
corpinho de onda.
Seu andar é um peccado,
menina bonita,
capaz de matar...

No samba, parado,
em casa, na rua,
seu todo menina,
é um serio perigo.

Rebola,, menina,
rebola, rebola,
rebola no andar...

Menina bonita,
de labios de mel,
não seu peccador.
Não mexa commigo,
menina bonita,
não mexa commigo,
que morro de amor.

Menina bonita,
vestido de chita,
corpinho de onda.
Seu andar é um peccado,
menina bonita,
capaz de matar...

EVAGRIO RODRIGUES

PENSAMENTOS DE POETA

É commum, entre poetas, a repetição involuntaria de pensamentos e conceitos. Humberto de Campos tem, a proposito, um estudo minucioso e paciente. Porém muitas coincidencias escaparam, certamente, ao notavel representante das letras brasileiras. Creio que o exemplo que óra vou citar não faz parte do trabalho que, para breve, nos promette o eminente literato. Nada affirmo, entretanto, a tal respeito, pois não conheço, na integra, as interessantes pesquizas do autor de *Carvalhos e Roseiras.*

Passa-se o caso entre um poeta portuguez e um poeta brasileiro. O primeiro é Eugenio de Castro, apontado como introductor do symbolismo em Portugal. O segundo é Luiz Pistarini, que nos deixou *Bandolim, Sombrinhas e Postaes* e *Agonias e Resurreições.*

O mestre dos *Oaristos* escreveu um soneto intitulado *Rompimento.* Pertence ao parnasianismo, e diz assim:

Mandas-me as prenda que te dei outrora;
Ahi vão aquellas que me deste um dia...
Seja! acabe-se tudo... e que a alegria
Doire essa gentil cabecinha loura.

Ahi vae o lenço, onde orvalhada aurora
Choraste, uma manhã, quando eu partia,
E a mécha de cabellos luzidia
Dada em risonha inolvidavel hora.

Ahi vão as rosas, onde a tua bôcca
Pousaste, affavel, antes que m'as désses,
Certo dia em que eterno amor jurámos.

Nada mais tenho teu; é finda a troca,
Se o desejo não tens (ah! se o tivesses!...)
De destrocar os beijos que trocámos...

Escreveu, depois, o pranteado e bondoso Pistarini:

Treze de abril. — Recordas-te? — Passámos
Toda uma noite num colloquio estreito:
Fóra — estrondeara um temporal desfeito...
E eu te beijei. Beijaste-me. E peccámos!...

Quando Maio chegou... ai! que cru feito
Das promessas de amor que permutámos?
— Trilhamos, ambos, despovoado o peito
Dos mil sonhos azues que acalentámos...

Cartas... Versos que fiz e que inspiraste...
Flôres — que te mandei — já soltas da haste,
Murchas... Cabellos... Resequidos ramos...

Tudo me devolveste por castigo:
Mas, si não queres nada meu comtigo,
Vem destrocar os beijos que trocámos!...

O soneto *Fim,* de Pistarini, não differe, na essencia, do soneto *Rompimento.* Coincidencias literarias, pensamentos de poeta!...

HORACIO MENDES

HISTORIA DE UMA TIÁRA

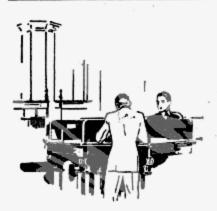
(Continuação do numero anterior)

De Gaston Ch. Rechard

Soube eu, assim, que haviam pago sete mil e quinhentos francos pela fabricação da joia falsa.

O que Roukhomowsky me havia confiado foi confirmado alguns dias mais tarde por Clermont-Ganneau. Este cada vez se mostrava mais confiado na minha discrição. Prometti não revelar os segredos que elle me contava e elle, por sua vez, me prometteu que me daria alguns "furos".

Uma tarde, Clermont-Ganneau me disse:

— O senhor póde annunciar que eu já entreguei o meu relatorio em mãos do ministro. O sr. Camille Legrand tambem entregou o seu referente á inscripção. O eminente epigraphista demonstra cabalmente a falsidade, de uma maneira formal.

Decidi entre outras provas, que chamarei "moraes de inauthenticidade" do precioso objecto, demonstar *de visu* que Roukhomowsky é o seu autor.

Mandei buscar todas as suas ferramentas em Odessa. Ficaremos fechados num atelier, que mandei installar em Monnaie, durante um mez. Lá, sózinho, com os seus instrumentos e seus desenhos, elle deverá reproduzir um "fuseau" da tiára, isto é, uma parte triangular da base até o cume.

Uma vez que o senhor teve palavra, guardando serado por duas vezes, permittirei que veja Roukhomowsky trabalhando.

O meu relatorio, entre outras coisas, prova o seguinte:

1.º Roukhomowsky tirou de uma obra allemã os motivos da zona média da tiára. Foi de tal obra que elle copiou as personagens da scena de Briseis, e essa scena, por si só, é capaz de demonstrar a falsificação do objecto.

Roukhomowsky copiou um detalhe dessa scena de um monumento antigo, um disco de prata que figura com o nome de "Escudo de Scipião", na Sala das Medalhas, sob o numero 2.875.

Na obra allemã, em virtude de um erro de interpretação do gravador que reproduziu "O Escudo de Scipião", os talentos, moeda grega da antiguidade, redondos apparecem sob a fórma triangular.

Roukhomowsky confiando cégamente naquelle autor, deu a mesma forma aos "talentos" que gravou.

2.º Roukhomowsky confessa que lhe haviam pedido em baixo relevo a inscripção da tiára. Elle a executou em alto relevo porque achou que assim fazia melhor.

A pessôa que encommendou o trabalho, recebendo-o naquellas condições demonstrou a sua ignorancia em epigraphia antiga, pois todas as inscripções desse genero são gravadas em baixo relevo.

3.º Na zona inferior, chamada zona scytha, Roukhomowsky inspirou-se nas "Antiguidades da Russia meridional", obra de dois sabios archeologos russos, Tolstoi e Kondakof.

4.º Os supportes da tiara, que ali foram ajustados para fazer crer na existencia de uma jugular, são feitos de latão moderno e não em bronze antigo.

O senhor está, pois, ao par de tudo. Dentro de 15 dias, recebel-o-ei — disse-me Clermont-Ganneau. E farei com que o senhor assista Roukhomowsky trabalhar.

NO ATELIER DE ROUKHOMOWSKY

No dia 30 de maio, ás 4 horas e meia da tarde, eu esperava o senhor Clermont-Ganneau á porta do Louvre. Chovia e fazia frio intenso. O vento nordeste tornava insupportavel a minha permanencia ao desabrigo. Por fim, Clermont-Ganneau appareceu. Desculpou-se da demora, pois elle era o homem mais amavel e polido que até aquella data eu conhecêra.

E, lado a lado, seguimos os dois sob o mesmo guarda-chuva, a caminho da "Monnaie".

O atelier de Roukhomowsky ficava situado no fundo de um corredor, perto de um *bureau* de venda de medalhas. Era um aposento mal illuminado, que havia servido de corpo da guarda, quando a Monnaie era guardada militarmente. Viam-se ainda ali alguns descansos para carabinas.

Debil, de parte mediante, um pouco curvado, o artista mostrava um rosto um pouco osseo, ornado, se assim se poderá dizer, por um bigode ralo e cahido. Mas, a fronte larga dava uma impressão de intelligencia, confirmadas pelo brilho dos seus olhos vivos e irrequietos.

A pedido de Clermont-Ganneau elle me estendeu, em silencio, uma

folha de ouro triangular, na qual se viam com uma nitidez singular os motivos decorativos desenhados pelo sabio investigador.

— Está exacta?

— Perfeita! — respondeu-me Clermont-Ganneau. — Veja mais ainda!

E retirou da carteira um instrumento que, a principio, tomei por um formão de marceneiro. Examinando melhor, verifiquei que se tratava de um buril terminado por trez pontos temperados, ou mais exactamente por trez hemispherios.

A ferramenta em aço era de fabricação assás grosseira.

— Este instrumento, por si só, provará que a tiára sahiu do atelier de Roukhomowsky — disse-me Clermont-Ganneau, cujos olhos brilhavam febrilmente, atraz do pince-nez. Foi com esse instrumento que o artista executou o friso que contorna a tiára. Nunca em trabalhos semilhantes os artistas de outróra se serviram de ferramenta desse genero.

Por fim, prguntei a Roukhomowsky se elle havia voltado a ver a tiára.

Historia de uma tiára

(Continuação)

— Pois não! Com Clermont-Ganneau — respondeu-me. Fiquei admirado da maneira como a trataram, machucada, manchada, suja! Um verdadeiro crime. Quasi não a reconhecia mais.

— Não se lastime, rapaz — disse-lhe eu. — Você se tornou celebre graças a ella.

— Sim! respondeu-me. "Safsiem karacho!" (Podia ser peor!)

Clermont- Ganneau declarou-me que aguardava a minha visita ao fim de oito dias. "Venha ver-me no dia 11 de junho — disse-me. — Entregar-lhe-ei nesse dia um relatorio completo, que permittirá ao senhor contar a historia completa da tiára de Saitapharnés.

CONCLUSÃO

Mas nunca relatei essa historia. Pois a 11 de junho, ás 7 horas da noite, eu embarcava ás pressas para Belgrado, onde o rei Alexandre I a rainha Draga acabavam de ser miseravelmente assassinados pelos conspiradores.

Mas, isso, como diria Kipling é uma outra historia.

Voltemos ao assumpto da tarde. Ella foi retirada vergonhosamente da vitrine que usurpava no Louvre e confiada como um "documento moderno de copia de arte antiga" ao Museu de Arte Decorativa, onde ainda se encontra.

Roukhomowsky não mais voltou a Odessa. Fixou residencia em Paris onde, no mesmo anno, expoz no Salão dos Artistas Francezes alguns trabalhos interessantes de execução perfeita, mas de inspiração banal, pois a esse maravilhoso artista faltava o espirito criador.

Alguns tempo depois, elle desapparecia mergulhado no anonymato da multidão.

E assim termina a velha historia da tiára de Saitapharnés, que foi celebrizada em todos os tons: discutida, vellipendiada, motejada, cantada em verso, e sobre a qual desceu, pouco a pouco, o espesso véo do esquecimento.

Era como que a saudade das ardentias,

("Copyright" da Empreza de Publicidade e Cultura Grandeza Paulista. — Inedito, exclusivo de FON-FON.—Trecho do livro em preparo "Horrores e Mysterios dos Sertões Desconhecidos (em procura do explorador cel. Fawcett)", de João de Minas).

CAPITULO 17

ESTAVAMOS num chapadão sem limites, só tendo de um lado a cordilheira encantada, numa vaporosidade traiçoeira.

A terra era quasi morta, com a lepra do seu cascalho sempre quente, mesmo de noite, como si soprassem do fundo das camadas geologicas uma fornalha intransigente.

Ali fôra mar em velhissimas edades, e uma prova palpavel disso eram os mariscos e peixinhos petrificados que encontravamos numerosamente.

Largas manchas azues marcavam no chão lugares onde se viam verdadeiros cardumes de siris, que se tinham mineralizado em azul, numa tonalidade educada e liquida de joia.

Assim, esses carangueijos pavorosamente milenarios pareciam viver, na sua transparencia de onde, numa subtil caricia marinha.

Era como que a saudade das ardentias, aos pôres-de-sol immemoriaes, em que aquella gentesinha aquatica tinha brincado, na sua insondavel vida passada.

A minha philosophia de frac parou, agachou-se deante desses mariscos lapidados em saphiras femininas.

Nem ao menos chorar eu podia, deante daquellas imagenzinhas da santidade do nada. Positivamente, chorar de emoção deante daquellas coisinhas immensuraveis seria o mesmo que, num papel de officio, escrevinhar uma moção de apoio ao planeta Marte.

O meu instincto, ou seja a minha philosophia, percebeu logo o ridiculo de qualquer attitude deante dos mariscos azues immortalizados em esplendor.

Em resumo: ao nivel daquelles chãos, ou ao nivel das nuvens mais altas que viamos, ha centenas de milhares de annos atraz haviam rolado vagalhões de oceanos tenebrosos levando no seu dorso outros transatlanticos, cheios de turistes, *girls* e apparelhos de radio, escoltados de cardumes de tubarões... Sim, porque não ha nada de novo sob o sol. Então, fôra tudo como é hoje, cynicaente!

Antenor, com a prudencia automatica dos authenticos estadistas, falou num museu, que deveria pipocar de um opportuno decreto, e onde se espetariam os fosseis em catalogos graves.

Eu logo, pensando na minha familia a collocar, indiquei a solução do problema: funccionarios publicos á bessa.

A vegetação da zona que percorriamos era rara e áspera, com essas caracteristicas fabulosamente mineraes.

Muito para traz, ainda nos tinha consolado um ou outro joazeiro, filho da caatinga.

Agora, lá de vez em quando, surdindo com meneios raivosos paralyzados em tocaia, encontravamos o calumby, o chique-chique, a macambiar, o rabo de raposa, o mandacarú, a palmatoria, os gravatás enfurecidos estaticamente nos seus espinhos, as sarças embebidas em brazas impalpaveis, queimando em labaredas invisiveis:

Nem faltava um cipé que era um

aos pôres-de-sol immemoriaes . . .

puro arame farpado, uma especie de cunanam que o facão afiado não cortava, e por sua vez eriçado a espaço de dentes de puro aço, abertos em circulo. Esse cipó seria uma preciosidade, para fazer eternas cêrcas de arame farpado, nas zonas de gado.

Abundava as cobras, de varios typos, mas todas dotadas do chocalho sinistro da cascavel, e de dimensões enormes.

Para economizar tiros, esses reptis eram caçados pelos indios com laços e até eu e Antenor lhes saboreavamos a carne, branca e macia numa medida de dois palmos a partir da cauda.

Uma vez, Kau apanhou uma serpente de uns quatro metros, em tudo semelhante ao urutú, cuja mordedura, quando não mata, aleija. Elle com muito cuidado veiu arrastando o animal, cuja docilidade afinal nos impressionou no acampamento.

Soltámos a cobra, para ver o que ella fazia, emquanto Antenor segurava o revolver para metter-lhe uma bala, caso fosse preciso.

O igantesco reptil pacificamente começou a caçar os grandes mosquitos que nos perseguiam, querendo almoçar e jantar na nossa companhia.

Com ua agilidade rebrilhante a cobra dava botes até no ar, pegando mosquitos em vôo. Masl foi o macaquinho que nos convenceu da bondade da serpente.

Com um instincto mysterioso de defesa, uma especie de intelligencia dependurada nos cabides de antenas invisiveis, o nosso querido Brasil-Maior não trepidou um instante. Encarou um minuto a cobra, deu um pulo, e encarapitou-lhe no lombo chato. Desse modo, ufano e garboso, começou a andar a cavallo no monstro affectuoso.

Tinhamos, dahi por deante, um novo companheiro de aventuras, porque a cobra absolutamente não se quiz ir embora. Eu, depois de consultar Antenor, puz-lhe o nome de Legalidade.

A Legalidade tinha dentes rombudos, se alimentava de insectos, principalmente gafanhotos, abundantissimos naquellas paragens. Havia até uma especie que era um escorpião alado, uma gitiranaboia de um ferrão infernal.

Nós temiamos com pavor os enxames desses horripilantes marimbondos. Não tardou que apreciassemos o ataque de Legalidade a uma dessas pequeninas alcateias de lobos do ar.

Esses gafanhotos vôam reunidos, da côr da luz, quasi inperceptiveis. Parecem não ter um rumo definido, e depois de muitas horas, quando se cançam, caem em qualquer parte, e só querem comer e morder, enterrando o ferrão. Só levantam vôo de novo depois de uma hora talvez de descanço.

Um desses enxames cahiu no nosso pouso, na hora do almoço. Legalidade logo comeu um par desses bichos. Os outros começaram a chiar, e se embolaram, com os ferrões desembainhados.

Legalidade então os comeu regaladamente, manobrando a sua primorosa bócca bicuda, como uma lançadeira bem lubrificada... ..

— Espero, rapaz que, amanhã, honrará a minha casa com a sua presença. A festa começará ás sete da noite. Minha filha Rosa lerá uns poemas, meu filho recitará uns monologos, minha esposa tocará alguma coisa ao piano, e, ás onze em ponto, cearemos.
— Póde contar commigo, commendador: ás onze horas estarei aqui.

Olhos

De J. L.

NAQUELLE dia elle hesitou largo tempo ao escolher a gravata com que ia sahir. E demorava-se ao espelho, a cantarolar um *fox-trot*.

No quarto contiguo, as irmãs trocavam olhares ironicos.

— Está contente, hoje! — diziam, piscando os olhos.

Adivinhavam uma entrevista. Simples conjectura, que as fazia sorrir.

Em frente ao espelho, elle desfazia o nó da gravata e tornava a fazêl-o com mais cuidado.

Uma gatinha cinzenta, raiada, appareceu á porta. Aproximou-se delle, num passo indolente, e olhou-o com os seus grandes olhos.

Elle chamou-a, estalando os dedos:

— Paulina!

A gatinha, de um salto, subiu á *toilette* e alli ficou, numa atitude de estatueta.

Ouviu-se a voz de uma das irmãs:

— Como é que se chama?

— Quem?

— A gatinha.

Elle mentiu, placidamente:

— Não a chamei!

A irmã insistiu:

— Pois eu o ouvi chamál-a. E não disse *Cinzenta*. Você mudou-lhe o nome?

Elle irritou-se.

— Bobagem! Affirmo-lhe que não a chamei.

A gatinha continuava immovel, na *toilette*, como uma estatueta. Tinha os olhos verdes estriados de amarello. E olhava-o. O rapaz fez-lhe uma caricia, com as unhas, na nuca. E, baixando a voz, carinhosamente:

— Paulina!

Penteou-se com esmero, escovou-se, perfumou-se. E sahiu.

Trouxeram-no mais tarde, numa ambulancia. Um omnibus o havia esmagado. Estava morto.

Ao anoitecer, um grupo de pessôas silenciosas, como atordoadas pela morte, ouvia ao longe a musica brejeira de um *cabaret* do bairro.

E o *cabaret* enviava á sala trechos de velhos tangos, que as irmãs do morto entrecortavam de soluços.

E ouvia-se tambem, no quarto proximo, o suspiro de vozes de algumas senhoras que adormeciam com palavras monotonas a pobre mãe quasi inconsciente.

Alguns parentes, vizinhos e amigos iam apparecendo, com curiosidade, na casa do morto. Estava este sem desfiguração alguma e, no emtanto, irreconhecivel. Não parecia o mesmo: estava mais moço, como que empoado de pallidez. Os olhos tranquillos, sem paixão; o nariz afilado e, na bôca, o esboço de um sorriso.

Ninguem, no emtanto, o reconhecia.

Recordavam os circumstantes algum gesto seu, o modo delle saudar com a mão, um torcer da cabeça quando se admirava, e sobretudo o som da sua voz e alguma das canções que trauteava.

Eram coisas que pareciam ainda existirem, que não apparentavam ainda recordações e que muitos

verdes

Lamuza

suppunham poder repetir-se ali, em qualquer momento, embora se soubesse que jamais se poderiam repetir.

A' noite, continuaram a chegar os vizinhos, os amigos e os parentes que estavam de relações estremecidas com a familia, e que aproveitavam a opportunidade para uma reconciliação.

Uma mocinha offerecia-lhes café e, a espaços, alguem, nos grupos, se animava, começava a falar em voz alta, até que se lembrava da inconveniencia e volvia ao tom de sussurro.

Pelas poucas palavras ouvidas percebia-se, no emtanto, que falavam de politica, de *football* ou de corridas, e que não se lembravam da morte.

A outros, ao contrario, essa morte trazia a recordação de outras que haviam representado alguma coisa em suas vidas. Em sua memoria reviviam outras agonias a que haviam presenceado, prolongadas enfermidades, accidentes imprevistos, ultimas palavras pronunciadas. E sentiam necessidade de contar tudo isso em tom grave, como se a seriedade da morte lhes désse importancia a elles, que glosavam o thema.

Eram convocados para junto do morto recente os velhos mortos, recordações vagas de outras vidas, a que invariavelmente chamavam "os pobres":

— O pobre Fulano...

— O pobre Cicrano...

E de todas essas conversas surdia uma philosophia primaria e gasta:

— O que somos nós!

* * *

Sentado a um canto, com olheiras e os olhos dilatados pela surpreza e pela incredulidade, o amigo intimo do morto observava a pompa do catafalco.

Deixava que os seus olhos se detivessem, estupidamente, sobre as flôres, os candelabros, as caras conhecidas, as desconhecidas. Escutava fragmentos de conversações que lhe pareciam perfeitamente idiotas.

Sentia uma especie de raiva contra todos. Contra os que falavam sobre assumptos indifferentes e contra os que pretendiam falar da morte.

E até contra o proprio amigo morto, com quem tinha tantas recordações communs e que tão rapidamente se havia esquecido de tudo.

Sentia que ia ter que deixar de ser seu amigo. E isso lhe dava raiva, o punha a ponto de derramar lagrimas.

Noite alta, calou-se a musica do *cabaret*. A espaços ouvia o inimigo um trem que apitava ao longe. Passos perdidos. Uma voz distante que vinha da rua. E, depois, nada mais. O silencio. O silencio sem um tic-tac, sem nada, que zumbia aos ouvidos. E elle não queria crêr que era o silencio.

(Continúa na pag. seguinte)

—Acho que os cabellos compridos dão ao homem um ar intelligente.

—Pois minha mulher, na noite passada, encontrou um cabello comprido no meu paletó, e, não pódes imaginar o meu ar idiota...

OLHOS VERDES *(Conclusão)*

A gatinha de olhos verdes se havia refugiado na cozinha. Mas, com aquelle silencio, atreveu-se a apparecer na sala do morto. Tinha vontade de entrar, mas o numero de pessôas fez-lhe mêdo e ella voltou ao seu refugio.

Entre os desconhecidos que velavam o morto começaram a formar-se conhecimentos. Uma mocinha namorava um rapaz elegante, que sorria ao falar-lhe em voz baixa.

Sentia ella que isso era improprio ao lugar, mas não podia furtar-se ao encanto da palestra. Pensava, por um momento, no futuro. Podia sahir daquella conversação uma amizade, talvez um casamento. Collocava-se mentalmente no futuro e sorria ao recordar o momento actual:

— Conheci-o num velorio...

Mais tarde, entraram duas senhoras. Caminhavam com passo firme, mas via-se que queriam occultar a sua perturbação. Ninguem ali as conhecia. Nellas se fixaram alguns olhares curiosos.

Uma era esbelta, elegante, e trazia um vestido escuro.

— Quem será?

— Parece estrangeira — disse alguem.

— Não. E' porque tem alguma coisa de raro. Alguma coisa de distincto...

— E' tão loura, tão loura, que nunca poderia usar luto!

— E tem uns olhos de gata...

— Da mesma côr dos da "Cinzenta"...

— Verdes e amarellos...

— Iguaes aos da "Cinzenta"...

Só o amigo intimo do morto a conhecia. Apertaram-se as mãos.

A moça foi contemplar a face do morto. Esteve um instante calada, séria, sem atrever-se a falar, nem a respirar. Depois retirou-se, sem falar a ninguem. Erecta, com passo firme...

* * *

Passavam lentas as horas da vigilia. Os poucos que ficaram, dispostos a passar a noite, combatiam o somno a chicaras de café. Estavam cada vez mais convencidos da morte do amigo e começavam a resignar-se.

A gatinha "Cinzenta" estava mais confiante e atrevia-se a atravessar a sala, olhando de soslaio. Ia depois ao pateo, branco de luar, e miava.

— Credo! Esta gata! — protestou uma das irmãs do morto.

E, sem saber porque, lembrou-se da moça loura, de olhos verdes irisados de amarello.

Continuavam, no pateo, os miados. Já não era só a gatinha.

Era uma reunião de gatos que bufavam e se perseguiam.

O amigo intimo sahiu da sua meditação. Aborrecia-o aquelle barulho. Rompeu pelo pateo, provocando uma debandada dos bichos.

Mas pouco depois continuavam os miados. Eram uns lamentos longos, dilacerantes. Umas corridas desesperadas.

O amigo intimo raivava. Era absurdo, aquillo! Era uma falta de respeito ao morto! Pensou em fazer calarem os gatos, a tiros.

Sorriu. Nunca lhe poderia occorrer ir a um velorio armado de revólver.

Continuavam os miados. Uns lamentos que cortavam a alma.

Pensou em levantar-se da cadeira e perguntar aos rapazes alli presentes:

— Tem o senhor um revólver, por obsequio?

Mas tambem isso era ridiculo.

Quem costumava usar um revólver era o amigo morto. Muitas vezes lh'o emprestára. Mas agora já não poderia pedil-o. Haviam deixado de ser amigos.

Costumava o amigo guardál-o numa gaveta.

No pateo, continuava o barulho dos gatos.

Ergueu-se. Encontrou a arma e sahiu da sala.

As pessôas que rodeavam o morto sobresaltaram-se com a detonação que interrompeu bruscamente os miados.

Ouviu-se uma disparada de gatos pelos telhados. Outra detonação. Trez. Quatro. Cinco.

— Matou a gatinha!

No pateo, illuminado pela luz, jazia a gatinha morta, suja de sangue, feia, com os olhos opacos.

Alguns curiosos a olhavam.

O amigo do morto pegou-a pela cauda e ergueu-a no ar:

— Pobre "Cinzenta"! — exclamou.

Elle levava-a com cuidado, para não se sujar. Atirou-a á lata do lixo.

— Pobre "Cinzenta"! — exclamaram todos.

Uma das irmãs, porém, havia ficado em silencio, trabalhada por uma idéa:

— Tinha os mesmos olhos! Os mesmos olhos verdes!

(PADDY)

Será o Film inaugural da temporada da

FOX FILM para 1934 no ALHAMBRA que entrará elegantemente na sua "Phase de Luxo", a partir de 5 de Março!

A SEGUIR TEREMOS:

GLORIA E PODER

(The Power and the Glory)

UMA PRODUCÇÃO DE JESSE L. LASKY

com SPENCER TRACY — COLLEEN MOORE — RALPH MORGAN

Um drama soberbo de um humanismo incomparavel, apresentado sob uma narrativa inédita para a cinematographia. Recommenda-se ao publico assistir a este film desde o inicio, afim de não perder a acção rdamatica e intensa de seu enredo.

HOOPLA

A reapparição de CLARA BOW, a irresistivel no seu segundo film para a FOX. Clarinha, a mulher dos cabellos e labios de fogo surge mais diabolica e tentadora que nunca. PRESTON FOSTER e RICHARD CROMWELL são os companheiros de CLARA BOW.

E PARA A SEMANA SANTA: **ENTRE A CRUZ E A ESPADA**

Um romance de fé e renuncia com JOSÉ MOGICA, no seu maior desempenho para a téla!

NNO XXVIII

FON FON

NUMERO 9

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 3 de Março de 1934

A GARGALHADA DE ARLEQUIM

Já vae longe o carnaval. Mas ainda ouço, na minha solidão, os écos distantes da mascarada que foge. Olho para dentro de mim e espio, desolado, o meu carnaval interior, igualzinho ao outro que se foi, com a differença, apenas, de que só eu posso contemplál-o. Uns Pierrots de velludo cantando ao luar, com o bandolim da lenda fantasiado de guitarra... Mulheres fascinantes, de raças e temperamentos violentamente diversos, promettendo estrellas a uma pobre alma insatisfeita, que ainda acredita na illusão do sentimento... Homens debochados, entregues á volupia do prazer, apupando um mendigo que passa pedindo um pouco de amor... Duas ciganas morenas, de saia de xadrez e blusa encarnada, agitando uns pandeiros que gemem nas suas mãos macias de fadas do destino... Camponezas de um paiz sem orgulho esperando um principe que nunca chega... Rainhas, princezas, condessas de fantasia... E a realidade feminina e amavel da Colombina, que o mundo e os seculos veneram como o symbolo mais alto e mais puro do carnaval...

Meu coração de palhaço triste está quietinho no seu canto, balançando-se na rêde nortista em que nasceu e bebendo, voluptuosamente, a esperança em que sempre viveu... Esperança de uma felicidade que nenhum carnaval ainda lhe trouxe, e que só virá, talvez, quando já tiver parado o coração alegre do palhaço triste.

Sensibilidade... Esta mulher nervosa e delicada não abandona um segundo esse coração que espera... Tem mêdo de deixál-o sozinho, entregue á delicia envolvente das paixões, que são outras mulheres formosas e turbilhonantes do destino humano. E, por falar em destino: esse cavalheiro impassivel e cruel assiste a tudo isso com aquelle seu sorriso de esphynge que tem destruido os mais bellos sonhos e as mais lindas illusões da vida. Occupa um logar fronteiro á rêde do coração. E faz companhia á sensibilidade, que acceita sem protesto a sua austeridade indiscreta.

* * *

E' assim o meu carnaval. E' assim a minha alegria. Os Arlequins que se contorcem e deliram na minha alma são todos tão falsos como os Arlequins do outro carnaval — o que já vae longe. Gargalham a sua dôr em rythmos de canções festivas. Vestem-se de homens satisfeitos para a grande mentira da felicidade. E fingem, dolorosamente, que estão sorrindo...

* * *

Si algum dia, dentro da noite do meu destino, eu te pedir, coração, que escancares as janellas da tua choupana romantica e desarmes a rêde nortista em que te criaste, finge de Arlequim e solta a gargalhada delirante, a immensa gargalhada do Carnaval...

Só assim conseguirás ser feliz.

Martins Capistrano

a mulher chic

CREAÇÕES Jean Patou

Bangkok grege. Ruban et cravate marine, rouge, bleu claire.

(Photo especial para FON-FON)

Rendas de espuma

OS ESCRIPTORES E AS EVAS

NUMA de suas chroniquetas, Berilo Neves faz notar que um escriptor pode ser feliz e desgraçado, simultaneamente. E como o conceito da desgraça e da felicidade é coisa muito relativa, o chronista se dá pressa em esclarecer o que é que chama a felicidade e a desgraça de um autor.

A felicidade é ser esse homem de letras e estar acima, muito acima, da vulgaridade rastejante.

Não porque, como queria Hesiodo, a felicidade deva ser o desprezo absoluto pelas coisas objectivas da vida — em troca dos prazeres do espirito, — mas porque essa ventura consiste no facto de um intellectual estar em nivel superior ao da generalidade dos homens.

E nisso o humorista de "A Mulher e o Diabo" está certamente de accôrdo com o poeta Stéphane Mallarmé, que como se sabe, vivia a fumar, ininterruptamente, no seu cachimbo de fumo inglez — afim de conservar — dizia o symbolista francez — uma "muralha de fumaça" — ao menos de fumaça — entre a sua excelsa pessôa e a massa bruta dos cretinos.

Berilo Neves explica depois o que vem a ser a desgraça de um escriptor: —ser lido e querido pelas mulheres bonitas.

Que horror!

* * *

Eu acredito mesmo que é essa a maior desgraça de quem escreve para os olhos bellos das Evas.

Ser infeliz nas letras — nas artes e nas letras — não é ver as suas obras repudiadas pelos honrados chefes de familia. Não é ser negado, discutido, calumniado, insultado, atacado ou atraiçoado pelos confrades. Não é ser guerreado pelos puritanos (o puritano é um ex-libertino que se regenerou, e deseja, tardiamente, ser palmatoria do mundo... Ninguem acredita mais nos puritanos...)

O que faz toda a infelicidade de um homem, que publica livros, com a sua assignatura, é, como acentúa Berilo, o facto de ser lido e amado pelas mulheres.

* * *

O infeliz que estiver nesse caso encontra todas as portas da imprensa fechadas para elle. Si apparece com um livro novo, — logo o combatem com a feroz campanha do silencio. Si entra em um salão, ha sempre um murmurio despeitado — de despeito, por parte dos marmanjos, e de interrogação maliciosa, por parte das consumidoras de *rouge*, envenenadas pela intriga daquelles...

O mais simples incidente que se verifique em sua vida, — esses incidentes banaes, communs na vida de toda gente — é motivo para toda sorte de perfidias.

E não falta nunca um critico invejoso, perverso e pequenino, que lhe aponte erros na obra e na conducta; um crime na arte e na vida; uma fealdade de espirito e de corpo.

E' allucinante!

* * *

Berilo tem razão. E si fôrmos perguntar a Ribeiro Couto, a Théo Filho, a Mario Poppe, a Neves Manta, ao proprio Berilo Neves, si elles se julgam muito felizes, como escriptores que são, estou certo de que se confessariam mais tranquillos, mais contentes com a vida — si as suas obras não tivessem o mesmo bello destino das obras de Julio Dantas, de Paul Géraldy ou Pitigrilli.

Decididamente, o homem de letras, que tiver a dita de ser lido pelas saias, não póde deixar de ser um desgraçado.

Mas, seja como fôr, eu quero, eu prefiro mil vezes ficar com as mulheres...

"Et pour cause"...

Concluiu brilhantemente o curso de piano, no Instituto Nacional de Musica, a senhorita Najla Jabôr, cujo temperamento artistico e eximia virtuosidade mereceram approvações distinctas. Pelo exito excepcional obtido, a senhorita Najla Jabôr tem recebido muitos cumprimentos das suas numerosas relações de amizade no seio da nossa melhor sociedade.

YVES

ENLACES

A brilhante poetisa senhorita Hyldeth Favilla, figura expressiva do nosso mundo literario feminino e elemento de destaque da sociedade carioca, acaba de contrahir nupcias com o dr. Adolf Neuhaeusser, que no «cliché» á direita apparece ao lado de sua distincta e gentil noiva.

♣

A senhorita Isolda Bach, filha da grande musa da harpa, sra. Léa Bach, e seu noivo, sr. Manoel de Freitas Valle, no dia em que se casaram.

Realizou-se em janeiro ultimo, nesta capital, o enlace nupcial da senhorita Niva Rocha, filha do deputado Francisco Rocha e de d. Cantionilia Rocha, com o dr. Antonio Vieira de Mello, advogado e assistente téchnico da Directoria de Estatistica do Ministerio da Agricultura. Os noivos, figuras de destaque em nossa sociedade, apparecem, no grupo, ao lado do general Góes Monteiro, que foi uma das testemunhas, e do conego Manuel Leoncio Galrão, celebrante do acto, e entre seus «garçons» e «demoiselles d'honneur», durante a cerimonia, que se revestiu de grande brilho mundano.

PROGRAMMA

EMPREGUEI a minha tarde de sabbado num agradavel passa-tempo. Levei o meu amigo provinciano a ver as elegancias da cidade. Levei-o pela mão, como a um collegial em ferias. E fui mostrando-lhe a *urbs* civilizada e preclara através dos seus edificios e das suas avenidas, dos seus monumentos e dos seus attractivos.

A tarde abafava. O meu amigo trazia, ainda novo, o seu costume de linho, com que torna supportavel o calor carioca. Ainda assim a todo instante falava-me com saudade da sua velha cidade nortista, onde a sombra é sempre um refugio.

— Aqui, dizia-me elle, até a sombra pésa...

Todo provinciano adquire, nos primeiros dias de vida carioca, o cacoetê de falar na sua aldeia. O meu amigo desembarcou aqui no primeiro sabbado, depois do Carnaval...

* * *

Metti-me com elle na rua do Ouvidor. A elegante e tradicional arteria do coração da cidade formigava. Uma corrente humana subia e descia a rua, renovando-se sempre. E o meu amigo lá se foi commigo, puxado pela corrente.

Adeante, seguimos a rua Gonçalves Dias. E, em frente da Confeitaria Colombo, parámos.

— Mais um poeta nortista?

— Mais um devoto das cariocas...

O meu amigo começou assim a fazer phrases.

Eramos um grupo grande. Entrámos para um *drink* na bella Confeitaria, que estava repletissima. Nos ricos espelhos das paredes via-se a *big parade* do sabbado social.

O poeta provinciano foi contando nos dedos os endecassyllabos do seu primeiro soneto em honra da cidade-mulher.

Poeta passadista...

* * *

Alli, naquellas mesas proximas, apontei discretamente ao meu amigo, estão a senhora Marques Couto, a senhora Juvenal Martinho Nobre, a senhora Porto da Silveira, a senhora Iracema Guimarães Villela, a senhora Cecy Marques, a senhorita Alice Abrahão.

Conversando animadamente com um homem de letras nortista, a senhora Bertha Pinto de Moraes e as senhoritas Lourdes Nelson Machado e Ruth Santiago diziam qualquer coisa a respeito de um nariz proximo, que não era o do Procopio. Nem era nenhum nariz de cêra para o chronista...

* * *

18 horas. Que pena! O commercio fecha tão cêdo... Começou a garoar, uma chuvinha paulista, que dá vontade á gente de passeiar num *taxi* fechado...

Levei o meu amigo a Copacabana. A chuva era, apenas, uma ameaça. Directo ao Berri.

"OUTROS POEMAS"

ARMINDO RANGEL ficou muito tempo parado, assistindo á evolução do espirito brasileiro. Fez versos, ouviu as vozes da critica, communicou-se á alma sensivel do lyrismo e deteve a penna. Retrahiu-se, como se houvera feito um voto.

E a vida foi rolando. Alguns lustros passaram-se. A onda modernista, que derivou da Europa, esgotada pela guerra, desarticulou a poesia. Começou o uso das dissonancias, como na musica de Debussy. Com o uso, deu-se o abuso. E fôram surgindo os modernistas á outrance, de cuja obra não resta mais nada.

O reapparecimento de Armindo Rangel, poeta moderno, revelou, entretanto, muito equilibrio esthetico. "Outros poemas" nos mostram a evolução de um espirito harmonioso e critico, ao mesmo tempo. Ha, nesta collectanea de poesia, lyrismo e satyra, philosophia e epigramma. Os poemas de Armindo Rangel revestem, por isso mesmo, attributos de muito vigor intellectual.

A parada que o poeta fez, no seu caminho literario, foi muito proveitosa. Serviu para dar maior reflexão á sua arte e para florir, com mais côres, os rebentos da sua inspiração.

Tudo quanto a critica tem dito em favor do poeta de "Outros poemas" consagra a actividade de um bello espirito, sensivel á belleza e fiel ás musas do seu tempo.

LUCIANO

UMA THEORIA DO AMOR

O amor, entre os homens, é uma creação imperfeita. Não devia haver sentimento unilateral no amor. Para que este existisse, seria mister a conjugação de duas sympathias irresistiveis.

Só o encontro de dois sentimentos affins deveria ter a força de creação do amor. Se eu fosse demiurgo, faria os homens assim.

Deixariam de existir os desgraçados pelo amor não correspondido.

Como na electricidade, os effeitos se produziriam pela combinação de duas forças. Uma só existiria pela outra. Ambas se completavam, mas nenhuma preexistiria, porque, isolada, o sentimento era, apenas, uma vaga emoção, sem finalidade.

Com esta theoria do amor, ter-se-ia attingido a perfeição. Desappareceriam os amantes infelizes.

O amor, dentro desse ponto de vista, devia ser uno e indivisivel. Nunca, entre duas pessôas, que se gostassem, esfriaria o sentimento de um, continuando ardente o do outro.

Quando, por qualquer motivo inexplicavel, um dos amantes fôsse perdendo o enthusiasmo do seu amor, coexistencialmente o mesmo phenomeno se operaria em relação ao outro.

Não haveria assim

Em frente ao Lido, elle quiz parar. Suggeri que voltassemos ahi á noite. E fomos ao Berri.

As pequenas bonitas de Copacabana ficaram todas no bairro, no sabbado. Andavam aos bandos, como aves assustadas. Assim as vi da nossa mesa, ao ar livre, no novo *bar* da Avenida Atlantica.

— E o calor?

O meu amigo já tinha fechado o seu paletó com medo de refriar-se. As primeiras luzes da noite accendiam o collar de perolas da linda Avenida.

E se ia esgarçando, na lembrança do provinciano, a paizagem da terra nativa...

* * *

19 horas. O *footing* interrompe-se dentro de meia hora para o jantar. Mas, vejo ainda as senhoritas Rachel Souto, Regina Konder, Neuza Freitas, Amelia de Castro, Zelia Bandeira, Lucilla Bertulli, Marinette Bouças, Maria Rego Paes Leme e as senhoras Octavio do Monte, Marina Torres, Diva Freitas Machado, Bert Noa, Tolentino de Souza, etc.

* * *

Onde jantarmos? No Lido. Estava completo o programma. Mas era preciso ainda fazer hora. E, como dois poetas, que se prezam, ganhámos a praia de Ipanema e fomos dizer versos deante do mar, celebrando, cada qual, o objecto do seu amor...

ALMOÇOS ELEGANTES

O restaurante do Automovel Club do Brasil é um dos logares mais distinctos, onde se póde almoçar, no Rio, com a certeza de que se está num meio elegantissimo.

O ambiente fino e moderno insinúa aos frequentadores do bello restaurante o gosto aprimorado do bom trato.

Não somente nos dias de festa e de banquetes, o restaurante pode ser escolhido para um excellente repasto. Mas, nos dias communs, á hora das actividades normaes, um almoço na velha e tradicional séde do antigo Club dos Diarios é uma prova de bom gosto.

* * *

Esta semana, almoçaram no Automovel Club, entre outras, as senhoras Nelson Pinto, Povina Cavalcanti, Pinto de Moraes e as senhoritas Maria Helena Alves Pinto, Lourdes Nelson Machado e Helena Boulitreau.

PONTO CHIC

CONTINÚAM verdadeiramente *chics* as tardes de apperitivos na bella casa de chá da rua Bethencourt Silva. Numerosas e distinctas são as pessôas que vão habitualmente tomar o seu *drink* ou beber o seu chá.

A orchestra, do seu novo nicho, executa musicas modernas. O meu excellente amigo Alvarez, como um perfeito *gentleman*, extrema-se em mandar servir irreprehensivelmente a todos. E o Ponto Chic revive as suas tradições acompanhando o progresso vertiginoso da cidade.

* * *

Tomei nota, entre os seus *habitués*, das senhoras Figueiredo Lopes, Elza Machado Pinto, Adila Alves Lima, João Uchôa, Brito Barbosa, Sophia Loureiro, José Medeiros de Oliveira, e das senhoritas Najla e Diva Jabôr, Ida Uchôa e Santinha Moraes.

CINELANDIA

O verão é um inimigo declarado do cinema. Só mesmo os *fans* mais ardorosos não abandonam a projecção dos seus artistas predilectos.

O calor impõe á gente o refugio das praias ou das florestas. As proprias tardes da Avenida escasseiam de elegantes, que preferem saltar do automovel á porta da sorveteria, caminhando o menos possivel.

A Cinelandia é, entretanto, um logar de attracção dos cariocas. Por que? Toda essa multidão vae mesmo ao cinema, com 35 gráos á sombra?

Não creio. E' que o bairro Serrador tem um clima proprio. E a gente vae á Cinelandia fazer simplesmente isto: tomar ares.

* * *

Lembra-me de ter visto, "em plena estação": a senhora e senhorita Carlos da Veiga Lima, a senhora Gaspar Coelho, a senhora Annibal Nelson Machado, a senhora Edson de Carvalho, a senhora Adib Jabôr, a senhora Edmundo de Lima, a senhora e senhorita Thompson Motta, a senhora e senhorita Amarillio de Noronha, a senhorita Jansen Muller, a escriptora Ernesta von Weber, as senhoritas Lucia e Ernestina Lobo, a senhora Leticia Figueiredo, a senhora Mario Chagas Doria, as senhoritas Lázinha Luiz Carlos, Léa e Jacyra Baroukel, Santinha Castello Branco, Diva Maldann e a poetisa Henriqueta Lisbôa.

* * *

Noutra hora, vi: Senhoras Mario Lima Rocha, Adolf Neuhaeusser, Julia Galeno, Muniz de Aragão, Souza Coelho, Braz do Pinho, Octavio Reis, Heitor Motta, Joubert de Carvalho, Gomes de Mattos, Machado Guimarães, Aderbal Paula Salles, Amaral Nogueira, Oswaldo Barbosa, João Augusto Alves; senhoritas Vera Amaral, Lourdes Nelson Machado, Maria Lisbôa Ramos, Marilia Alves, Annah Mello Franco, Annita Almeida, Maria Victoria Baptista, Olga Lefki, Helena Mirandola, Nilda Bethlém, Lucia Lobo, Gesy Barbosa, Alayde e Lygia, Eyer, Astir Jabôr.

* * *

FILMS

JOCKEY CLUB. Domingo. Corridas. A multidão festeja os favoritos. Corre um *frisson* geral. A tarde é de uma envolvente doçura. E a elegancia carioca veiu fazer uma parada hieratica nas archibancadas e na *pelouse* do mais bello prado sul-americano.

* * *

Minha roda anda retrahida. Comtudo, do meu isolamento, assisto ao esplendor das mais peregrinas bellezas. E penso que, em nenhuma terra do mundo, a belleza feminina tem um scenario tão proprio, como esse do Rio.

Aqui, a natureza é verdadeiramente uma moldura.

* * *

LIDO

CONTINÚA em franco successo a temporada de verão, no Lido, o elegante restaurante de Copacabana.

Aos chás dançantes dos domingos e, todas as noites, aos jantares, que alli se realizam, com uma orchestra deliciosa, comparece a melhor sociedade do Rio.

Para hoje, o Lido preparou uma ceia-dançante, que deve attrahir, em *big parade*, o grande mundo carioca.

mais razão para o divorcio. Ou antes, o divorcio perderia o seu sentido actual, que tanta gente acha antipathico.

Por outro lado, uma serie de tragedias interiores se acabaria. Acabaria o ciume — multiforme creação de demonios.

E apurar-se-iam as qualidades moraes. A confiança, a lealdade, a honestidade dispensariam os freios da religião e da ethica.

Seria um verdadeiro paraiso a vida do homem. Sobretudo, porque a ingenua utilidade das pythonisas já não precisaria ser invocada nas enfermidades do coração, em que se padece do mal do amor. E a alegria voltaria ao seio dos homens. Só os doentes de doença physica seriam tristes. Não existiriam os desprezados, nem os trahidos, nem esses pobres infelizes, que amam sem ser amados. E a vida marcharia com um rythmo de eternidade, que só os instinctos gloriosos do amor conjugado sabem imprimir ao coração do homem.

A humanidade, assim feita, ou assim reformada, sem os suicidios conjugaes, sem os dramas da paixão, só teria uma falta: a falta dos poetas desgraçados, cujos cantos lembram a flôr dos cactos, que glorifica na sua pompa singular a esqualida miseria da arvore, de que brotou, sem ter o afago de uma folha, nem a graça decorativa de um ramo... LUCIANO

SILHUETAS DO CARNAVAL PAULISTA

1 - Senhoritas Helena Machado, Heloisa e Ottilia Penteado e Vera Almeida. — 2 - Senhorita Consuelo Mendes Cruz. — 3 - Senhoras Rosalia Cibella e Dora Cintra. — 4 - Senhoritas Vera Ribeiro Netto, Vera Teixeira, Odete O' Leary e Celeste Hodge.

(Photos Cerri — S. Paulo)

Uma galante bonequinha do Carnaval, que fez successo em todos os bailes infantis deste anno. Layze é filha do casal Carlos - Magdalena G. Brandão.

Écos do Carnaval

No medalhão: o «tenente de Marinha» Bey Mendes Caldeira ... No recorte, ao centro: Fernanda e Gilberto Sampaio, «soldados de Momo... Em baixo, á esquerda: o elegante carnavalesco Luiz Carlos B. Lara; á direita: Maria Thereza Andrade de Araujo e Maria Helena Tauloi Fernandes. A «dama romantica e a «flôr»...

A recente nomeação do dr. Octavio Kelly, para o alto cargo de ministro do Supremo Tribunal Federal, teve a maior repercussão nos circulos da magistratura nacional e nos centros juridicos do paiz, de que aquelle illustre patricio é expoente dos mais representativos. Magistrado de inatacavel integridade, jurista notavel e figura de marcante relêvo e prestigio no scenario da nossa vida social, o novo e distincto membro da mais alta côrte de Justiça da Republica teve, na cerimonia de sua posse, realizada a 14 de fevereiro ultimo a melhor demonstração da geral sympathia com que foi acolhido o acto de sua nomeação. E um aspecto dessa brilhante solennidade o que fixa a nossa gravura, vendo-se, no medalhão, a ministro Octavio Kelly.

MÊDO

— Eu já acredito em você. Já acredito no seu amor. Não preciso mais de prova.

Foi assim, cruelmente, que você respondeu ao meu appêllo ansioso para equella hora azul que me havia promettido ao som de uma gritante marcha carnavalesca. Foi assim, cruelmente, que você destruiu a minha pobre esperança.

E eu, que pretendia mostrar-lhe, num sacrificio impressionante, o verdadeiro sentido do amor, abrindo-lhe o meu coração e a minha alma, não pude dar a prova definitiva deste sentimento puro em que você não quer acreditar.

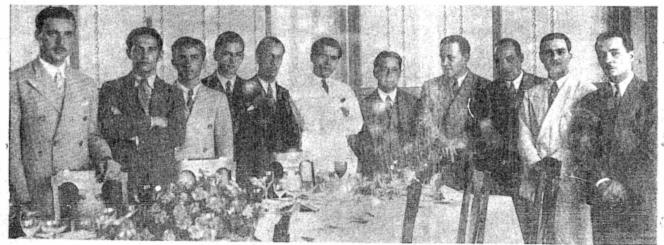
— Mas, por que você não quer mais a prova? — perguntei-lhe.

E os seus olhos doces, os seus lindos olhos amorosos me responderam, perturbados:

— Porque tenho mêdo. Mêdo de você... e de mim. E, depois, eu já acredito no seu coração. E porque acredito é que tenho mêdo. Um mêdo infinito de ser sua... para toda vida. E' estranho, isso, mas eu sinto um grande, um immenso receio de não poder resistir á tentação da hora azul...

Eu quero, apenas, a sua alma. Quero possuil-a como a unica felicidade que desejo nesta inquietação que você creou no meu destino. Quero sentil-a junto á minha, palpitando fremente para a minha angústia interior. E consolando-me, e illuminandome, e ajudando-me a viver...

Quero a sua alma, rainha do meu coração, e não tenho mêdo da tentação da hora azul...

MAURO

Ao dr. Jayme Poggi, que acaba de ser nomeado director dos Serviços Medicos da Santa Casa de Misericordia, foi offerecido, no dia 20 de fevereiro último, pelos assistentes e internos do illustre cirurgião patricio, um almoço intimo, que se realizou num dos grandes hoteis da capital. Fez o discurso de saudação ao homenageado o dr. Murillo Fontes, assistente de cirurgia do Hospital S. João Baptista e joven e prestigiosa figura da nossa classe médica, que produziu brilhante discurso exaltando a personalidade scientifica do dr. Jayme Poggi.

O MANTO de ARLEQUIM

AS CRUZES DO SERRO

O trem, chocalhante, sacolejante, arfante, retorcia-se por entre as pequenas collinas da terra sergipana. Os cajueiros carregados de fructos a que balisavam a materia verde, mostravam que nos aproximavamos do litoral.

De subito, no alto duma collina surgiu banhada de sol uma velha igreja, coroada de cruzes que abriam os braços na amplidão azul. Por entre o arvoredo, alguns telhados sujos denotavam a existencia duma povoação. O trem parou.

— Onde estamos? — indaguei do conductor.

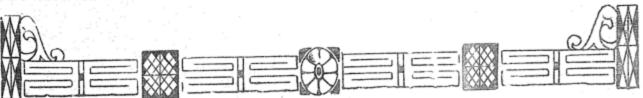
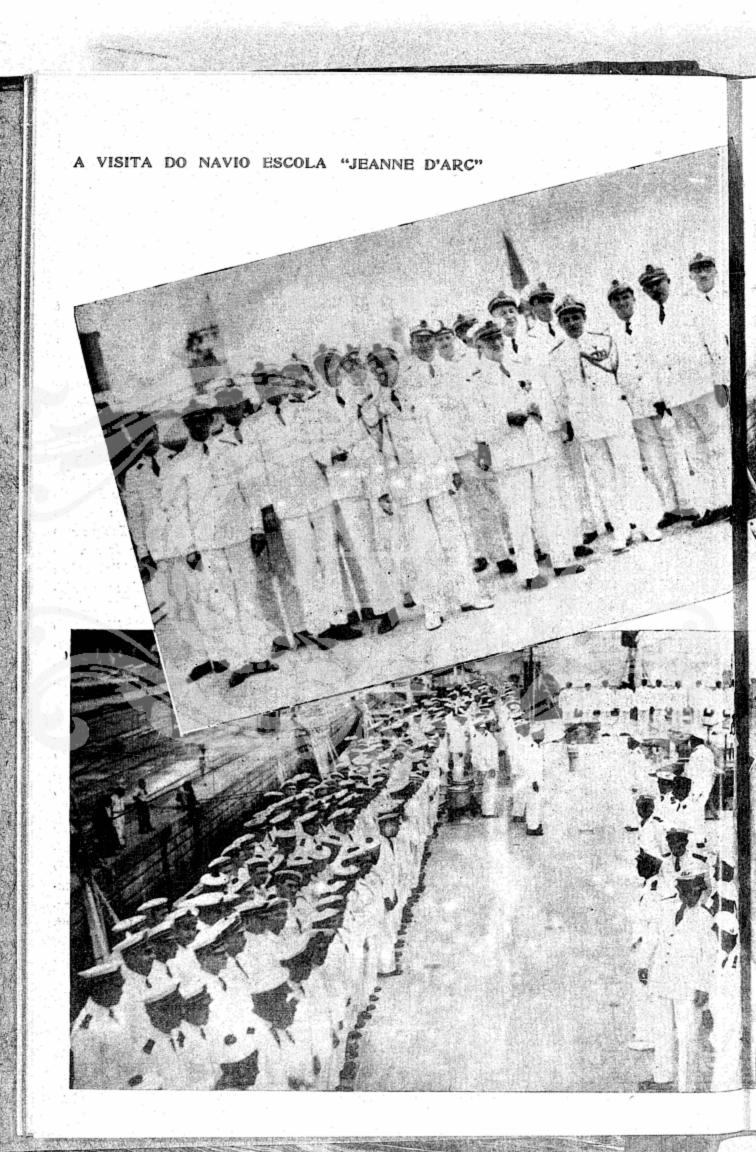
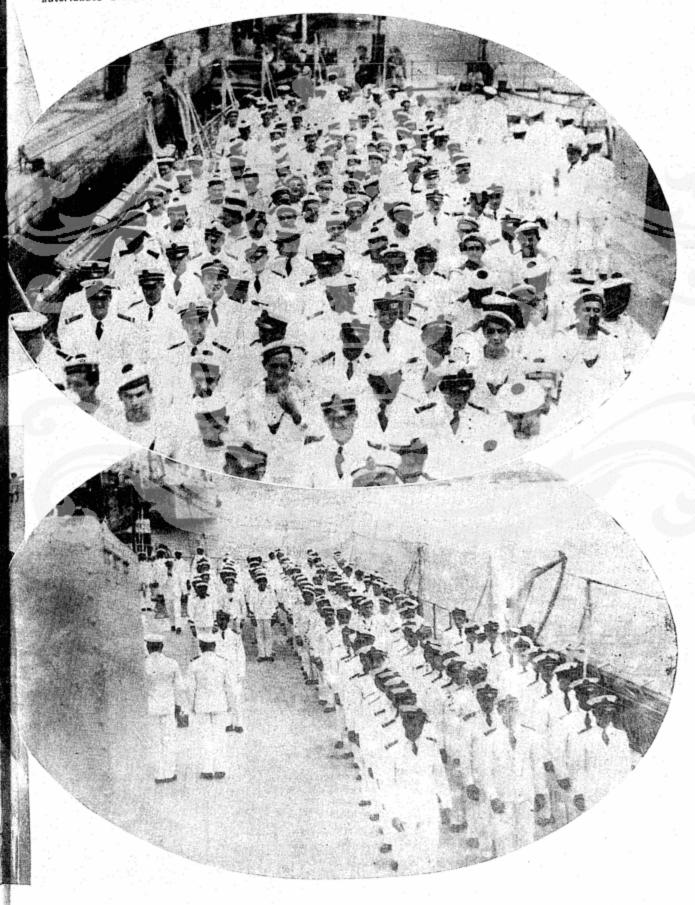
— São Christovam, respondeu.

Então, pensei na villa colonial jesuitica que fôra capital de Sergipe e ia perder-me numa evocação historica, quando a voz dum dos meus companheiros de viagem m'o impediu.

Elle estendia o braço pela janella do carro, apontando o templo no alto do morro, e falava:

— Vejam o que vale a palavra quando traduz uma grande idéa. Neste recuado e obscuro rincão do continente americano, se ergueu e ainda perdura aquella casa encimada de cruzes, porque algumas palavras fôram ditas por um homem divino lá no fundo da Judéa ha dois mil anons quasi. Tudo sossobrou em torno dessa creação maravilhosa. Primeiro, os imperios: o Imperio Romano dos Cesares, o Imperio Bizantino dos Basileus, o Imperio Germanico dos Carloringios, o Imperio Francez dos Napoleões, o Imperio Allemão dos Hohenzollern, o Imperio Russo dos Czares. Depois, as philosophias: o Spinosismo, o Criticismo, o Materialismo, o Positivismo, o Racionalismo, o Monismo, o Evolucionismo. Por fim, os credos sociaes: o Absolutismo monarchico, o liberalismo e o Communismo. Tudo tem sossobrado em derredor daquelle symbolo plantado por um Homem que não tinha dinheiro nem exercitos e andava rodeado de pescadores, pisando a poeira dos caminhos! O trem apitou e partiu, cortando, infelizmente, o fio do discurso do meu companheiro. — BEMTEVI.

Senhora Lucinda Corrêa Lima, esposa do sr. Manoel Mendonça Lima, funccionario do Banco do Brasil, e dama da nossa alta sociedade, acompanhada de sua galante filhinha Roselys.

A VISITA DO NAVIO ESCOLA "JEANNE D'ARC"

O navio escola francez «Jeanne D'Arc», que realiza um cruzeiro de estudos com uma turma de 153 cadetes navaes, ancorou em nosso porto na penúltima quinta-feira e aqui ficou durante uma semana, para, depois, proseguir viagem até o extremo norte, de onde regressará á França. Commandada pelo capitão Yvon Douval, a elegante unidade da marinha de guerra franceza recebeu a bordo, no dia de sua chegada a esta capital, a visita dos representantes das autoridades brasileiras e da embaixada de França, que levaram cumprimentos e votos de bôas-vindas á brilhante officialidade do «Jeanne D'Arc». O commandante Douval, a officialidade e os guardas-marinha do navio-escola francez foram alvo, durante sua permanencia entre nós, de expressivas homenagens por parte do nosso governo e dos seus compatriotas residentes nesta capital. Esta pagina apresenta aspectos photographicos tomados a bordo do «Jeanne D'Ar», momentos depois de lançar ferros no ancoradcuro dos navios de guerra.

UM ALMOÇO A OFFICIALIDADE DO "JEANNE D'ARC"

Entre as homenagens recebidas, nesta capital, pelo commandante, officialidade e guardas-marinha do navio escola «Jeanne D'Arc», sobresahiu o almoço offerecido pela colonia franceza, no Country Club, e que resultou numa festa de vibrante cordialidade. O nosso «cliché» focaliza trez detalhes dessa alegre reunião.

Os systemas philosophicos que, depois do israelita Spinosa, se fôram desenvolvendo e espalhando no mundo occidental até o seculo XIX tiveram todos um fundo materialista, mesmo quando se apregoavam idealistas, e apresentaram sempre os mais accentuados caracteristicos analyticos. Elles analysaram o universo, o nosso planeta, o homem e a physionomia interior do homem. Nessa critica continuada, tudo foram despindo, descobrindo, descarnando até que deixaram o individuo inteiramente isolado e enfraquecido no ambiente da vida.

Projectando-se nas manifestações da literatura, sobretudo na poesia, essas philosophias geraram o scepticismo, o pessimismo, o saudozismo, o penumbrismo e outras formas de tristeza e de decadencia. Assistimos ao espectaculo das carpideiras literarias. Todas achavam que era tempo de morrer, que só o passado fôra grande, fôra bello, que nada mais funesto do que o nascimento. Depois seguiram-se os cultores do que se chama ironia e que não passou de desdem da vida.

A Grande Guerra encerrou em sangue esse periodo de desfibramento. E, se nella houve herões e martyres, é que se não haviam perdido de todo, nas camadas do povo, as virtudes ancestraes. Ella abriu a tiros de canhão uma era nova, e este seculo, para as gerações que despontam, é um seculo de luta, mas de optimismo, de fé na victoria.

Procedendo a um inquerito entre as mais altas figuras da vida social e cultural brasileira sobre se vale a pena viver, nós esperamos que as respostas dêem bem a medida do sentimento actual a esse respeito.

As respostas do publicista F. Carvalho Santos e do deputado Milton de Souza Carvalho

Rio, 15|6|33.

Exmo. sr. dr. Gustavo Barroso. M. d. Redactor Chefe do *"Fon-Fon"*.

As minhas melhores saudações.

Pergunta-me "Fon-Fon": — *Vale a pena viver?* E deseja que lhe dê uma resposta, sem marcar limites, nem estabelecer orientação.

Aqui vae a minha resposta: — "Só pelas affeições que soubemos inspirar ou pelas que desabrocharam em nós e que cultivamos e engrandecemos — *Vale a pena Viver*.

Porque são ellas as verdadeiras raizes que alimentam a existencia, ao passo que tudo mais é fugaz ou enganador. A riqueza, a honraria, como a miseria e a propria dôr, podem passar como podem se transformar. E mesmo essas só encontram compensação, retribuição ou apoio nas affeições que nos cercam.

Agradecendo-lhe a honra de sua consulta e a nimia gentileza de me incluir entre personalidades, subscrexo-me, mui attentamente, de v. exa., patrco. admor. mto. atto.

F. Carvalho Santos

Rio de Janeiro, 1.º junho 1933.

Exmo. sr. dr. Gustavo Barroso. Redactor Chefe de FON-FON.

Attenciosas saudações.

Respondendo á amavel carta de v. excia. pedindo, em nome da fina revista de elegancia e de cultura que é "Fon-Fon", a minha opinião sobre *si vale a pena viver*, tenho a dizer que — *tanto vale a pena viver que ninguem quer morrer*.

Apresento a v. excia. os meus cumprimentos mais cordeaes.

Milton de Souza Carvalho

Na nossa proxima edição, daremos a resposta do academico e diplomata Carlos Magalhães de Azeredo.

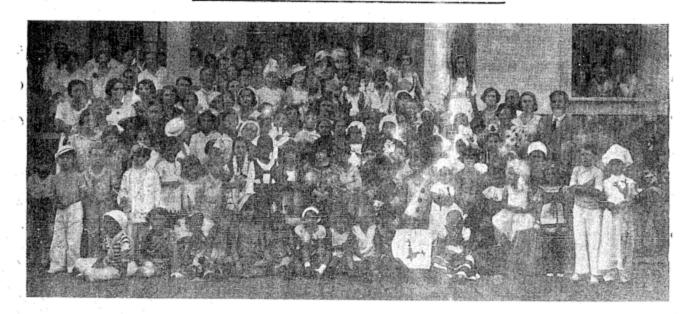
O CARNAVAL EM CAMBUQUIRA

A linda estação de aguas teve, tambem, o seu carnaval alegre, que se destacou sobretudo nos salões dos hoteis, em festas de grande brilho social. Nesta pagina de FON-FON publicamos, no alto, um baile á fantasia realizado no Hotel Silva, e, em baixo, um outro da festa infantil carnavalesca, levada a efeito no mesmo hotel e promovida, como aquelle, pelos decididos foliões Euclydes Nunes da Costa, Nelson F. Carvalho, Cincinato Barbosa e Caetano Gonçalves de Araujo, veranistas de Cambuquira.

O CANIÇO DE OURO

Diz o Apocalypse: "E aquelle que me falava trazia na mão uma medida, um caniço de ouro, para medir a cidade, suas portas e suas muralhas."

Parece que o sonhador de Pátmos quiz nesse versiculo significar que as cousas do espirito têm uma medida que não é deste mundo. Com esse caniço de ouro serão medidos do outro lado as nossas acções e os nossos pensamentos. E nenhuma medida nunca houve nem jamais haverá tão exacta quanto essa. E' por ella que se aferirão os verdadeiros meritos que na terra não se soube devidamente reconhecer.

Trepações

Dois galantes foliões: Marilda e Marcio, filhinhos do casal Georgina-Agricio de Mattos, residente em Nictheroy.

A galante menina tinha alguem de olho, com promessa de casamento para breve. Os paes estavam de accôrdo, porque elle parecia um bom partido. O rapaz, além de sympathico, apresentava credenciaes de solida capacidade financeira para garantir o futuro da pequena. Acontece, porém, que o rapaz teve necessidade de ausentar-se do Rio, e a viagem durou mais do que fôra previsto. Até mesmo as noticias fizeram uma larga pausa, provocando uma pontinha de despeito na pequena. Dahi, talvez, a idéa de substituir o candidato ausente por outro que appareceu animado de sangue novo.

Apesar do substituto não offerecer os attractivos do outro, foi bem recebido, porque na época actual os casamentos andam difficeis... Os negocios marchavam bastante animados, quando o viajante chegou inesperadamente, provocando uma crise muito séria.

Os papás da menina ficaram *banzo*... Capital parado não rende juro, diz a sabedoria popular, e, por isso, era necessario arrumar as coisas com intelligencia para o antigo pretendente manifestar-se pelo casamento immediato.

Mas... o outro podia atrapalhar o arranjo, com o seu genio violento. A situação é critica, pois a pequena, entre a cruz e a caldeirinha, não sabe como vae terminar a comedia, sendo mesmo mais provavel ficar a vêr navios...

A curiosidade do distincto rapaz foi, afinal, satisfeita. Nunca havia frequentado um grande baile carnavalesco, porque a esposa jamais concordára em acompanhál-o a taes centros de perdição... A cada ensaio tinha de recuar, pois em casa, no lar, a ameaça de tempestade era apavorante. O nosso amigo, porém, alimentava a esperança de experimentar a sensação de envolver pela cintura uma Colombina qualquer, perdendo-se na multidão alacre, escravizada pelos prazeres de Momo. E tanto fez, que conseguiu realizar o seu grande desejo, neste anno, em que *madame* teve a feliz idéa de ausentar-se do Rio, para uma estação de repouso. Com habilidade, o esculapio demonstrou a necessidade de permanecer aqui, ao lado de clientes que careciam de assistencia, e cahiu na *farra*.

Parece que a estréa foi optima. Tanto assim que arranjou um *caso* delicioso para a sua clinica...

A *doente* não dispensa os cuidados do *carinhoso* medico, e as visitas ao consultorio são infalliveis, á tarde. Quando ella não póde comparecer ao consultorio, o medico é solicitado pelo telephone para uma visita a domicilio...

Desnecessario será dizer que elle abandona os doentes, e sáe correndo do consultorio para attender ao chamado de Colombina...

Tudo vae correndo maravilhosamente, até que *madame* resolva o contrario, attenuando o enthusiasmo do marido.

Então, restará a lembrança de um baile carnavalesco do *outro mundo*, si não acontecer coisa peor...

Celso e Cléa, filhinhos do sr. Irineu Chaves, nosso collega de imprensa. Uma Colombina e um Pierrot que promettem...

Uma loirinha brasileira que não é «oxigenée»... Olhos azúes, cabello côr de oiro e roupa de cossaco... para impressionar. Ahi está, sorrindo e bonita na sua graça carnavalesca, a senhorita Leonor Schurig.

A gentil e prendada senhorita Juracy Vellozo Dias, da alta sociedade da capital bahiana, em cuja Escola Normal foi, recentemente, diplomada, depois de brilhante curso.

COMEÇO DE ROMANCE

POR GILBERTO VEIGA

Foi numa festa delirante de carnaval que Humberto conheceu Jandyra. Um *club* elegante. Um *jazz* maluco, gritante, a enlouquecer os já quasi loucos foliões. Volteios de pares, luzes deslumbrantes, aqui e ali, mesinhas bem dispostas e bizarramente ornamentadas. Passa, folgazã no meio da multidão que dança, a linda Jandyra, enviando num sorriso, provocador, um olhar de ternura ao rapaz sentado a uma das muitas mesas. Depois, dançaram. Trocaram palavras carinhosas. Os dias que se seguiram deram ensejo a novos encontros. Novas trocas de impressões e de predilecções augmentavam dia a dia a sympathia existente, dando nova feição áquella brincadeira de carnaval, que deveria terminar com o ultimo vidro de lança-perfume quebrado. Uma affinidade absoluta de almas mais e mais os ligou. A "belleza triumphal" de Jandyra, sua tez rosada, seus cabellos loiros e lindos, sua bôcca a sangrar, seus olhos claros, de ternura mansa, todo esse conjuncto harmonioso concorreu enormemente para mais e mais prender o rapaz, a despeito do scepticismo que lhe cavava a alma.

O Destino, esse decantado Destino que, na minha opinião, muito falha, parece, desta vez, envolveu, na sua trama de fina urdidura, o par gentil. Uma longa serie de coincidencias se verificou entre elles. Mas, como a felicidade é semelhante á sensitiva, mal Humberto a tocou, suas folhas se fecharam bruscamente, dolorosamente... Jandyra não habitava o Rio e partiria, logo que o carnaval passasse. E assim foi. Poucos dias depois das *Cinzas*, quando ainda pairava no ar o cheiro estonteante do ether dos lança-perfumes e quando os ouvidos ainda não haviam esquecido o rumor agonizante das ultimas canções carnavalescas, Jandyra, numa manhã cinzenta, cheia de brumas e de tristeza, deixou a "cidade maravilhosa" num barco bonito e possante, rumo de sua terra natal. E Humberto, emotivo por indole, sentimental por temperamento, amargou a partida daquella que tão bem lhe soube comprehender a alma. Resta-lhe, agora, como unico consôlo da doce amiguinha que partiu, uma grande, immensa, profunda e inolvidavel saudade.

O Destino, ainda desta vez, concorreu para que Jandyra conservasse o prestigio inteiro que adquiriu nos poucos dias de convivencia com o seu casual amigo: fêl-a partir. Vem a proposito a velha sentença de Tatito: "Major e longinquo reverentia". Sim, porque, se Jandyra houvesse ficado, talvez, se desencantasse conhecendo mais de perto os provaveis defeitos do seu grande amigo perdendo, assim, a melhor parte do seu sonho bom e a melhor parte do seu carnaval: a illusão.

«FON-FON» EM SÃO LOURENÇO

Grupo de veranistas de São Lourenço numa hora de bom-humor, illumiminada pelo sorriso da senhorita Bertha Vitis.

A mesa que presidiu aos trabalhos da solennidade commemorativa da data de 31 de janeiro no Centro Republicano Portuguez Dr. Affonso Costa, vendo-se o dr. Azevedo Lima, orador official, pronunciando o seu discurso.

A passagem do 1.º anniversario da administração do major Agricola Bethlem na Superintendencia do Ensino Secundario foi brilhantemente commemorada, na penultima terça-feira, recebendo o illustre chefe daquelle importante departamento official expressiva e tocante manifestação de apreço. Foi, realmente, merecida, sob todos os titulos, essa espontanea demonstração de sympathia e consideração ao major Agricola Bethlem, que vem prestando á Superintendencia do Ensino Secundario os melhores serviços. Nessa manifestação, a que estiveram presentes os representantes dos ministros da Guerra, da Marinha, da Viação e da Educação, o arcebispo de Goyaz, inspectores do Ensino Secundario, funccionarios da Superintendencia, jornalistas, etc., falaram varios oradores, entre os quaes os drs. José Augusto de Lima e Bica de Almeida, aos quaes, commovido, agradeceu o major Agricola Bethlem. Na nossa gravura vêem-se o superintendente do Ensino Secundario agradecendo a manifestação que lhe era feita e um grupo batido logo depois da mesma.

* * *

A VIDA

A vida não póde e não deve ser unicamente satisfação de necessidades materiaes. Ella póde e deve ser, antes de tudo, satisfação de aspirações intellectuaes e espirituaes.

Estas são eternos direitos da personalidade humana, que devem primar os determinismos economicos, pois o espirito precede a materia.

Se acontecesse o contrario, como querem os materialistas de toda a especie — ficariamos em face do maior dos absurdos: — o inconsciente gerando o consciente.

Como póde uma coisa dar aquillo que não possue? Se a crêa, então, é Deus. E Deus póde ser o inconsciente?

* * *

FIGURAS DO CARNAVAL — Quatro «pintores futuristas» do séquito de Momo: senhoritas Olga e Vera Martins e Creuza e Yolanda Lobato.

Colégio Icaraí

conceituado instituto de ensino primario e secundário de Nictheroy Colegio Icaraí, que tinha sua séde á rua Presidente Pedreira, 33 e 48, na vizinha capital, acaba de mudar-se para o grande edificio da rua Passo da Patria, 156, onde installou definitivamente os seus diversos cursos. O illustre educador dr. Jorge Abreu, seu director, amplia, assim, a capacidade de um estabelecimento tradicional na capital fluminense, e pelo qual têm passado, em vinte annos de existencia, algumas gerações brilhantes de elementos das melhores familias do Estado do Rio de Janeiro.

A nova séde do Colégio Icaraí occupa todas as dependencias do antigo edificio da "Western Telegraph", situado mesmo em frente do Jardim Nilo Peçanha, e conta com installações que satisfazem ás maiores exigencias da pedagogia moderna e dão o maximo conforto aos alumnos.

Uma bellissima praia de banho propria, trez magnificas praças de sport--para tennis, volley e basket, cobertas para ping-pong, etc., valorizam ainda mais a nova séde do Colégio Icaraí.

O dr. Jorge Abreu está, assim, de parabens pelo que realizou no seu conceituado instituto, onde um corpo docente escolhido entre os nomes mais acatados do magisterio augmenta o prestigio de que já desfructa o Colégio Icaraí.

Esta pagina focaliza alguns aspectos da nova séde do Colégio Icaraí, vendo-se, ahi, a fachada, os pavilhões principaes, os salões de musica e de refeição e um detalhe da varanda interna.

Alto-Falante

Concluiu o curso na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro o dr. Fernando Cuming Young, que sempre desfrutou de grande prestigio nos circulos universitarios, por sua intelligencia e fidalguia pessoal. O novo bacharel em sciencias juridicas e sociaes pertence á turma de bacharelandos de 1933, tendo collado grão na solennidade realizada a 8 de dezembro findo, no theatro João Caetano.

UMA ESTRÊA

AFFONSO T. DE CARVALHO é um joven e talentoso cearense, residente na linda cidade de Sobral, onde exerce sua intelligente actividade. Um cearense, como a maioria dos meus conterraneos, que se fez por si, á custa do seu proprio esforço, numa luta constante, silenciosa e tenaz.

Denotando, desde cedo, accentuado pendor para as letras, Affonso de Carvalho vem de publicar o seu livro de estréa, sob o titulo de "Farpas". Semelhante iniciativa, num meio falho de estimulo, só por si representaria uma victoria, mesmo que outros meritos não tivesse o primeiro livro do joven cearense.

"Farpas", porém, é uma obra interessante. São paginas escriptas á margem da propria vida, commentarios sobre factos, coisas e homens da actualidade. Paginas bem escriptas, bem movimentadas, aqui e ali cheias de intensa vibração, de forte emotividade, muito embora, como é natural, aqui e ali tambem accuse o autor certa insegurança ao tratar de assumptos que exigem cultura mais solida, observação mais amadurada, senso critico mais esclarecido.

Ainda assim, apesar dessas falhas communs a todo escriptor incipiente, é auspiciosa a estréa do joven cearense. Auspiciosa e grata, gratissima mesmo, a trez de seus conterraneos, todos redactores de FON-FON, a quem elle consagra o seu livro de estréa, com esta carinhosa dedicatoria: "A Gustavo Barroso, Martins Capistrano e Elcias Lopes — trez affirmações brilhantes do meu Ceará martyrisado e heroico, com profunda admiração do autor."

O 1.º tenente Humberto de Moura Ferreira, illustre deputado á Constituinte, pelo Estado de Pernambuco, vem exercendo, tambem, desde setembro de 1931, o cargo de administrador das Docas do Porto do Recife. A' frente desse posto, que lhe confiou o governo pernambucano, esse digno patricio deu, logo, as melhores provas da sua capacidade téchnica e administrativa, imprimindo a mais efficiente orientação aos trabalhos a seu cargo. «Porto do Recife», publicação ricamente illustrada e magnificamente organizada, destinada á mais ampla propaganda das Docas do porto da capital pernambucana, representa uma das acertadas e felizes iniciativas do tenente Humberto de Moura. No genero, como trabalho de propaganda portuaria, e como obra graphica, é a mais perfeita publicação organizada no nosso paiz. E vale, tambem, como a mais interessante propaganda da cidade do Recife, do seu progresso, das suas bellezas e attractivos, da sua cultura, das suas enormes possibilidades.

O joven e talentoso estudante Milton Castanheda Vilalva, filho do illustre escriptor dr. Mario Vilalva, concluiu, este anno, com muito brilho, seu curso gymnasial, no Collegio S. Vicente de Paulo, de Petropolis, tendo como seu paranympho o grande poeta Alberto de Oliveira.

S. PAULO

Ainda trago, reflectida na minha retina, palpitante de enthusiasmo, a visão, sempre grata, da minha ultima visita á grande e nobre terra paulista.

Sorocabana... Atravesso a extensa e rica zona cortada pelos trilhos da Sorocabana, num constante deslumbramento. Os vastos, enormes campos de cultura, que se rasgam e estendem numa e noutra margem da estrada, dão-me a impressão de terra a cantar, em rythmos silenciosos e profundos, a exaltação do trabalho bemdito que a fecunda e enche de riqueza os celleiros de seus filhos.

A estranha canção verde, silenciosa e envolvente dos campos paulistas... O hymno crepitante do seu trabalho fabril, a espalhar no seu céo a fumaça das suas enormes chaminés...

S. Paulo em trabalho... S. Paulo dynamico, a realizar a epopéa glorificadora de seu progresso com os formidaveis bandeirantes modernos da sua fé e amor ao trabalho...

MAX LINDER

Trez aspectos da formatura integralista realizada em São Paulo, em homenagem ao capitão Jehovah Motta e ao dr. Madeira de Freitas, chefes provinciaes do Ceará e do Districto Federal, que acabam de visitar a capital bandeirante. No alto, uma das centurias integralistas que tomaram parte na formatura. No medalhão, o commandante da milicia paulista, sr. Eurico Guedes de Araujo, transmittindo uma ordem. Em baixo, o chefe nacional, sr. Plinio Salgado, acompanhado dos chefes provinciaes capitão Jehovah Motta (Ceará), dr. Madeira de Freitas (Districto Federal) e dr. Eduardo Graziano (S. Paulo), passando em revista os «camisas-verdes» paulistanos.

O INTEGRALISMO EM SÃO PAULO

O chefe nacional Plinio Salgado falando aos integralistas de São Paulo, na solennidade levada a effeito, naquella capital, em homenagem ao capitão Jehovah Motta e ao dr. Madeira de Freitas. Em torno do orador, altas autoridades integralistas. O capitão Jehovah Motta fez, nessa solennidade, uma conferencia sobre a doutrina integralista.

O LIVRO

O livro é sempre uma lição.

Mesmo fechado, como diz Hanotaux, elle ainda fala pelo seu dorso, pelo seu letreiro.

Por elle o fio de nossa existencia prende-se aos seculos preteritos.

Abençoemol-o e defendamol-o.

Entramos na grande era das syntheses em que os livros levantarão os povos, agitarão os continentes, servirão de lastro á organização das sociedades e á architectura das nações.

Propaguemos o livro — conservatorio do pensamento, porque é o pensamento e não a materia quem governa o mundo.

Flagrantes do primeiro casamento integralista realizado no Brasil. Os noivos são a senhorita Alba Pádula e o sr. Manoel Moreira da Silva, secretario do Nucleo do Espirito Santo. A cerimonia foi celebrada a 17 de fevereiro último.

Fóra do Regimento...

O deputado Accurcio Torres offereceu, na praia de Itacoatiára, Estado do Rio de Janeiro, um churrasco legitimamente gaúcho a alguns collegas da Constituinte. Esse ágape ao ar livre constituiu uma reunião pittoresca, que decorreu num ambiente de intensa cordialidade, offerecendo aspectos da mais alta expresão democratica. Os commensaes estavam em mangas de camisa e em perfeita harmonia de vistas... no ataque á vitela... Dahi o éxito da festa, amplamente focalizada nos instantaneos desta pagina, nos quaes se vêem os deputados Victor Russomano, Arruda Falcão, Ascanio Tobino, Olegario Marianno, José de Sá, Osorio Borba, João Alberto, Christiano Machado, Paulo Torres, Bias Fortes, Accurcio Torres e Delphim Moreira.

COCKTAIL MUSICAL DA PARAMOUNT

com Bing Crosby e Jack Oahie

FINDA a ultima récita do seu contracto em Chicago, Eddie Bronson, apressa-se a seguir de avião para Nova-York onde se encontrará com sua noiva Lucille Watson e com o resto da sua *troupe*. Como o avião tenha soffrido uma *panne* em Bellefontaine, Eddie, emquanto não chega o primeiro trem, vae passar o tempo num theatro de variedades. O peor dos numeros do programma é o de Dixon And Day, que arruinou a sua apresentação theatral desde que se transformaram de actores comicos em actoers sentimentaes. No numero, apenas se salva Ruth Brown, cuja linda voz faz rebentar os applausos a cada passo.

Sabendo que o seu emprezario precisa de uma nova ingenua, Eddie offerece a Ruth levál-a para Nova-York, o que esta acceita sob a condição de Dixon e Day irem tambem com ella.

O emprezario, lembrado do exito que era outróra o numero de farça de Dixon e Day, recebe-os de braços abertos, mas, quando os ouve no seu novo repertorio, por pouco não arranca os cabellos. De outra parte, enthusiasma-o o talento e a bella voz de Ruth e logo a contracta, acceitando, egualmente, por sua expressa imposição, Dixon e Day.

Entrementes, cahiram presos de paixão um pelo outro Eddie e Ruth, mas Ruth não quer magoar a Day, nem tão pouco pode Eddie ver-se livre do seu compromisso com Lucille. Patsy Dugan, a comica da *troupe*, convence Day a deixar que os amores de Ruth e Eddie prosigam, e engendra um plano para que Lucille rompa o seu noivado com o rapaz.

Fingindo-se o filho de um millionario, a quem Lucille, annos atraz, arrastou a aza, Day visita-a, convida-a a cear num "speakeasy" defronte ao theatro, e conta-lhe que acceitou um emprego no theatro para poder estar mais junto della. Lucille gosta do dollar e põe em jogo toda a sua seducção, afim de manietar seguramente o "filho do millionario". Diz a Eddie que não mais o ama e quebra o seu compromisso com elle. Dixon e Day estão, então, no palco e, voltando ao seu repertorio de farça, alcançam successo sem igual. Day corre aos bastidores, e confessa o seu estratagema a Lucille, que se encoleriza, pois reconhece que fez papel de bôba.

Durante o final da revista, Eddie communica a Ruth a bôa nova, e conta-lhe de que modo Day foi o anjo protector dos seus amores. A revista obtem formidavel successo, com inexcedivel contentamento do emprezario e de todos os seus contractados.

O hussar negro

Da UFA -- com

CONRAD VEIDT e MADY CHRISTIANS

1812! O jugo francez pesa extraordinariamente sobre a Prussia, cuja maior parte está occupada pelas forças do grande exercito napoleonico. O povo sente-se revoltado contra os vencedores. Não tendo forças bastantes para os expulsar do paiz, vae batendo-os isoladamente, destacando-se nessas emboscadas os hussares negros do duque de Brunswich, a quem os soldados francezes temem.

O general Darmont, governador d'Erfurt, desesperado com essa reacção, decreta que "qualquer pessôa que auxiliar os hussares negros ou com elles entrar em relações será immediatamente levada a um conselho de guerra.

Deante duma humilde casa de campo encontram-se duas raparigas, Maria Luisa e Brigite, que conversam tarnquillamente. De repente, ouvem-se vozes de commando e tiros repetidos. As moças, atemorizadas, refugiaam-se em casa. Uma patrulha de couraceiros francezes fórça a entrada e accusa-as de estar escondendo um hussar negro. Ellas negam. Deve haver engano. Mas, não obstante os seus protestes, os soldados passam a procurar por toda a casa o fugitivo.

Maria Luisa, subindo a escada, foi refugiar-se no seu quarto. Abre a porta e tem um grande espanto ao encontrar-se em frente dum hussar negro. Após a primeira surpreza, acóde-lhe immediatamente a idéa de o salvar. Os francezes sobem apressadamente a escada, mas, ao entrarem no quarto de Maria Luisa, não encontram alli ninguem.

Passado o perigo, o capitão Hausgeorg de Hochberg, que era o hussar negro alli refugiado, sae do esconderijo para apresentar os seus agradecimentos a quem lhe salvára a vida. O capitão está ansioso por vêr de novo o seu camarada tenente Blome, que desapparecêra. Blome chega pouco tempo depois e os dois conversam sobre a missão grave de que estavam encarregados pelo duque de Brunswich, que se encontrava exilado na Inglaterra. Napoleão queria casar a noiva do principe com o rei que elle déra á Polonia, Potowski. A princeza refugiára-se num pavilhão de caça, donde o governador Darmont a levaria para Erfurt, á força, se tanto fôsse preciso. A missão dos dois hussares negros era precisamente raptar a princeza e levál-a para a Inglaterra, para junto do noivo. Missão perigosa, mas que elles confiavam levar a bom termo.

(*Continúa na pagina 56*)

VER E AMAR

PRODUCÇÃO DA FOX

com

Paddy . . . . JANET GAYNOR
Lawrence Blake. WARNER BAXTER
Major Adair . . . Walter Connolly
Eileen . . . . . . Margaret Lindsay
Jack Breen . . . Harvey Stephens

NUMA adoravel praia da Irlanda, vivia o major Adair, viuvo, veterano da grande guerra, em companhia de suas filhas Paddy e Eileen. Eileen amava, com todo o ardor de sua mocidade, o joven Jack Breen. Paddy, mais moça, mais irrequieta, passava os dias em constantes folguedos.

Dono de uma confortavel e tradicional mansão, o major Adair achava-se endividado pela sua constante mania de comprar animaes de raça. Levado pelo cerco terrivel de seus credores, Adair resolve conceder a mão de sua filha Eileen a Lawrence Blake, homem possuidor de uma fortuna immensa, que a despeito da differença de idades, amava sinceramente a seductora filha do major Adair.

Resolveu passar o verão nas romanticas planicies da Irlanda para aproveitar a officialização do noivado. Em meio da viagem no seu formoso hiate, Blake, por obra do acaso, vem a conhecer Paddy, salvando-a de afogar-se em virtude de seu fragil bote ter sossobrado. Sendo apresentada a Blake, Paddy, sabedora dos motivos financeiros de seu pae e as razões do compromisso matrionial entre sua irmã e Blake, faz todo o possivel para desfazer o noivado, afim de que Eileen possa realizar com Jack o seu grande sonho de amor.

Para conseguir o seu intento, Paddy assedia todos os passos de Blake numa seducção perigosa. Vendo fracassar todos os meios dos seus encantos femininos, Paddy, na noite do baile commemmorativo, vae ao encontro de Blake e conta-lhe toda a verdadeira situação de seu pae e as causas que determinaram o seu noivado com Eileen, motivando um escandalo e o rompimento de Eileen com Paddy, pois que, por uma ironia, Eillen começava a admirar e a amar Blake.

Este, em vez de ficar indignado, mostra-se grato ao procidemton e sinceridade de Paddy. Desfaz o noivado com Eileen e auxilia o seu casamento com Jack Breen. Morrendo o major Adair de um collapso cardiaco a mansão heraldica é posta em leilão, com tristeza de Paddy, que via morrer toda a sua infancia arteira em cada peça, em cada objecto daquella que a vira nascer.

Blake, apreciando a altivez da travessa Paddy, arrecada tudo em nome della, e, para não humilhál-a, offerece-lhe como lembrança, como presente de casamento, pois confessa, por fim amál-a muito e verdadeiramente, porque "vê-la e amál-a" fôra obra de um só momento.

PAUL SLOANE, director de "Pardners", para custear os seus estudos em Sciencias e Letras na Universidade de Nova-York, por onde veiu a graduar-se, muitos annos trabalhou de noite, umas vezes como cortador de films, outras vezes como telegraphista.

Leopoldine Konstantin, da «Ufa».

A Paramount renovou o seu contracto com Carole Lombard, a sua linda estrella protagonista de "Anjo e Demonio", ultimamente exhibida nos nossos cinemas.

O seu proximo vehiculo de apresentação será "Bolero", com George Raft, vindo antes disso "White Woman", já concluido.

TERMINADO o seu ultimo trabalho para a Paramount, "Duck Soup", Harpo Marx vae agora seguir para a Russia onde, accendendo ao convite que lhe foi feito, apparecerá no Theatro de Arte Russa de Moscow, sem receber salario.

Harpo não só desejava ha muito conhecer a Russia, como tambem trabalhar em pantomima perante um publico que desconhecesse o inglez.

O artista terá agora occasião de satisfazer ambos os seus desejos.

MIRIAM HOPKINS que é, como e sabe, uma actriz de grande cultura, vae publicar brevemente um livro de versos sob o titulo de "Rejected Poems".

DEPOIS de visto pela gerencia da Paramount em Hollywood "Cradle Song", o primeiro film feito por Dorothéa Wieck, resolveu a empreza usar da opção que tem sobre os serviços daquella artista, a que dará contracto por um longo prazo.

OBRIGADA a renunciar a sua parte no "cast" de "Eight Girls in a Boat", por ordem expressa do seu medico, Ann Sothern será substituida por Dorothy Wilson, outrora dactylographa dos studios da Paramount, e agora contractada por sete annos pelo productor Charles R. Rogers.

BRRIAN AHERNE, o galã que recentemente vimos como galã de Marlene Dietrich em "O Cantico dos Canticos", está representando numa versão cinematographica de "The Constant Nymph", um papel analogo áquelle que representa na linda obra de Hermann Sudermann.

A despeito do procedimento irregular que teve por occasião da filmaem da creação de Chevalier "The Way to Love", que abandonou em meio, Sylvia Sidney voltará aos studios da Paramount a quem continuará a dar os fructos do seu talento.

"Reunion" será o seu proximo vehiculo de apresentação.

A Paramount adquiriu os direitos cinematographicos de duas peças que neste momento obtem ruidoso successo nos theatros de Broadway, — "Sailor Beware" e "Double Door".

DE interesse para os fans de Fredrich March: terminando o seu trabalho de "Design for Living" que Lubitsch dirigiu, elle apparecerá successivamente em "Chrysalis", "Death Takes e Holiday" e "Lives of a Bengal Lancer".

E para os fans de George Raft: os seus successivos papeis em producções da Paramount serão os de "Midnight Club", "Chrysalis", "The Trumpet Blows" e "You Need Me".

LILA LEE, a quem veremos brevemente em "Pardners", assignau o seu primeiro contracto com aquella mesma empreza quando apenas contava treze annos, ganhando entço 500 dollars por semana.

NA opinião de Louise Dresser, Evelyn Venable, uma das novas actrizes da Paramount, é o retrato vivo de Ethel Barrymore ha vinte e cinco annos.

CECIL B. de Mille, foi o primeiro director que adoptou a precaução, hoje generalizada, de tomar varias vezes a mesma scena, afim de não ficar em difficuldades quando perder-se, por qualquer razão, um negativo.

MAE WEST diz "Santa, eu não Sou!" e a phrase logo corre mundo. Por outro lado, não ha ninguem nos seis continentes que não recebesse o seu convite para "apparecer qualquer dia" (*come up and see me sometime*).

Mas do que pouca gente sabe é que a linda pia baptismal installada recentemente — e não por pouco dinheiro! — numa das igrejas catholicas da cidade dos studios, foi custeada inteiramente por essa Mae West que alem do mais, é de origem israelita e segue a religião dos seus maiores

...studios

MEIO MILHÃO DE LIVROS DE "THE LOST PATROL". — Haverá edições especiaes, cinematographicas, em fórma de novella, de "The Lost Patrol", para maior realce do emocionante film. Basta dizer que, da primeira edição, foi tirado meio milhão de copias.

São livretos de 3 pollegadas e meia, por 4 e meia, e que obtiveram extraordinario successo, popularizando-se rapidamente.

A impressão de todas as edições está a cargo de Whitman Publishing Co. Of Racine, Wis.

Os livretos do "The Lost Patrol", que têm a illustração de 150 photographias e contém 10.000 palavras, serão expostos á venda em todas as casas Woolworth (nada além de 10 cents), e em muitas outras livrarias. Vê-se, dest'arte, que é uma publicação extraordinaria e que exigirá milhares de vitrines especiaes.

"The Los Patrol", como se sabe, foi filmado pela RKO-Radio, tendo como interpretes Boris Karloff, Victor Mac Laglen e Reginald Denny.

FRANCIS LEDERER. — Francis Lederer, joven artista tcheco-slovaco, era um "astro" dos theatros europeus, e o idolo da Broadway, antes de ir para Hollywood. O seu primeiro trabalho no *ecran* americano será "The Man of Two Words" para a RKO-Radio. E' a historia de um esquimáo que deixou o paiz do sol da meia noite, para a civilização.

Elissa Landi é a "leading-woman" desse primeiro film de Francis Lederer.

ESTA' em convalescença em Palm Springs, na California, o director Casey Robinson que Charles R. Rogers tinha encarregado de superintender a firmagem de "The Baby in the Ice Box", e que teve de ser substituido nesse encargo pelo director Ralph Murphey.

Outro director que se acha doente, e este de gravidade, é Edward Sutherland cuja vida está sendo mantida no Hospital de Hollywood graças a constantes transfusões de sangue.

A molestia offereceu-lhe porém pretexto de aferir o grau em que é tido pelo pessoal da Paramount, dentre o qual se destacaram os electricistas Albert Powell, Earl Burnham e Robert Henderson que lhe affereceram o seu sangue, declarando que teriam o maximo prazer em fazer quanto estivesse ao seu alcance por um director "tão bom camarada de todos", como sempre foi Edward Sutherland.

BING CROSBY, que no assumpto é autoridade, fez a sua escolha das dez melhores canções populares que appareceram nos Estados Unidos em 1933: "The Three Little Pigs", "The Last Round", "The Day Came Along", "Did You Ever See a Dream Ealking?", "Night and Day", "Thanks", "Talk of the Town", "Smoke Gets in Your Eeys", "Lazy Bones", "Stormy Weather".

E' triste consignar que a maioria senão a totalidade dellas, é inteiramente desconhecida no Rio de Janeiro.

SETE pessoas cujos nomes significavam alguma coisa ha dez annos no mundo do cinema, vão apparecer ao lado de

(*Cont. na pag. seguinte*)

Ossi Oswalda, da «Ufa».

DOS STUDIOS

(Continuação)

Fredric March e Sylvia Sidney em "Good Dame": são ellas: William Farnum, Helena Chadwick, Ruth Hiatt, Kit Guard, Charles West, Jerome Storm e Frank O'Connor.

A "PARAMOUNT" NUM POSTO DE HONRA. — A Commissão de Filmes Excepcionaes, pertencente á Liga Nacional de Revista Wrong. de Filmes dos Estados Unidos, annunciou em fins de dezembro a sua escolha que todos os annos faz, das dez melhores fitas americanas e das dez melhores fitas estrangeiras do anno de 1933.

A Commissão qualificou em primeiro logar "Topaze" da RKO, declarando que levou em conta a "excellencia da producção e a memoravel caracterização de John Barrymore", a qual "exerce notavelmente a verdadeira funcção da comedia, pois corta fundo naquellas excentridades da natureza humana, que tornam a vida o que ella é". Uma innovação introduziu este anno a Commissão incorporando um "short" á sua lista porque — disse — considera o trabalho de Walt Disney, nas suas "Symphonias Singulares" uma importante contribuição para a arte cinematica. Eis os filmes americanos escolhidos como os dez melhores do anno:

Berkeley Square, (Um Romance Antigo), da Fox. Cavalcade, (Cavalcade), da Fox. Little Women, (Mulheres do Passado), da RKO. Mama Loves Papa, (A Mulher faz o Marido), da Paramount. The Pied Piper, desenho Disney, da Columbia. She Done Him (Uma Loura para Tres), da Paramount. State Fair, (Feira de Amostras), da Fox. Three Cornered Moon, (A comedia de um lar), da Paramount. Topaze, (Topaze), da RKO. Soo in Budapest, (Um Romance m Budapest), da Fox.

Como se vê reuniram a maioria dos votos a Fox a Paramount e a RKO, na ordem em que vão citadas.

Os dez filmes estrangeiros qualificados como os dez melhores pela Commissão foram:

"Hertha's Erwachen", "Ivan M", "Morgenroth", "Niemandsland", "Poil de Carotte", "The Private Life of Henry VIII, "Quatorze Juillet", "The Rome Express", "Le Sang d'Un Poete".

EM Phenix, Arizona, os sinos tocaram em principios de janeiro para festejar o casamento de Ricardo Cortez com a sra. Christine Lee.

Quasi no mesmo dia repicaram os sinos em Londres, em demonstração de contentamento pelo enlace de Cary Grant, o galã de Mae West, com Miss Virginia Churchill.

O exemplo de Gary Cooper está, como se vê, fructificando.

O HUSSAR NEGRO

(Continuação)

Entretanto, as duas jovens camponezas iam-lhe suavizando as incertezas do momento.

Mas, nas immediações da casa, appareceu um individuo suspeito e elles reconheceram o perigo em que estavam pondo aquellas pobres raparigas. O espião vinha, porém, com outra intenção muito diversa. Os dois officiaes partiram para o pavilhão de caça afim de levarem a princeza, mas alli não encontraram ninguem. Julgando a princeza já nas mãos dos inimigos resolvem os dois officiaes irem a Erfeut, custe o que custar. No caminho depara-se-lhes a carruagem do rei Potowski, cujos cavallos estão exhaustos. Levam Potowsky para o pavilhão de caça, tiram-lhe as roupas com que se veste Hochberg e atrelam os seus cavallos á carruagem e assim partem para Erfust, indo Blome de cocheiro.

Fred Astaire e duas bôas pequenas de «Voando para o Rio».

Quando o governador Darmont apresenta a princeza ao seu futuro marido, é de estupefacção a expressão dos seus rostos. A princeza era a aldeã da choupana; o rei da Polonia era o hussar negro. Procurando occultar a sua surpreza, combina-se a fuga.

Entretanto, o Grande Exercito começou a evacuar a Prussia. Era a liberdade que surgia. Hochberg, fiel á sua palavra, ia entregar a princeza ao seu noivo. Este, porém, no conhecimento dos factos, reconhecendo que Maria Luisa e Hochberg se amavam, abriu mão dos seus direitos e deixou que aquelles dois corações fossem felizes.

O ENCONTRO

De Albert Jean

A paixão pelos *cocktails* e pelos bailarinos elegantes teria determinado a perdição de Lolita Davril, se o respeitavel sr. Conrado des Ponchettes não assumisse a responsabilidade moral e material da joven, montando-lhe guarda junto á vacillante virtude.

Paris é uma cidade fertil em surpresas e em tentações de toda especie. As reuniões, os "dancings", o cinema collocavam o excellente homem na seguinte alternativa: mostrar-se tyrannico e perseguir Lolita dia e noite, ou renunciar a qualquer vigilancia sobre sua caprichosa companheira.

Chegou, finalmente, o verão.

— Agora poderei descansar um pouco! — disse de si para si o senhor Conrado des Ponchettes, refestelando-se ao lado de Lolita, no esplendido "torpedo", cujo volante a moça empunhava.

Um, dois dias de viagem. O "torpedo" devorava as distancias, deixando atraz de si uma multidão de cadaveres: patos, gallinhas, perdizes.

Ao entardecer do segundo dia, o sr. des Ponchettes e sua protegida chegaram a uma região de terra ocre e céu azul, reflectindo em um mar soberbo.

Emquanto a senhorita Davril introduzia o carro na garage do hotel, o sr. des Ponchettes, prudente e precavido, poz-se a ler os jornaes onde se publicava a lista completa dos veranistas, com indicação do hotel em que se hospedavam.

— Nenhum amigo! Nenhum conhecido! — suspirou o protector de Lolita, quando terminou de ler as listas. Que sorte!

Lolita Davril, porém, era uma dessas pequenas que apenas conhecem os duettos de trez vozes. Não era de estranhar, pois, que, no dia seguinte ao de sua chegada, o senhor des Ponchettes recebesse a penosa surpresa de descobrir Lolita tagarelando amigavelmente no "hall" do hotel, com um deconhecido elegantissimo.

A joven fez as apresentações com a maxima naturalidade:

— O sr. Roberto Lateix... O senhor Conrado des Ponchettes...

E depois:

— O sr. Lateix teve a amabilidade de offerecer-se para me ensinar a nadar. Amanhã, ás 5 horas, me dará a primeira lição...

— Oh! Eu tambem poderia ensinar-te a nadar, Lolita! — replicou o sr. des Ponchettes.

Lolita dirigiu um indicador ameaçador para o abdomen do sr. des Ponchettes:

— Mas se tu não nadas!

— Como não nado?

— Não, homem!... Fluctúas!

O sr. Conrado des Ponchettes

(Continúa na pag. seguinte)

sentiu que uma rajada de indignação lhe queimava as faces. Mas nada respondeu. Quando Lolita se retirou para os seus aposentos, o protector sahiu á rua, entrou na melhor loja de artigos para homens e adquiriu vistoso e polychromo traje de banho.

Ah, veriam se Conrado des Ponchettes sabia nadar ou não!

O sr. Lateix não poude reprimir um movimento de contrariedade quando o sr. des Ponchettes appareceu na praia vestindo o seu traje de banho, á hora indicada para a primeira lição.

— Francamente... — perguntou-lhe Lolita — vaes cahir na agua?

— E por que não?

— Esqueces-te de teu rheumatismo?

O sr. Conrado des Ponchettes não se dignou responder-lhe. Roçou a agua gelada com o pé e maldisse intimamente Lolita até a ultima geração.

A contrariedade do sr. Lateix consolava-o. Era evidente que o rapaz não previra a attitude de des Ponchettes. Com effeito, foi com voz sêcca aspera, que deu as primeiras lições á discipula:

— Levante a cabeça... Não tenha medo!... Junte as mãos! Estenda os braços... Não! Com as palmas para fóra... Muito bem... Agora as pernas... Não tenha medo! Não vou largal-a, não!

O sr. Conrado des Ponchettes já não sentia frio, tanta era a satisfação que experimentava naquella aprendizagem nautica.

O ENCONTRO

(Conclusão)

E á noite Lolita lhe perguntou, furiosa:

— Escuta cá: pensas tomar banho todos os dias?

—Sempre que tu tomares, minha querida — respondeu.

Lolita e o sr. Lateix tiveram de resignar-se a acceitar a presença daquella testemunha.

Decorreram algumas semanas. Começava a esfriar. Os veranistas partiam para a capital.

As lições de natação, porém, não se interrompiam. Uma tarde, Lolita protestou:

— Conrado... Vaes tomar banho com este frio?

Dizia-o seu corpo, que tiritava sob o traje.

— Apanharás uma pneumonia!

— Que esperança! — sorriu des Ponchettes.

E atirou-se á agua.

Roberto Lateix, atraz de des Ponchettes, procurava communicar-se com Lolita, mediante apenas o movimento dos labios, sem emittir som algum:

— Quando nós nos poderemos ver a sós?...

Lolita dispunha-se a responder, tambem mimicamente, quando des Ponchettes voltou a cabeça. E Lolita ficou com a bôcca aberta, como quem offerece a dentadura para que lhe extraiam um dente.

A' noite, des Ponchettes teve de confessar:

— Tinhas razão, Lolita. Creio que o banho não me fez bem.

— Viste, viste?...

— Bem. Não me censures agora. Sê bôa e dá-me umas pinceladas de ido nas costas.

Lolita obedeceu. Deitado no leito, as costas para cima, Conrado des Ponchettes recebeu as beneficas pinceladas de iodo.

No dia seguinte, um sol tepido inundava a praia. O sr. des Ponchettes, rejuvenescido pelo sol e pelo iodo, mostrou-se capaz das peores ingratidões, pois annunciou:

— Lolita: vou tomar banho com vocês.

— Como quizeres.

Des Ponchettes entrou na agua. Quando Roberto Lateix, com infinitas precauções, repetiu a silenciosa pergunta da vespera: "quando nos poderemos ver a sós?" — Lolita indicou-lhe com um olhar as costas de des Ponchettes.

E o joven Roberto Lateix leu estas simples palavras, escriptas com iodo na pelle de des Ponchettes, deixada a descoberto pelo grande decote do traje de banho:

"Amanhã, ás 11".

Espiritismo...

CERTO dia, minha esposa regressou da cidade repleta de pacotes e novas idéas. Minha barata-metade resolvêra adoptar a crença de Allan Kardec. Lida em manuaes de sonhos, romances de lunaticos e historias de assombração, almejava, agora, estreitar relações com os espiritos que povôam o além. Entre as diversas chamadas, pelo telephone sem fios, desejava, minha esposa, fazer apparecer sua mãe, que ha dois annos dorme um somno tranquillo, entre as flôres do bello jardim de São João Baptista.

Num largo gesto de generosidade, mandei collocar sobre a cóva um magnifico tumulo de marmore, com dizeres allusivos á pseudo-bondade da velha. E' costume elogiar os mortos e é sempre bom garantir-se de surprezas, collocando algo pesado sobre a sepultura. O caso de Olivier Bécaille, narrado por Emile Zola, perdura sempre em minha memoria. Deus me livre de semelhante coisa!

Irritado pelos novos caprichos de Rosa (é este o nome da filha de minha fallecida sogra), dirigi algumas palavras desrespeitosas, á memoria da morta.

A Rosa começou a choramingar.

— Tem paciencia, filha — expliquei. Se falei mal, foi da minha e não da tua sogra.

* * *

A' noite, tive que me sentar junto a uma mesinha aleijada; faltava-lhe uma perna, mas, sem duvida, custára o mesmo preço de um movel perfeito. Mas quem entende lá as mulheres!

Depois de abrir a janella e apagadas as luzes, sentou-se a Rosa defronte de mim. Senti, no escuro, as suas mãos segurar-me fortemente os pulsos. "Será de medo" — pensei; mas logo vi que estava enganado. Assim era preciso para o successo da sessão.

Senti-me mal disposto. Não via completamente nada. O silencio era perfeito. Nisto ouviu-se um miado muito comprido, vindo do telhado. Logo após, um outro miado cortou o silencio da noite. Instantes depois, os dois miados sibilaram em commum, no telhado do vizinho. Estavamos em plena primavera...

O relogio da torre bateu doze badaladas. Senti arrepios.

Um suor frio começou a banhar a minha fronte. Nisto, minha mulher, que até então se conservára silenciosa, dirigiu-se, com voz energica, a alguem que eu não via:

— Quem és, ó espirito?

Então divisei, junto á janella, um vulto de fórmas incertas.

Confesso que senti medo. Pedi a Deus que fizesse desapparecer essa lúgubre visão, que eu, em troca, faria um donativo de dois contos de réis ás instituições religiosas, e prometti nunca mais ir ver a Loia, nem voltar tarde para casa. Parece que a troca não era lá muito vantajosa para Deus, pois o espectro continuava junto á janella.

— Por quem és, pára! — exclamou minha esposa, reparando que a apparição se movia.

Pareceu-me que a figura mal distincta levantou resignadamente as mãos.

— O' espirito desencarnado, revela-nos o mysterio da vida do além! Fala desassombradamente! Estás em presença de amigos! Em nome de todas as santidades celestes, fala!

A voz de minha mulher augmentava de volume e de vibração. Porém, a imagem continuava silenciosa.

A Rosa pronunciou uma prece e novamente interpellou o espirito:

— Quem eras, como te chamavas, a que sexo pertencias? Qual era a tua profissão?

A curiosidade feminina de minha mulher não foi satisfeita. O espirito não estava para contar as espertezas da sua existencia anterior.

O silencio continuava.

— Rosa, — não me faças cocegas, — murmurei, ao sentir uma mão percorrer demoradamente o meu corpo.

Em resposta, minha mulher soltou um grito apavorante:

— O meu collar! As minhas joias! Roubaram-n'as!

Accendi as luzes. O quarto estava vazio. Minha mulher soluçava hystericamente, debruçada sobre a mesa.

Então, apalpando-me, dei por falta da carteira.

Olhei a rua. Tudo estava calmo, silencioso, e o lampeão derramava sua luz opaca no angulo da esquina. Bem defronte de nossa casa, dormitava pacatamente o guarda-nocturno.

Voltei a prestar soccorro a minha mulher.

Sobre a mesa de trez pernas havia um bilhete escripto a lapis: "Meus agradecimentos a Allan Kardec."

O espirito era um ladrão... espirituoso.

FERNANDO LEVISKY

EXAGGEROS

— MEU marido me ama demais! — respondeu com raiva uma moça casada, em Manáos, á pergunta do juiz deante do requerimento de desquite feito pela esposa que accusa o consorte de excesso de amôr.

Parece uma fabula, mas é caso veridico, e o Tribunal do longinquo Estado do Norte considera gravissimo esse novo caso de enfado conjugal, achando-se em sério embaraço para lavrar sentença com absoluta equidade.

O accusado, exercendo embora a profissão de antiquario, não attingiu ainda os cincoenta annos de idade, mas casou certamente com uma rapariga demasiadamente joven para elle.

— Senhor juiz — declara a queixosa no auge do desespero: — "Sabe o senhor o que significa um minuto de paz?" Pois bem: desde que me casei, nunca mais pude sabre o que seja um minuto de paz. Durante o dia inteiro, e depois tambem, esse homem, autorizado pela lei, não cessa de me abraçar, de me beijar, de me olhar com olhos de peixe morto, de me sorrir constantemente acariciando-me os cabellos, sem ver que estraga as minhas lindas ondulações permanentes; está sempre ao meu lado; se, por acaso, falla, é para me assegurar que me quer muito bem; se recomeça a sorrir, não é que esteja lendo algum jornal humoristico, mas unicamente para me exprimir, de modo suave os seus transbordantes sentimentos de amôr. E' insupportavel!... Se sahe de casa por alguns momentos, telephona-me logo para dizer que me ama; se fica ausente mais de uma hora, passa-me um telegramma da cidade e chega carregado de flôres!... Se vamos ao cinema, guarda as minhas mãos entre as delle durante todo o tempo do espectaculo! A semana passada tive dôr de dentes: estava com a cara amarrada e não podia fallar. Pois, desde a hora do café com leite, até o momento de irmos para a cama, meu marido só fazia repetir-me, em todos os tons, e até com o alphabeto dos surdos-mudos: "E's toda a minha vida!... Adoro-te."

— Mas é horrivle! — diz, com ironia, o juiz.

— Ainda não acabei — continúa a moça: — ante-hontem...

— Perdão! — interrompe, timidamente, o marido, que tem a vista esquerda coberta por um panno de sêda preta. — Quizéra

De Itavaz

poder dizer uma palavra a minha mulher.

— Póde dizer!

— E's o meu thesouro!

— Faço-lhe notar que não é nem o momento nem o lugar...

— Peço perdão, mas a minha mulher é o meu unico bem, a minha unica razão de viver, o fito unico de...

— Basta! Basta!: O senhor continuará em casa.

A mulher dá um salto:

— Em casa?! Nem por sombra! Já o supportei demais!

— Basta: vamos chegar ao facto — interrompe o magistrado.

— Aqui está. Ante-hontem, meu marido voltava de uma conferencia de negocios. Com a mão esquerda, elle offerecia-me um pacotinho de balas e um ramo de flôres, emquanto, com o braço direito, procurava apertar-me de encontro ao peito. Eu fiquei cega de irritação. Era demais! Durante a conferencias de engocios, me havia telephonado trez vezes! Estavamos em baixo, na loja... Agarrei no primeiro objecto pesado — não sei mais se foi um candelabro de bronze, ou a primeira edição das tragedias de Racine e joguei-o para cima delle, ferindo-o.

— Foi sem querêr... foi sem querer... — precisou o marido,

com um soriso de infinita indulgencia. — Foi a fatalidade que...

— Silencio, — retrucou o juiz. — deixe continuar a sua senhora.

— Sr. doutor: na casa de saúde para onde o transportamos immediatamente, meu marido foi declarado susceptivel de poder sarar em vinte dias. Em vinte dias comprehende?

— Então?

— Então... eu não quero julgar os medicos hodiernos, mas o facto é que, no fim de trez dias, meu marido voltava para casa, com um panninho sobre a vista, um pedeço de sêda preta numa das mãos e um estojo com um anel de brilhante na outramão, exclamando: "Meu bem, vamos fazer as pazes?..." Não sei como me pude conter: respondi-lhe com máo modo, fiquei furiosa, pulei em cima delle para lhe arrancar os olhos... e aqui estamos!

O tribunal condemna a senhora irascivel a dez mil reis de multa.

— Não quero! — grita o marido, alargando, generosamente, os braços e fazendo em direcção da esposa o mais tocante sorriso: — em vez de me pagares dez mil reis, dá-me dez beijos!

A mulher teve uma syncope e foi levada com urgencia para a enfermaria do palacio de Justiça, onde permanece — incommunicavel...

BAZAR DE AMOR

A melhor maneira de definir o amôr é amar...

* * *

Em toda a historia de amôr terá que haver, dolorosa e forçosamente, um que ama muito e é amado pouco e outro que ama pouco e é amado muito...

* * *

A constancia, a indulencia e a ternura, são as virtudes theologaes do amôr...

* * *

O essencial, o que importa aos olhos do amôr, não é ser amado, é amar...

* * *

O amôr nunca haverá de ser attracção de corpos. Será sempre intimidade de almas...

* * *

O amôr vê sempre com bons olhos aquillo que deveria ver com máus, e nisso está a razão por que se diz que o amôr é cego...

* * *

Amar pouco é quasi odiar..

* * *

Trazer para o amôr de cada dia uma bôa porção de ternura, de confiança, de indulgencia, de optimismo, de fé, de piedade, de imaginação sadia e de esperança, eis o que é amar com intelliencia e com comprehensão justa das leis do amôr...

* * *

Ha um meio simples, commodo e infallivel, para não se soffrer em amôr. E' não amar...

* * *

Os amôres que imaginamos nos pertencem, e nós pertencemos aos amôres que desejamos...

* * *

E' quasi impossivel colher-se as rosas do amôr, que são as illusões, sem ferir-se nos seus espinhos, que são os desenganos...

* * *

A eloquencia do amôr está toda no olhar, e a bocca não diz senão aquillo que os olhos já disseram...

O melhor conselheiro do amôr é o proprio amôr...

* * *

Não existem amôres impossiveis. O que existem são amantes que desejam impossiveis do amôr...

* * *

Os amôres se desilludem facilmente pelo unico motivo de que tambem facilmente se illudem...

* * *

Não basta dizer — *eu amo*. Faz-se mistér provál-o...

* * *

Será inutil e doloroso andar o amôr rondando em torno do corpo de quem não poderá obter a alma...

* * *

Ninguem se cansará de amar demais que o amôr só cansa quando se ama de menos...

* * *

A economia de amôr que se fizer nunca será a base da prosperidade amorosa...

* * *

O verdadeiro amôr é a inquietação de dois...

* * *

As illusões no amôr são tal e qual as folhas nas arvores. Enfeitam o amôr e dão sombra acolhedora e misericordiosa para os que amam...

* * *

Sente-se a dôr de perder um amôr não pelo bem que esse amôr haja nos causado, mas pelo bem que nos poderia causar ainda...

* * *

Os nossos passados amôres e os passados amôres das creaturas a quem amamos deverão fazer-nos orgulhosos e satisfeitos sempre do nosso amôr presente, e nunca servir-nos de motivos para aborrecimentos, para maguas e para inquietações...

* * *

Os ouvidos são maiores fontes de recordações para o amôr do que os olhos...

* * *

O amôr que ouve a voz da razão perde a razão de ser...

* * *

Porque a declaração de amôr? Se o alguem a que se ama não sente palpitar em nós, ardente e viva, a chamma do amôr que se lhe devota, inutil será declarar-lhe esse amôr. E se o sente e procura avivar essa chamma será superflua e contraproducente a declaração...

* * *

O calice de amargura do amôr por mais que se encha nunca transborda...

* * *

O fim de um amôr será doloroso apenas quando os amantes o imaginarem assim, ou quando acabarem o amôr com vontade de recomeçál-o...

MAURO DE ANDRADE

Escriptores e livros

Americo Palha — A ILLUSÃO BRASILEIRA — Adersen, edts. — Rio — 5$

O autor deste livro é um jornalista combativo; a sua penna caracteriza-se pela impetuosidade, pelo brilho que empresta ao commentario dos factos mais simples. Tendo tomado parte activa nas ultimas campanhas que culminaram com o advento da Revolução de 30, era natural que viésse agora reunir em volume muitos dos artigos esparsos nas columnas dos jornaes, para uma vida mais longa. Assim nasceu *A illusão brasileira*, livro destinado a um successo absoluto, fructo de uma intelligencia sadia. O espirito de brasilidade de Americo Palha, em continua vibração, anima a leitura destas paginas escriptas com o pensamento voltado para a Patria que é nossa, e que nós queremos engrandecer, embora com o sacrificio da vida. Si por vezes o autor se excede na defesa de certas figuras do scenario brasileiro, apresentando-se demasiadamente generoso na apreciação; si por vezes divergimos de alguns conceitos emittidos, nem por isso lhe negamos sinceridade, traço predominante do seu temperamento. O livro, que traz um prefacio de Macedo Soares e uma apreciação de Lindolfo Collor, encerra um punhado de verdades, que muita gente sente mas não tem coragem de proclamar através da penna...

J. L. Campos — COMO SE APRENDE INGLES — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 8$

TRATA-SE de um livro bem feito, sob varios aspectos.

O autor é um conhecedor profundo da lingua ingleza, professor de reputação firmada.

O methodo adoptado para a confecção do trabalho é claro, racional, preciso, facilitando ao estudante o conhecimento pratico da lingua falada por cerca de 250 milhões de pessôas.

Victor Pauchet — SEDE OPTIMISTAS — Civilização Brasileira S. A. — Rio — 4$

O autor é bastante conhecido, tendo publicado uma série de obras divulgadas em varias linguas. O optimismo, o bom humor e a alegria de viver devem constituir nosso estado de alma permanente. Assim pensando, o autor ensina aquillo que devemos adoptar como regra de bem viver, conseguindo impressionar pela elegancia moral das suas idéas.

Um livro útil, cuja traducção foi confiada a Godofredo Rangel.

L. Tolstoi — O DIABO BRANCO — Civilização Brasileira S. A. — Rio — 3$

A reedição desta novella de Tolstoi despertará, certamente, interesse da parte dos leitores. Trata-se de uma obra de cunho realista, que a critica applaudiu fartamente, collocando-a entre as melhores do genial escriptor.

Paulo Gustavo — POR AMOR AO MEU AMOR — Civilização Brasileira S. A. — Rio — 6$

PAULO GUSTAVO não podia desejar maior triumpho para este livro de versos, que alcança a 3.ª edição no curto espaço de um anno. Poucos poetas poderão orgulhar-se de tão grande éxito literario, num paiz onde não existe o habito da leitura. Confirma-se, pois, o nosso primitivo juizo.

A sua alma lyrica, dolorosamente triste, expande-se em vôos de inspiração facil, cantando o amor, impregnando a nossa alma de uma doçura sem par, o que nos permitte percorrer o livro, da primeira á ultima pagina, com um sorriso bom á flor dos labios.

A sua sensibilidade é communicativa, avassaladora.

E' este lindo poema de ternura, que a critica recebeu festivamente e o publico consagrou, que novamente póde ser lido pelos admiradores do poeta victorioso de *Divina Amargura*.

Eduardo Carlos Pereira — GRAMATICA EXPOSITIVA — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 4$

CLAREZA e precisão nas definições, coordenação logica dos factos grammaticaes, dosagem conveniente, exercicios praticos, ao lado do desenvolvimento moral, foi, em synthese, o que teve em mira o autor, ao escrever a sua obra sobejamente conhecida e consagrada pelos estudiosos da nossa lingua.

Este volume, curso elementar, destinado ao primeiro anno gymnasial, apparece adaptado á orthographia official pelo illustre academico e professor acatado, o sr. Laudelino Freire, dispensando assim maiores referencias.

UMA AGUIA

OS poucos conhecimentos geraes de Alfredo, não foram, a bem dizer, o resultado dos estudos, aliás muito rudimentares, que havia feito, mas, sim, a consequencia natural do cuidado, adquirido desde criança, em pedir logo explicação de tudo quanto ignorava. Era mister, para isto, não temer criticas nem censuras e tambem possuir abundantemente, como elle, uma das maiores faculdades da intelligencia: a memoria. E, ebora elle mesmo confessasse que innumeras vezes não podia assimilar logo as explicações que lhe davam (por mera condescendencia), Alfredo dava a impressão de pessôa culta.

Havia armazenado um certo numero de termos escolhidos, que jogava na conversa, tapando a bocca aos menos astutos, incapazes de ter confiança como elle, nos seus proprios meios para brilhar, e que renunciavam logo ao anseio de offuscar um amigo, por certo tão ignorante quanto elles proprios.

Isto era assim, tanto no dominio da sciencia, (simplesmente porque conhecia o systema das ondas,) quanto na descripção do mechanismo de um automovel, ou das alturas regeladas de algum problema philosophico. Bastava-lhe citar os nomes de Leiznitz Kaut ou Spinosa, numa qualquer discussão moral, para que no mesmo instante todos os seus contendores se retirassem; aquelles mesmos que teriam um cabedal de cultura capaz de não deixal-a se confessarem batidos. A sua grande arma era o modo brusco com que cortava as controversias, suspirando:

— Afinal de contas, é possivel que eu esteja enganado! São coisas passadas ha tanto tempo...

Mas a sua verbosidade fluente era tal que quasi todos, sem reserva, o consideravam rapaz culto, de grande intelligencia: "Alfredo é um *sabe tudo*. E' um homem superior!" Quando, na realidade, seria incapaz de repôr o fio de chumbo numa valvula electrica queimada, ou exercer alguma perspicacia no campo das amizades e mesmo do amor simples e puro. No fundo, era um ingenuo que permanecêra infantil até a idade madura. Os amigos intimos só lhe haviam conhecido duas amantes, bastante banaes, emquanto elle se esforçava para fazer crer a sua existencia cheia de aventuras romanticas. Com essa fama, não havia mulher ou homem que não lhe fosse fazer confidencias e pedir conselhos. Vivia elle atormentando-se dos tormentos alheios, amparando uns, consolando outros, numa continua azafama sentimental, que o fazia crescer aos seus proprios olhos.

As creaturas afflictas chegavam em romaria ao seu quarto de hotel. Elle julgava-se indispensavel. Ouvia religiosamente as confissões, dava a sentença, fixava outros encontros na rua, nos cinemas, para saber do resultado de seus curativos psychicos e recomeçava sua tarefa, que lhe enchia a vida como se fôra um apostolado sublime.

— A você, tudo se póde dizer, tudo se póde contar. Você comprehende tudo. — Glosavam os amigos.

Na realidade, não comprehendia nada e era de todos o mais fraco e o mais accessivel a qualquer cylada da sorte.

Foi numa dessas expansões de inconsciente ignorancia da psyche humana, que Alfredo travou conhecimento com Ada. Ada não era uma qualquer rapariga insignificante. Era professora de philocophia na Academia de Sciencias e Artes. Escriptora brilhante, collaboradora de diversos jornaes e revistas, fundadora mesmo de um jornal illustrado com tendencias politicas, emfim uma mulher de peso, embora não tivesse renunciado aos encantos do amor a que a destinava um physico muito attrahente e apaixonado.

Já era a decima vez que rompia um noivado. No fim de algumas semanas via-se sempre obrigada a reconhecer que não poderia ser feliz com aquelle homem. Nem sempre era um nullo, não; mas emfim não poderia comprehender, nem partilhar dos vôos intellectuaes a que a chamava a sua natureza independente, culta, ávida do saber e do progresso.

— Estou vendo que não poderemos nos comprehender nunca; para que nos estragar a vida? Vamos acabar com isto emquanto é tempo?

E rompia. Assim lhe acontecia dez vezes seguidas até que um dia se apaixonou loucamente por um collega, que tambem era professor de escola, numa pequenina ci-

De Itala Gomes V. de Carvalho

dade do interior. Dessa vez as armas de cupido foram de tal modo afiadas, que, sem querer ouvir os conselhos da mais simples razão, deixou tudo — jornaes, livros, compromissos, cursos de philosophia, as conferencias — e seguiu com o eleito do seu coração até o local onde este exercia a sua magra profissão de subalterno escolar. Mas a felicidade não póde subsistir muito tempo, nem mesmo nos sitios onde a natureza mais opulenta, e ainda inculta, nos dá a sensação de estarmos longe dos requintes da maldade humana!

A presença de Ada, na modesta e risonha cidade do interior, causou verdadeiro escandalo. O infeliz professor de escola, convocado pelas autoridades locaes, teve que escolher entre a moça e a sua situação, de que seria immediatamente destituido caso insistisse em manter a ligação escandalosa que offendia o recato da população local. Ada recebeu naquella mesma tarde uma carta desolada do XIº noivo, supplicando-lhe que partisse, o que em nada alteraria os mutuos seus sentimentos de amor, etc., etc...

O rapaz, todavia, agia mal, dando provas da mais absoluta ignorancia da psychologia feminina. Ada, profundamente offendida, nos melindres de seu amor proprio, furiosa, infeliz, por ter sido ella a despedida, mandou um telegramma afflicto ao nosso Alfredo, ao homem designado pelos oraculos a ser o eterno apaziguador das contendas amorosas dos seus contemporaneos.

Conhecia vagamente d. Ada: ufano de lhe merecer tamanha prova de confiança, partiu immediatamente para C..., com o primeiro trem...

Ada estava na estação, á espera delle. Jogou-lhe os braços ao pescoço gritando, mergulhada em lagrimas:

— Ah, meu amigo, somente você poderá salvar-me da humilhação em que estou, accusada de ser a concubina de um mestre escola! Que diriam meus discipulos de philosophia? Alfredo não quizéra perder a reputação do seu prestigio dizendo-lhe logo que não saberia como fazer para salvál-a... Mas lhe pediu algumas indicações precisas como base de orientação para saber o que poderia fazer por ella.

— Oh! Quasi nada! O senhor vae passar por meu amante.

O pobre Alfredo, na sua profunda ingenuidade, não sabia que não se deve nunca representar certas comedias, perigosas, e consentiu.

Durane oito dias viveram os dois no mesmo quarto, onde tinham duas camas separadas; atrapalhados um e outro, tratando-se ostensivamente por tu, quando havia terceiros, e praticando toda sorte de pantomimas de pudor e recato quando achavam a sós no quarto. Apagavam a luz, e estendiam o biombo entre as camas para se despir, como fazem as meninas no collegio... O nono dia era um domingo; tinham sahido a passeio, o ex-noivo e Ada, porque a presença do Alfredo já havia feito nascer um

(Cont. na pag. seguinte)

mundo de commentarios malcreados e ella desejava mostrar a sua independencia de caracter. O que se passou entre elles ninguem soube. Mas naquella mesma noite Ada declarou a Alfredo que estava tudo acabado *acabadissimo*, entre ella e o professor de escola e sua eloquencia foi tão persuasiva que acabou derrubando o biombo, que

UMA AGUIA

[CONCLUSÃO]

não poderia mais permanecer entre as duas camas aconchegadas.

* * *

Voltaram então para a capital do Estado, emquanto o professor de escola obtinha uma licença extraordinaria para ir á Europa estudar o som dos sinos das escolas publica e para se curar de uma tão insupportavel decepção de amor. Emquanto isso, o nosso Alfredo tem Ada entre os braços, provavelmente até o fim dos seus dias.

percebendo afinal, que homem sabio, intelligente e perspicaz, até o momento em que é forçoso reconhecer que não passa de um cretino como todos os outros.

Para se justificar, elle costuma dizer que, sendo habilissimo na arte de tomar uma mulher, não teve ainda tempo de estudar a melhor maneira de se desfazer della...

GÊNIO

A gente de hoje tem a presumpção de julgar os maus habitos contemporaneos, comparando-os sempre com os bons costumes dos tempos passados. Os homens de certa categoria eram mais austeros no indumento: não usavam, por exemplo, ternos brancos! Tinham as mulheres procedimento mais circumspecto: não tomavam, *verbi gratia*, banhos de mar na presença dos tolos mirones!

Que ingenuidade!

Antanho, os maridos eram mais discretos, dizem.

Ninguem, no emtanto, se lembra de dizer antigamente que as mulheres eram mais condescendentes: não raro era individuos casarem, levando filho natural para as esposas criarem; e satisfeitas, estas o criavam.

Ninguem quer tambem lembrar que muitos homens sustentavam duas familias com os filhos legitimos e legitimados, não dando isso logar a desquites.

* * *

O coronel da briosa, Ferreiro Ferro Ferraz, era tido como bastante austero. Todos lhe elogiavam as qualidades moraes; mas o coronel Ferreiro Ferro Ferraz era dos taes: tinha duas familias.

Com a esposa e filhos legitimos morava na cidade; com a outra mulher e filhos legitimados morava na fazenda Bella Victoria.

Tinha a mania de dar aos filhos legitimos o mesmo nome dos legitimados: assim, si o primogenito da esposa se chamava José Pedro; o primogenito da outra companheira tinha de se chamar igualmente José Pedro.

Si alguem pretendia intrigál-o com a casta esposa, retrucava esta:

— O que olhos não vêem, coração não sente.

* * *

De Hormino Lyra

Tivéra o coronel Ferreira Ferro Ferraz necessidade de viajar até o Rio. E do Rio escrevêra duas cartas: uma para a mulher delle, outra para a amante apaixonada, descrevendo a viagem, falando acêrca das saudades de cada qual. Acontece, porém, ter o coronel collocado o escripto da mulher na sobrecarta da amante e o desta na daquella.

A amante recebêra a carta da esposa do coronel e não se afligira com o engano, percebendo logo-logo o que devêra ter acontecido. A esposa recebêra a carta daquella, ficara inquieta e fôra mostrál-a a certa amiga.

Esta não pudéra occultar a sua indignação:

— Agora, já não pódes dizer: "O que olhos não vêem, coração não sente"!

E, embora magoada, justificava-se a esposa:

—O meu consolo é que, seja como fôr, sou eu a unica mulher legitima delle.

Porém, com uma pontinha de perfidia, insistira a confidente:

— Assim, chegarás a possuir a felicidade dos eleitos e irás direito para o céu!

Mais calma, retrucára a mulher do coronel Ferreiro Ferro Ferraz:

— Com o favor de Deus pretendo.

E ia rematando irreverentemente a amiga:

— Bemaventuradas... Mas ja terrempêra a irreverencia para proseguir noutro tom. Toda mulher bonita como você, virtuosa como você, precisa ter um pouquinho de orgulho de si proprio.

E a outra rematára de vez.

— Fui sempre assim. E' o meu genio.

No Japão enterram-se os mortos com a cabeça para a direcção norte. Por esse motivo, ninguem se deita para dormir com a cabeça virada para esse lado.

Nas alcovas de muitas casas particulares, e na maioria dos hoteis das grandes cidades, ha, no tecto, um diagramma que marca os quatro pontos cardeaes, afim de que, vendo-os, os hospedes possam verificar a posição do leito, e durmam tranquillos.

* * *

Segundo uma estatistica publicada na Austria, as mulheres criminosas são em menor numero que os homens delinquentes. Assim, na França, a proporção é de uma mulher para cada cinco criminosos. Nos Estados Unidos, uma para cada doze. Na Italia e na Hespanha a porporção ainda é menor; mas, em compensação, na Inglaterra, o numero de criminosos é o mesmo para os dois sexos.

* * *

Nas ruinas de Pompeia encontraram-se dados lastrados com chumbo, o que indica que a "trapaça", no jogo, tem uma origem remotissima.

* * *

No deserto de Colorado cahem grandes chuvas, durante as quaes nem uma só gotta de agua chega ao sólo.

Vê-se cahir a chuva, das nuvens, de uma grande altura, mas, antes de chegar á terra, a agua encontra camadas de ar tão sêccas, que é completamente absorvida.

* * *

Alguns casos historicos notaveis demonstram que o encanto feminino não requer juventude.

Quando Henrique II se apaixonou por Diana de Poitiers, tinha ella trinta e seis annos. O rei acabava de completar dezoito, e nunca deixou de amál-a, apesar de ter ella o dobro da sua idade.

Madame de Recamier alcançou sua maior formosura entre a idade de trinta e cinco e quarenta annos.

Nas moedas inglezas, o busto do soberano deve olhar, alternativamente, para a direita e para a esquerda, segundo os differentes reinados.

O busto da rainha Victoria estava virado para a esquerda, o de Eduardo VII para a direita, e o de Jorge V, presentemente, olha para a esquerda.

AMOR PELO T

O dia morria. Na penumbra da sala da redacção preparava-me para seguir rumo de casa, depois de passar pela trepidação das ruas e avenidas.

Como sempre, pretendia fazer a viagem alheio a tudo, indifferente aos acontecimentos que se desenrolam nas grandes arterias.

Estava cançado da labuta diaria.

Prestes a deixar a sala da redacção, ouvi o telephone tilintar. Machinalmente, attendi-o.

Era uma voz feminina, que indagava, do outro extremo do fio, sobre uma noticia divulada na vespera.

Desejava saber quem a escrevêra. Fiz-lhe ver a impossibilidade de ser util, mesmo antes de indagar qual era a noticia. A praxe não permittia, e si alguma reclamação houvesse o director do jornal é que responderia.

A negativa formal fez com que a interlocutura esclarecesse o assumpto. Não cuidava de fazer qualquer reclamação, mas sim identificar pessôas com idéas semelhantes as suas.

Contou-me, então, de que se tratava. Era uma noitcia de policia em que apparecia uma pobre mulher, Perpetua, victima da miseria, e que se encontrava na mais triste situação. O jornal, ou melhor o jornalista, indifferente á propria miseria, appellava romanticamente para que fosse diminuida a alheia.

Esse facto, narrado com um pouco de poesia pelo reporter, coincidia em idéas com um conto escripto ha algum tempo pela minha interlocutora.

Esclareci que, ainda assim, não era possivel attendêl-a.

Ella não se molestou; indagou do meu nome, e continuamos a falar sobre outros factos.

A palestra era agradavel. Esqueci-me de que ia sahir e fiquei a conversar, sem desejo de interromper a ligação.

A voz daquella mulher, do outro lado do fio, attrahia-me. O cansaço parece que desapparecêra. O aborrecimento resultante das contraridades não mais existia.

Fiquei a palestrar. A falar sobre poesia, sobre literatura. Enveredámos pelo amor e nos perdemos em seus meandros.

Pelo phone cada vez mais eu sentia que aquella voz agradavel penetrava no meu intimo, mudando por completo o estado de espirito em que me encontrava.

A sua palestra franca, variada e agradavel, não permittia a monotonia.

Cada vez mais a aproximação entre nós se tornava maior.

Sentia que era attrahido como se ha muito a tivesse como amiga.

Quando a palestra terminou, já não se sentia mais o calor do sol nem o borborinho das ruas. Era noite.

O tempo, como tudo que é bom, escoára-se rapidamente.

Mais de uma hora através de um fio conversava com uma pessôa que não conhecia.

Seria joven ou quarentona romantica, a minha interlocutora?

Era a duvida que ficava no meu espirito e que havia de permanecer por muito tempo.

Sabia o seu nome. Nice tambem sabia o meu. Eu me entregára a sua discreção.

Ella sabia o meu telephone e só falaria commigo quando quizesse satisfazer ao seu capricho de augmentar a minha duvida.

Não sei se agi como um imbecil. O certo é que, não a conhecendo, começára logo a confiar nella.

No dia immediato, á mesma hora, a mesma voz falou. Palestrámos longamente outra vez. Ahi, já com a intimidade que se estabelece entre os que se conhecem muito, mas de longe.

Si a primeira palestra foi agradavel, a segunda não ficou em plano inferior.

Prometteu mandar-me o conto que déra causa ao nosso conhecimento.

Recebi-o, e li. Era uma pagina de fina linguagem e enredo agradavel.

Dahi em deante, a nossa amizade se tornou cada vez maior. Já não havia segredos entre nós. Pareciamos velhos amigos, sinceros, sentindo cada um os pesares do outro.

Narrou-me a sua vida. O seu romance era muito superior aos romances que conhecemos.

Amára um ingrato, e agora se dedicava a um homem que era toda a sua vida. Além delle, só á filha, um ente mimoso, dava o seu carinho.

Perguntei-lhe certa vez:

— Mas eu nada posso ter de ti?

— Sim, terás de mim o que pode ter aquelle que tem sido bom e gentil, mas que não conheço.

A razão estava com ella. Nada podia exigir. Sabia meu nome, mas não me conhecia.

A attracção que me impellia para aquella mulher não me levava a ter devaneios que ultrapassassem os limites de um sentimento elevado.

Um dia, ella me informou que iria á cidade. Offereci-me para cavalheiro.

Não acceitou. Preferia ir só.

Insisti. Fiz-lhe ver que não podia perder a opportunidade de conhecêl-a materialmente, pois coração e alma já eram para mim escaninhos que estava habituado a esquadrinhar.

Após muita relutancia, accedeu.

Combinámos a maneira de nos encontrar, pois era difficil que um pudesse, sem qualquer referencia, reconhecer o outro.

TELEPHONE

O encontro foi para mim um prazer que esperava com ansiedade.

Fui o primeiro a identificál-a. Era joven, esguia, harmoniosa em suas linhas geraes, mimosa como a violeta.

Não era bella, e isso me alegrou, pois quasi sempre a belleza redunda em um sentimento contrario de repulsão. Era muito attrahente, seductora mesmo. Voz meiga, um pouco timida. Olhar franco, sem altivez.

O encontro foi como o de dois namorados que fugazmente se vêm, amedrontados de que alguem os veja.

Falamos ambos emocionados, receiosos.

Nós, que, pelo telephone, palestravamos tão animadamente, encontravamo-nos embaraçados ao cruzar os olhares.

Eramos dois namorados burguezes. Nada diziamos.

Contentámo-nos em transmittir as nossas emoções através o brilho dos olhos.

Foi rapido o encontro. Ambos desejavamos fuir do local em que estavamos.

No dia immediato, á mesma hora, pelo telephone, ridicularizámos o nosso embaraço. Rimo-nos muito relembrando palavras, gestos e attitudes. Ao par disso, lamentámos que não estivessemos novamente um ao lado do outro.

E, assim, os dias foram ficando para traz e com elles as semanas e os mezes.

Já eramos intimos amigos. Não havia segredo que ella não me contasse, e eu não tinha reserva ao narrar-lhe factos da minha vida.

Viviamos numa perfeita communhão de pensamentos.

Falavamos muito em literatura, discorriamos longamente sobre amôr e, com a experiencia que tinhamos, viamos os factos, não apenas na esphera espiritual da fantasia, mas tambem pelas suas consequencias na vida real.

Mais alguns encontros e sempre o mesmo acanhamento, quando um face a face do outro.

Pelo telephone, no emtanto, a intimidade progredia. Já nos despediamos trocando beijos.

Certa vez, deveres profissionaes afastaram-me do Rio. Despedi-me della e julguei que ahi terminava nossa interessante aventura.

Passaram-se os annos e com elles veiu um pouco de esquecimento.

No regresso á capital brasileira, entrei novamente na vida agitada da metropole. Vida de afazeres, de vertigem. No meio dessa vertigem, recordei-me de Nice. Procurei lembrar-me do seu antigo telephone, e liguei o apparelho. Uma voz rouca de homem respondeu-me do outro lado do fio. Tive dura decepção; aquelle não era mais o seu telephone. Mudára-se a namorada do fio telephonico.

A decepção trouxe o desejo de vêl-a, augmentado pela impossibilidade de realizál-o.

Um dia, o telephone da redacção tocou e me chamaram.

Procurei attender e de alegria encheu-se minh'alma. Era Nice que reencetava a nossa amizade.

Fiz-lhe ver o desejo de um encontro.

Ella se mostrou tambem desejosa de me tornar a ver.

Ahi, o nosso encontro já não foi tão banal. Estavamos, apesar da longa separação, mais intimos.

Não nos prendiam o acanhamentos e a timidez.

Tomámos sorvete, palestramos vivamente e separámo-nos.

No dia immediato, eu já aguardava o telephonema, ansiosamente. Ella me falou e reencetamos, então, o periodo de devaneios que entretinhamos através do fio.

Então, eu não era mais o homem que se contentava apenas com aquellas palestras. Desejava mais; queria-a toda.

Ella tambem já era mais mulher.

Certa vez, domingo chuvoso, combinámos um passeio...

Fomos como dois pacatos namorados.

Voltámos como dois ardentes amantes.

Dei-lhe, então, o primeiro beijo, que foi a chamma que incendiou um paiol. Esse incendio não poude ser dominado, nem mesmo pela chuva que cahia no dia em que teve inicio.

Passámos a ser dois entes que formavam uma só alma.

Ella, então, estava quasi totalmente livre. Victima do amor, acreditára cegamente no homem que era toda sua alma, mas, elle, como todo o homem, fracassára.

A sua ligação, agora, era quasi que para manter uma situação que não podia ser desfeita de um momento para o outro.

Esquecendo esse pequeno obstaculo, eu continuava a me considerar toda a sua alma.

Acreditava em seu amor, convencido de que, sincera e bôa, ella não me faria ter uma decepção.

E assim passamos a viver, a alimentar um amor que nasceu de um acaso, através de um fio telephonico, e que, pouco a pouco augmentando, uniu dois entes de almas gemeas.

PEDRO MATTOS

O FALSO IRMÃO

(SHERLOCK HOLMES — Por CONAN DOYLE)

(Continuação do numero anterior)

O velho Titchburu notara sem duvida o amor que sua filha pelo primeiro caixeiro da casa, Luiz Bourgueil, francez de origem.

De mais, tinha por elle a maior estima e convidava-o todas as noites e ao velho Dickens para jogarem uma partida ou palestrarem os tres fumando um bom charuto.

Infelizmente nunca os dois namorados se abriram para com Titchburu, nunca lhe confessaram o seu mutuo amor; se o houvessem feito, apesar de Luiz ser pobre e Flora herdeira de um millionario elle teria consentido de bom grado no casamento.

Flora ainda não tinha pensado em falar deste amor ao seu irmão.

Luiz soube com viva indignação a affronta com que Arthur ferira o velho guarda livros.

— Flora, disse elle á sua namorada, é preciso que penses a ferida sangrenta deste pobre velho. Urge que vás ter com teu irmão, que lhe expliques o que Dickens foi para teu pae e o que ainda é para ti e para todos nós, e que comsigas delle que lhe peça desculpa.

— Vou immediatamente, exclamou Flora.

"Não, tio Dickens, tu não te vaes embora! Seria uma desgraça para a nossa casa!

"Vou falar immediatamente a meu irmão.

Flroa deixou-se pender nos braços do seu namorado e nelles inclinou a sua cabecinha loura. Emquanto Borgueil a olhava extasiado e ia tocar com os labios nos cabellos perfumados de Flora, a porta abriu-se bruscamente e entrou Arthur Titchburu.

Alvoroçou-se como se tivesse pisado uma serpente.

— Que significa isto?... perguntou com voz aspera.

"Flora, és tu que eu vejo nos braços desse homem, que é meu empregado?

"E aqui no gabinete do sr. Dickens?

"Oh! oh! Agora vejo que o conluio tramado contra mim é mais grave do que eu suppunha, porque della é cumplice minha irmã.

Flora empallideceu, depois ruborisou-se.

Soltando um grito fugiu dos braços de Luiz e resolutamente dirigiu-se ao homem da barba loura.

— As minhas relações com Luiz, disse com voz firme, tu virias a sabel-as hoje mesmo.

"Prometti secretamente casar com elle e em breve o hão de saber todos.

"Queria falar comtigo, meu querido Arthur, proseguiu Flora, porque acabo de saber que affrontaste tio Dickens.

"Fizeste-o por certo num momento de perturbação e seria indigno de ti não reconsiderares.

"Rogo-te pois, que lhe estendas a mão e lhe digas que estás arrependido das palavras que proferiste.

— E eu peço-te que te retires para casa immediatamente, rugiu o banqueiro.

"Ali governas tu, aqui mando eu.

"E faze favor de hoje em deante de não te intrometteres com esta gente nos meus negocios.

"Dickens vae sahir immediatamente desta casa: apresentou-me a sua demissão e eu acceitei-a.

"Quanto a esse senhor, continuou, medindo Luiz da cabeça aos pés, com um olhar de desprezo, eu lhe cortarei cerce as habilidosas especulações que projectava sobre a tua fortuna.

"Despeço-o tambem, e é minha vontade que saia immediatamente.

— Nada mais honroso para mim, replicou Luiz com a voz entrecortada de colera e de dor, do que acompanhar Dickens no caminho que nos separa para sempre do senhor.

"Quanto ás habilidosas especulações de que me accusa, é uma offensa que caro lhe custaria se não me detivesse a lembrança de que o senhor é irmão de Flora."

"Sou official de reserva em França e havia de me bater comsigo se eu não tivesse a descomfiança d[...]

FOGUETES E BALÕES...

DE ARY KERNER

Noite de junho...
Mez de São João...
O céu parece um alvo picotado
Pela luz das estrellas...
Dos balões que se vão...

Subir! Subir!
E' o sonho que os domina!
Atravessar a candida neblina...
Passar além das nuvens... muito além...
Pra ver, talvez, o que nem todos vêm...

Eis que passa um foguete audacioso...
Mais velóz do que todos... mais possante
Procurando, por certo, ir mais distante...
Batem palmas, sorrindo, a multidão
De creanças, ao vêl-o, victorioso,
Atravessar um timido balão...

que durante os nove annos que o senhor teve na America, praticou actos que o tornam indignos de cruzar a espada com um homem honrado!

— Canalha! é a mim que... rugiu Arthur, espumando de raiva.

— Canalha! ah! isto só se lava com sangue.

Os dois contendores iam precipitar-se um contra o outro.

Mas o velho Dickens e Flora lançaram-se de permeio.

Então Arthur agarrou a irmã pelo braço e empurrando-a para a porta, vociferou:

— Nunca mais verá este homem, fica a meu cuidado. Sou o chefe da familia e tens que me obedecer. Vamos, vem commigo! E quanto aos senhores dois, saiam immediatamente.

— Cedo á violencia, replicou Flora.

"Mas, Luiz, fica-me o teu amor e mantenho o meu juramento.

E desappareceu transpondo a porta, seguida do irmão.

O velho caixa e Luiz Bourgueil entreolharam-se tristemente por um momento. Por fim Dickens disse com voz sumida.

— Foi uma desgraça para nós elle voltar da America!

— Mil vezes antes nunca elle tornasse a Londres.

— Era um fidalgo quando partiu. Hoje é um bruto!

CAPITULO V

O CAIXEIRO LADRÃO

— O senhor solicita o logar de primeiro caixeiro agora vago na minha casa?

Foi com estas palavras que Arthur Titchburu acolheu um homem alto, cujo aspecto estava dizendo que elle tinha vivido longos annos curvado sobre os livros, sentado numa cadeira de braços a alinhar e a sommar interminaveis columnas de algarismos.

Era em summa um individuo de apparencia respeitabilissima.

O corpo magro, trajava uma sobrecasaca preta abotoada até acima, accusando dez annos de uso, apparecendo apenas uma orla estreita do collarinho.

As calças pretas desciam sobre botas de verniz; as mãos, calçadas em luvas pretas, crispavam-se febrilmente num chapéo alto escrupulosamente lustrado.

Motrava ser homem de meia edade.

Os cabllos alisados no topete faziam suspeitar uma cabelleira.

Tinha o bigode castanho espontado a kaiser.

— Tenho a honra de me apresentar a v. ex., disse elle com uma profunda cortezia, não isenta de certa humildade.

"Chamo-me Thomaz Silvestre, e desempenhei durante sete annos o cargo de caixeiro na grande casa Grenfield & Comp. de Edimburgo.

"Se o senhor quizer ter a bondade de examinar os meus attestados, elles aqui se encontram.

Emquanto proferia estas palavras Arthur relanceou rapidamente a vista para a figura do individuo que tinha na sua presença.

O typo não lhe desagradava.

Folheou attentamente os attestados que apresentava. Estavam perfeitamente em ordem e eram muito elogiosos.

Demais a casa Greenfield & C. de Edimburgo era sobremaneira conhecida.

Quem ali desse as suas provas era por força um empregado excepcional.

— Queira sentar-se, sr. Silvestre, disse o banqueiro.

"Estou na melhor disposição de o tomar ao meu serviço.

"Mas devo primeiro advirtil-o que exijo do senhor a mais escrupulosa fidelidade e dedicação.

— Póde contar commigo, sr. Titchburu. Todo o meu desejo seria permanecer na sua casa muitos annos. Farei pois todo o possivel por lhe agradar.

— Perfeitamente. E o seu ordenado?

— O sr. Titchburu dirá.

Titchburu propoz uma quantia com que immediatamente concordou o sr. Silvestre.

— E quando deseja que entre no exercicio das minhas funcções?

— Com a possivel brevidade, respondeu o banqueiro.

"Despedi recentemente dois dos meus empregados a quem reprehendi por umas certas falcatruas.

"Gostaria pois que o senhor entrasse em serviço já amanhã de manhã.

— Amanhã ás oito horas em ponto estarei no meu posto, respondeu Silvestre.

(*Continúa na pag. seguinte*)

O céu annuviou-se de repente...
A lua, glacial e displicente,
Deixou de illuminar o firmamento...
Os balões apagados... se sumiram
Levados pelo vento....

O foguete, na indomita ascenção,
Orgulhoso na sua ostentação,
Perdeu, de pouco em pouco, a força varonil...
E seu facho de luz, de brilho altivo,
Apagou-se, tambem, como o balão festivo...

* * *

Creaturas! Eu vos vejo claramente,
Na tragedia que vae na immensidão!
Tu... poderoso amigo, és um foguete...
Tu... sonhador... não passas de um balão...

* * *

Lá no alto o foguete se detém:
Como os balões... ha de cahir tambem...

Depois levantou-se, inclinou-se até ao chão e sahiu.

No dia seguinte de manhã foi pontual.

Poucos dias depois, mr. Titchburu, felicitava-se pela boa acquisição que acabava de fazer na pessoa do sr. Silvestre.

O sujeito agradava-lhe em extremo.

Trabalhava com a pontualidade de uma machina; era sempre o primeiro a entrar no escriptorio e o ultimo a sahir.

Além disto, tinha os livros escripturados irreprehensivelmente e mostrou-se, para com o banqueiro, de uma submissão que este sobremodo apreciava.

Ao cabo de oito dias, Silvestre explicou que os livros da casa não estavam escripturados com uma exctidão absoluta.

— Prometto-lhe, sr. Titchburu, que antes de quinze dias o deixarão de estar..

"Mas é preciso que de hoje até lá eu trabalhe nelles uma parte da noite.

"Peço-lhe pois o favor de me conceder autorização para isso.

— Que me diz? disse surprezo Arthur com um sorriso de mofa. E gabava-se o tal Luiz Burgueil, o tal francez, de ser um caixeiro exemplar!

— E o mais ligeiro exame bastará para o senhor se convencer que os livros não estão em ordem.

— Mas sem duvida! faça o meu caro amigo o possivel para reparar toda essa borracheira. Estou prompto até a gratifical-o pelo tempo que dedicar a esse trabalho.

— Oh! sr. Titchburu, não foi por interesse que lhe communiquei isto. Eu queria simplesmente pedir-lhe autorização para ficar no meu gabinete depois de fechar o escriptorio.

— Tem o meu consentimento.

"Diga que lhe entreguem a chave e não se esqueça de trancar o gabinete grande á noite, quando sahir.

"Aproveito o ensejo para lhe exprimir a minha grande satisfação e esperança de o ter por muito tempo na minha casa.

— E' tambem esse o meu maior desejo, sr. Titchburu, tornou Silvestre, erguendo os olhos para o céo como a tomal-o por testemunha da sinceridade das suas palavras.

Nessa mesma tarde, Silvestre não se retirou á mesma hora que os demais empregados. Ficou allinhando extensas columnas de algarismo nos seus livros, sem levantar a cabeça uma só vez.

O mesmo aconteceu na segunda e na terceira noite.

Por cima da sua carteira ardia um bico de gaz emquanto as demais luzes estavam apagadas em todos os compartimentos occupados pelo banco, até nos que eram reservados para gabinete particular do director.

Titchburu tinha ido aquella noite ao espectaculo.

O infatigavel empregado deixava sem repouso a penna correr sobre o papel.

Subitamente, deteve-se. A pendula do escriptorio acabava de bater dez horas.

Levantou-se sem ruido e poz-se á escuta.

— Está tudo em silencio, murmurou, posso trabalhar.

"Mas prudencia! O sujeito anda desconfiado... Talvez até me quizesse armar uma ratoeira com a ida ao theatro. Verdade é que Harry ha uma hora que me deu signal combinado, tres pequenas pancadas na janella para me fazer sciente de que o patrão tinha realmente sahido.

O garoto devia tel-o seguido até á bilheteria para ter a certeza de que elle entrava na sala de espectaculo. Posso portanto estar socegado.

Apesar de tudo convem estar alerta.

E o falso Thomaz Silvestre em quem o leitor já reconheceu o policia Holmes, puxou do revolver e examinou com todo o cuidado se elle tinha todas as cargas, depois do que tornou a mettel-o na algibeira.

Chegou-se sem ruido á escada de caracol que conduzia ao gabinete do director.

Ali, parou, poz-se outra vez á escuta e, não ouvindo nada, subiu silenciosamente a escada. Chegou em frente da porta do gabinete.

Estava fechada. Mas havia em Inglaterra ou no continente mesmo em qualquer parte do mundo alguma porta que Holmes não pudesse abrir? As suas maravilhosas chaves falsas, por elle proprio fabricadas, abriam todas as especies de fechaduras; não havia nenhuma que lhe resistisse.

Não gastou portanto muito tempo para abrir aquella porta.

Depois entrou.

A claridade da lua penetrava pelas duas janellas do gabinete, um compartimento de pequenas dimensões e cujo chão era atapetado.

Era pois facil a Sherlock Holmes orientar-se dentro da casa, ainda que isto lhe fosse inutil. Havia muito já que o conhecia nos menores recantos e bem assim todos os objectos que lá estavam.

Havia ali a secretaria do banqueiro munida de duas gavetas grandes com excellentes fechaduras.

Encostado á parede proxima do lado da secretária via-se um grande cofre. Era um armario de ferro de solida construção, segundo indicava a marca da fabrica, uma das primeiras da Inglaterra.

— Demos primeiro uma vista de olhos á secretaria — disse elle comsigo. As fechaduras são muito complicadas, mas espero coneguir resultado.

"E' preciso alguma luz. A da lua não basta para este trabalho.

Tirou da algibeira uma lanterna de furta fogo. Carregou com o dedo num botão e produziu-se um jacto de luz electrica. Depois muniu-se do seu "espelho para fechaduras" e poz-se a examinar attentamente com que qualidade de fechadura se tinha de haver. Introduziu então uma chave e abriu a gaveta sem nenhuma difficuldade. Continha só papeis sem importancia.

Holmes abanou a cabeça. Na outra gaveta não achou nada tambem que pudesse interessal-o. Levantou-se, foi direito ao cofre e afagou-o com a mão dizendo:

"Agora nós dois!

Nesta época os unicos cofres em moda em Inglaterra abriam-se por combinações de letras.

Na porta do cofre via-se uma peça com todas as letras do alphabeto.

Estes caracteres de metal eram em relevo sobre a placa.

A porta do cofre abri-se como é sabido, com a chave "ad hoc" quando se dispunham as differentes letras da palavra combinada, em frente de um risco. Sherlock Holmes alumiou o luar com a lanterna e ficou a pensar um momento.

Que combinação arranjaria elle? Vejamos: não seria azado applicar a regra geral de que um criminoso que opera com um nome supposto se serve a miudo do nome verdadeiro? Se assim é a porta deve abrir-se com a combinação "Patrick" ou "Scott". Experimentemos o pronome.

E principiou a fazer tirar as placas e fel-as marcar successivamente um P, depois um A e continuou até o K.

Depois tirou da algibeira a chave que tinha mandado fazer para este fim. O celebre policia estava relacionado com todas as grandes fabricas de cofres da Inglaterra e estas, de bom grado, davam-lhe as chaves de que elle prcisava.

Apnas a introduziu na fechadura logo sentiu o mechanismo funccionar.

Holmes tinha acertado á primeira vez com a verdadeira combinação.

A pesada porta abriu-se vagarosamente; Holmes notou logo um compartimento onde havia um certo numero de moedas de ouro e de prata.

Num outro, Sherlock Holmes percebeu uma carteira contendo uma quantia de cerca de mil libras esterlinas em notas do banco. Não era isto porem o que o policia procurava.

Anciava por outra coisa: queria descobrir algum indicio que pudesse informal-o do passado do homem que era agora o chefe daquella casa.

Mas abanou a cabeça, descoroçoado.

"Vejamos, para que hei de incommodar-me inutilmente? murmurou.

"Os velhos principios criminalistas comtudo verificaram-se absolutamente com aquelle intrujão.

"Basta a palavra Patrick, de que se serve para fechar o cofre, para provar á evidencia o que busco.

"Mas é uma prova simples de mais para a justiça e baseando-me nella eu nunca conseguiria um mandado de captura contra elle. Preciso duma prova evidente de que Arthur Titchburu e Patrick Scott são uma e a mesma pessoa, e que este occupa aqui um logar que só deve a um crime e que este crime foi sem duvida o assassinato do verdadeiro Arthur Titchburur.

"Deve tel-o conhecido, ter-se tornado seu intimo e ter sabido por elle todo o seu passado. Encontraram-se na America. Naquelle paiz depressa se travam amizades, mormente nos despovoados.

"Mas o que é isto?

"Acaso haverá um esconderijo?

"E' verdade, ali atraz. Oh! é um cofre cheio de segredos.

O policia estendeu a mão e apalpou no fundo uma chapa de ferro que fechava hermeticamente um dos compartimentos.

— Vejamos, deve haver aqui alguma mola de segredo, que faça mover esta chapa. Vamos lá a ver.

"Mas devia haver alguma coisa sobre esta chapa que denunciasse a existencia da mola e não encontro nada. Procuremos outra vez.

Introduziu então a lanterna furta fogo no interior do cofre e poz-se a examinar minuciosamente a parede.

Na sua superficie negra não havia coisa alguma

(Continúa na pag. seguinte)

que levasse a uma conjectura. Nada, nem a menor saliencia.

Sherlock Holmes abanou a cabeça, pensativo.

Mas de subito crispou-lhe os beiços um riso mudo.

— Onde tenho eu hoje a cabeça?

"Mas decerto, sim este é um dos sete famosos cofres de Durban & C. de Sheffield.

"Exacto, é um dos sete famosos cofres que se podem abrir por deante e por detraz.

O policia notou então que o cofre não estava completamente encostado á parede, mas que estava della afastado uns cincoenta centimetros, de modo que elle podia com toda a facilidade passar-se para um nicho que tinha sido aberto por detraz do movel.

Ao cabo de alguns instantes de exame descobriu uma pequena saliencia do tamanho duma erviiha na parede de ferro. Era sem duvida a mola do mecanismo secreto.

Carregando nesta especie de botão, mostrou-se uma abertura na parede posterior do cofre.

A perspicacia do policia tinha tido razão mais uma vez para desconfiar da malicia dos homens; o compartimento secreto estava aberto e nelle projectou a luz da lanterna.

— Uma faca! exclamou elle, e tirou do compartimento secreto uma grande faca com o cabo de madeira, com uma lamina comprida, larga e afiada.

"Uma bella faca de carniceiro! disse elle, é o que é; Patrick Scott levou-a talvez para a America como lembrança da sua antiga profissão prevendo qualquer homicidio eventual.

"Examinemos esta lamina com attenção.

Pegou na faca, sentou-se deante da mesa e com o auxilio duma lente que augmentava como um microscopio, examinou cuidadosamente o gume da faca.

"Ora aqui está uma manchasinha escura. Pode muito bem ser sangue humano. Ah! Ah! e um cabello loiro, quasi flexivel ainda. E' com certeza um cabello, não é um pelio de animal.

Foi outra vez para o recanto e proseguiu as suas pesquizas. A primeira coisa que lhe cahiu debaixo das mãos foi um relogio de algibeira, de prata, preso a uma cadeira muito modesta.

Abriu a caixa e leu estas palavras "Ao meu querido filho Arthur como lembrança de seu pae Felippe Titchburu.

— Isto, murmurou Sherlock Holmes, trouxe-o elle para provar a sua identidade. Vamos a ver em que horas está parado; duas horas e quarenta. Não me esquecerei. E é quanto ha, não existe mais nada no compartimento secreto. Ah! sim, uns papeis, uma carteira que contem com certeza alguns documentos.

Era uma velha carteira de couro muito velha; o policia levou-a comsigo para o pé da mesa.

Tirou primeiro uma pequena folha de papel onde estavam algumas palavras escriptas a lapis. Era provavelmente uma conta que ali tinham traçado.

No meio desta conta viu um grande ponto negro por baixo do qual havia a palavra "Sacramento".

Cortava-a um traço que representava o curso do rio designado pelo nome de Hakon River.

Aproximadamente ao meio rio, estava figurado um traço que ia dar a uma figura com que o improvisado desenhador quiz representar umas montanhas.

Ao meio destas montanhas estava uma cruz e ao lado da cruz as palavras "A cabana".

"Está-se a ver, disse Holmes sorrindo; partindo de Sacramento, segue-se o curso do Hakon-River e dahi chega-se aos montes Apaches.

"Nestas montanhas, ha uma cabana, provavelmente uma cabana de exploradores de ouro. Lá dentro devia-se ter passado alguma coisa, que muito importa a Arthur Titchburu ou antes a Patrick Scott que tracejou este esboço para se lembrar onde fica situada a cabana.

"Talvez exista ali nos arredores uma mina d'ouro.

"E' muito possivel.

"Ou então fez esta planta para conservar a lembrança de algum facto.

"Em todo o caso, vale a pena tirar uma copia.

Foi trabalho de alguns minutos.

Depois o policia tornou a metter com todo o cuidado todos os papeis na carteira, que com a faca e o relogio tornou a pôr no compartimento secreto. Tornou a fechal-o depois do que sahiu do recanto e dispunha-se a fechar a porta grande do cofre mas neste mesmo momento pousou-lhe no hombro a mão de alguem que com a voz suffocada pelo medo, clamou:

— Ladrões! Soccorro!

Com uma das mãos Sherlock Holmes agarrou no revolver e com a outra, voltando-se, empurrou a figura humana que viu na sua presença.

Não era um homem quem elle empurrava, mas uma menina; era Flora que olhava para elle pallida de susto! A irmã de Titchburu lançou um olhar de indizivel desprezo a quem ella tomava por um ladrão e gritou:

— E foi a este homem que meu irmão confiou a direcção da nossa casa! Realmente não podia acertar melhor. Acabo de o surprehender disposto a abrir o cofre com uma chave falsa.

— Se é a miss Flora Titchburu, respondeu friamente o policia, que eu tenho a honra de falar, felicito-me pelo feliz acaso que me colloca na sua presença porque tenho que lhe fazer uma communicação da maior gravidade.

(*Continúa no proximo numero*)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ..... 48$000
Semestre (26 ») ..... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ..... 70$000
Semestre (26 ») ..... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ..... 78$000
Semestre (26 ») ..... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ..... 115$000
Semestre (26 ») ..... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barroso
THESOUREIRO: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136
Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97
Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

Comptoir Internacional de Publicité Garçon & Levindrey Rue Trenchet, 9 — France — Paris VIII Ludgate Hill. Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ..... 1$500